

Camila Junqueira Ruiz

**“A VIDA EM MOVIMENTO: COMO É PARA OS PAIS E PARA OS FILHOS?”**

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2010

Camila Junqueira Ruiz

**“A VIDA EM MOVIMENTO: COMO É PARA OS PAIS E PARA OS FILHOS?”**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof. Dr./Profa. Dra Flávia Arantes Hime.

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2010

## AGRADECIMENTOS

- Agradeço aos meus pais pelo incentivo e apoio nos estudos. Ao meu pai por me ajudar a enxergar a vida de uma maneira mais “leve” e a minha mãe pelo interesse no meu curso e no tema do meu trabalho, o que nos proporcionou momentos de muito diálogo e crescimento.

- Agradeço aos meus irmãos, que por sermos tão diferentes sempre me ajudam a enxergar a vida sob um ponto de vista diferente.

- Agradeço ao meu namorado pela troca de experiências e apoio durante o processo deste trabalho, me incentivando e comemorando cada conquista que tive.

- Agradeço ao meu terapeuta por todas as nossas conversas sobre este assunto, questionando meu ponto de vista e ampliando minha maneira de pensar.

- Agradeço a minha orientadora porque sem ela este trabalho não teria sido tão prazeroso como foi; desde o início ela sempre me tranqüilizou quanto ao processo do trabalho e durante o percurso sempre foi muito presente, atenciosa e carinhosa o que me incentivou a produzir mais e melhor.

- Agradeço a minha parecerista pelo interesse e pela disponibilidade para ler o meu trabalho.

- Agradeço todas as minhas amigas, principalmente: Lu, Dri, Le, Ana, Bá e Van que sempre estiveram do meu lado, demonstrando muito interesse pelo meu trabalho e dividindo os momentos de alegria e ansiedade.

- Agradeço as minhas primas: Adriana e Lucila pelo carinho e compreensão de sempre.

- Agradeço a Tia Denise por ser tão presente na minha vida dando bons conselhos e exemplo de força e amor, que me auxiliou neste trabalho e me auxilia na vida.

- Agradeço a Tia Mariângela e o Tio Mansueto que sempre me acolhem como filha, e me proporcionam momentos de muito diálogo e troca.

Camila Junqueira Ruiz; “A vida em movimento: como é para os pais e para os filhos?”, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Flavia Arantes Hime

## **RESUMO**

Este trabalho visou compreender o ciclo de vida familiar, com foco na fase de “lançar os filhos” (Carter e Mc Goldrick, 1995). O objetivo foi entender como se dá a diferenciação do jovem em relação à família de origem e sua busca por autonomia, ou seja, o aumento das responsabilidades acadêmicas e/ou profissionais e futuros relacionamentos sociais, afetivos e agenciamento, ou seja, a capacidade de fazer escolhas e arcar com as conseqüências decorrentes. O estudo focalizou a visão dos jovens, que estão vivendo esse momento e, também, a visão dos pais, para compreender como lidam com essa mudança na família.

A abordagem utilizada foi a sistêmica: primeiro, pela possibilidade de maior conhecimento deste olhar e, segundo, por esta se propor a compreender o indivíduo relacionado com outros sistemas, dos proximais aos distais, como, por exemplo, a família e a sociedade em geral, numa relação de influência mútua.

O modelo de pesquisa utilizado foi o estudo descritivo qualitativo. O instrumento foi entrevista semi-dirigida e os participantes foram: uma jovem adulta de 22 anos e um casal de pais (mulher 53 anos e homem 55 anos) com filhos de 22 e 24 anos.

A relevância do meu trabalho é contribuir para a compreensão deste momento do ciclo de vida familiar, confirmando conhecimentos já adquiridos ou ampliando-os. Estas informações poderão ser úteis, para a psicologia, na intervenção, tanto em promoção de saúde, quanto profilaxia ou terapia das relações familiares. Para as pessoas, porque todas enfrentam, em maior ou menor grau, essa fase, sejam como pais ou como filhos. Para a sociedade, pois a pesquisa gerará dados sobre a sociedade contemporânea, que vive

transformações tão intensas em todos os âmbitos, já que há recursividade entre o âmbito pessoal e social (Giddens, 1993).

Este estudo revelou que a etapa do lançamento do filho da casa dos pais é um momento delicado no ciclo de vida familiar. Esta etapa pode ser vivenciada pela família de duas maneiras: a primeira é encará-la como um período negativo de crise, a segunda é encará-la como uma etapa natural de reestruturação familiar. Na primeira, as relações familiares possivelmente são permeadas por brigas e discussões, caracterizando assim, um pseudo-lançamento do jovem adulto da casa dos pais. Na segunda, para que a saída do filho da casa dos pais seja vivenciada como uma etapa natural e saudável do desenvolvimento humano é preciso que as fronteiras sejam flexibilizadas e as relações se tornem mais horizontais, as hierarquias devem-se persistir e, assim, estas atitudes garantirão uma diferenciação segura do filho de sua família de origem e permitirão que o relacionamento entre as gerações seja pautado no amor, no diálogo e no respeito.

**Palavras Chaves:** Família, Pais, Filhos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
1. CAPÍTULO I A FAMÍLIA COMO UM SISTEMA, AS MUDANÇAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR E AS DIFERENÇAS DE GÊNEROS.....	9
2. CAPÍTULO II A MEIA IDADE E LANÇANDO OS FILHOS.....	25
2.1 O LANÇAMENTO DO FILHO.....	33
3. CAPÍTULO III A PREPARAÇÃO PARA O LANÇAMENTO.....	36
4. CAPÍTULO IV MÉTODO .....	43
5. CAPÍTULO V RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
5.1 PRIMEIRA ENTREVISTA.....	46
5.2 SEGUNDA ENTREVISTA.....	71
6. CAPÍTULO VI CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
ANEXO I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
ANEXO II: Primeira Entrevista	
ANEXO III: Segunda Entrevista	

## INTRODUÇÃO

Pensar sobre a vida como um “fenômeno” em movimento é compreender que viver é tanto caminhar como parar para refletir. A vida é estabilidade e mudança, progresso e retrocesso, ruptura e continuidade, é arriscar-se ao novo e prender-se ao conhecido. Durante todo o ciclo vital nos percebemos frente a transformações, que requerem novos posicionamentos, escolhas e muitas vezes corremos riscos, principalmente quando nos apropriamos destas opções, nos responsabilizamos e nos comprometemos com as conseqüências de nossos posicionamentos. É essa realidade, enfrentada de modo ainda mais intenso, que o indivíduo jovem-adulto encara, pois está se preparando para enfrentar o mundo por si mesmo, ou como dizem popularmente, “com as próprias pernas”. Essa mudança influenciará diretamente o sistema familiar, exigindo uma reestruturação.

Neste trabalho de conclusão do curso de psicologia, vou pesquisar como os pais podem contribuir para a independência de seus filhos com foco na etapa em que estes passam da fase da adolescência e vão para a fase adulta, lançando-se para novas “posições” e novos desafios na vida. E como os filhos enfrentam essa transformação em sua vida.

No meu entendimento, se tornar adulto é o caminho que o indivíduo trilha para alcançar sua independência financeira e emocional da sua família de origem. É começar a enfrentar suas próprias responsabilidades conquistando autonomia de sua vida. Visando este objetivo, Carter e Mc Goldrick (1995) dizem que essa mudança para o *status* de adulto requer uma forma de relacionar-se ainda mais respeitosa e pessoal, em que os filhos podem aceitar os pais como eles são sem a pretensão de transformá-los e sem culpá-los por aquilo que não foram ou que não fizeram. E que os pais aceitem a diferenciação do filho (a) e não sejam invasivos quanto aos limites por este (a) colocado. Assim, é a fase em que o (a) filho (a) se discrimina da sua família de origem buscando ir ao encontro de novas possibilidades de futuro, que estão relacionadas aos objetivos pessoais de vida como carreira e relacionamentos. Carter e Mc Goldrick (1995) enfatizam essa fase como sendo um momento único e essencial na vida dos seres humanos porque é quando o (a) filho (a) se diferencia em relação à família de origem,

antes de possivelmente associar-se afetivamente a outra pessoa para constituir um novo subsistema familiar.

A partir disso, as minhas perguntas são: como os pais lidam com esta “separação” dos filhos? Que atitudes facilitam ou dificultam o processo destes de tornarem-se mais confiantes para enfrentar o mundo? E, em contrapartida, como é para os filhos esta fase de busca de sua independência? O que pensam sobre essa “separação” da família e como a significam? E como encaram suas responsabilidades?

Pretendo compreender como ocorre essa fase nova, do “lançamento dos filhos”, longa e potencialmente crítica do ciclo de vida familiar, porque gera uma reestruturação do sistema-família, ocasionada pela saída de um membro (filho ou filha) de casa, o que gera um “choque de realidade” aos pais que vão sentir, mais do que nunca, a sensação de que estão se tornando “desnecessários”, no sentido de que os filhos não precisam mais primordialmente de seus cuidados exercidos de forma hierárquica para viver. Por isso, agora é importante estabelecer um novo modo de relacionamento entre pais e filhos, que não seja mais de controle e proteção e sim de segurança e respeito. Esse trabalho está estruturado sobre esta transformação, com foco na relação entre pais e filhos, segundo a visão da perspectiva sistêmica.

Ao pensar em relações, vejo que estas são estruturais e estruturantes na vida do ser humano. Isso se clarifica a partir da teoria do apego de John Bowlby (1990), por exemplo, a qual enfatiza que é a partir da primeira relação do bebê com a mãe ou com um cuidador principal que estabelece-se no indivíduo uma representação internalizada, chamada de modelo funcional interno. E essa primeira relação servirá como um modelo na vida da pessoa que irá influenciar diretamente os seus relacionamentos futuros, ou seja, segundo Bowlby, uma criança que tem em sua experiência um modelo seguro de apego vai desenvolver expectativas positivas em relação ao mundo, acreditando na possibilidade de satisfação de suas necessidades. Já outra criança, com um modelo menos seguro, poderá desenvolver em relação ao mundo expectativas menos positivas. Estas relações com os progenitores e as que vamos desenvolvendo ao longo da vida contribuem para explicar o que pensamos, o que sentimos e o que aprendemos. Portanto, é nas relações com os outros que nos estruturamos e o nosso eu se constrói, nas suas múltiplas manifestações. E assim, percebemos que as relações precoces vão ter

um papel fundamental na construção de futuros relacionamentos e na construção da individualidade do sujeito.

A sistêmica foi minha perspectiva escolhida para tratar este tema, primeiro pela possibilidade de maior conhecimento desse modo de entender as relações, já que enfocá-las é o meu intuito neste trabalho: acho essencial analisar o ser humano nas suas relações já que é a partir delas que nos tornamos humanos.

Esta perspectiva também contribui significativamente para a compreensão da importância dos vínculos no desenvolvimento humano, pois, segundo Sluzki (1997), a rede social é soma das relações que um indivíduo percebe como significativas ou diferenciadas da massa anônima da sociedade, sendo assim fundamental para o autoconhecimento do indivíduo e para construção da sua auto-imagem.

Essa compreensão da sistêmica é muito válida e contribui para reflexão do caráter de “movimento” da vida, já que esta por ora tem como tema as ligações e ora a maior autonomia. A separação e a relação são duas vertentes que vão se entrecruzando ao longo do ciclo vital: o bebê tem na mãe ou no seu cuidador principal sua fonte de segurança e confiança que se constrói na relação de apego; Bowlby (1990) diz que o bebê vê a mãe como uma base segura, a partir da qual, ele poderá explorar o mundo e experimentar novas relações; a criança escolar desenvolve relações de afiliação, além de continuar tendo nos pais sua base de segurança; o adolescente discrimina-se de sua família, mas, procura no grupo referências de identidade que se tornará singular com o processo de construção de si; o novo casal vincula-se formando um sistema, e tem como desafio harmonizar individualidade e conjugalidade. E desta forma, até o final do ciclo vital pessoal e familiar, autonomia X ligação se cruzam.

Apesar da semelhança na construção do modelo funcional interno, é importante ressaltar as diferenças de gênero existentes na formação da personalidade, como exemplo, Gilligan (1982) aponta: para os meninos e homens, separação e individuação acham-se criticamente vinculadas à identidade de gênero, visto que a separação da mãe é essencial para o desenvolvimento da masculinidade. Para meninas e mulheres, questões de feminilidade ou identidade feminina não dependem da consecução da separação da mãe ou do pai. Diante disso, uma vez que a masculinidade define-se por

meio da separação, a feminilidade define-se por meio do apego: assim, a identidade de gênero masculina é ameaçada pela intimidade, ao passo que a identidade de gênero feminina é ameaçada pela separação.

Essa diferença de gênero revela-se na vida familiar na fase da adolescência dos filhos, pois estes estão construindo sua personalidade e se afastam um pouco dos pais, não querendo mais cuidados excessivos, principalmente vindos da mãe que ainda é socialmente reconhecida como a cuidadora principal. Com isso, as mães que só se dedicaram aos filhos, podem passar a desenvolver atitudes mais autoritárias e controladoras, com medo de perdê-los. Isso pode ter uma repercussão negativa, gerando brigas e discussões desnecessárias na família, já que este movimento dos filhos, de separação e diferenciação é natural.

Atualmente, em consequência de grandes transformações culturais, sociais e tecnológicas que permeiam a sociedade contemporânea, a família está passando por muitas mudanças, sobretudo no que diz respeito à relação entre dependência e autonomia dos membros da família. Percebe-se, principalmente em nossa realidade, um prolongamento da adolescência, ficando os filhos por mais tempo numa relação de dependência, principalmente econômica dos pais. Este é o fenômeno “ninho cheio” que está presente na nossa sociedade brasileira da atualidade. Isto pode gerar conflitos, por exemplo, quando, tornando-se jovens adultos, os filhos já conquistaram prerrogativas adultas, mas permanecem vivendo na casa de seus pais sob seus cuidados e controle.

Outro ponto fundamental que revela mudanças no sistema familiar é o fato de que a cada dia vem sendo mais questionados os papéis tradicionais de homem provedor e mulher cuidadora do marido, dos filhos e do lar. Já existe um movimento rumo à simetria de papéis, em que ambos podem desenvolver papéis variados, de forma flexível. Para tanto, ainda é necessário que a sociedade se desprenda de parâmetros machistas, muito preconceituosos em relação à mulher, que ainda sofre as desigualdades de gênero presentes nas práticas e nos discursos.

A visão sistêmica, a partir de Coelho (2000, *apud* Amazonas, Lima e Dias, 2006) considera a família como um grupo social que contém regras de relação que se mantêm e se modificam, ou seja, indicam como o grupo se compõe e de que modo

estabelece as relações cotidianas experimentadas e vividas pelos seus elementos na organização das relações sociais. Isso nos torna mais claro que para entender os conflitos e as dinâmicas de uma família, é preciso compreender como ela se estruturou e como seus membros se desenvolveram ao longo do seu ciclo de vida.

A partir desta noção falaremos sobre o ciclo vital familiar, partindo de Carter e Mc Goldrick (1995), que considera-o como o contexto primário do desenvolvimento humano já que o desenvolvimento individual acontece dentro do ciclo de vida familiar. Fatores sócios - culturais - econômicos e outros influenciam a maneira como as famílias passam pelo ciclo vital e enfatizam que o processo subjacente a ser negociado é a expansão, a contração e o realinhamento dos sistemas de relacionamentos para suportar a entrada, a saída e o desenvolvimento dos membros da família. As autoras citadas consideram seis fases básicas pelas quais toda família, de classe média e alta, deve passar:

1º: Lançamento do jovem adulto solteiro: caracterizada pela separação do jovem adulto da sua família de origem, sem romper relações ou buscar um refúgio emocional substituto, já que a família é vista como a unidade emocional operativa do nascimento à morte.

2º: A união das famílias no casamento: o casal. É o estágio da união de dois indivíduos e a formação de um sistema marital.

3º: Famílias com filhos pequenos: a mudança para este segmento temporal requer maturidade dos adultos para cuidarem da geração mais nova, e o desenvolvimento do papel de cuidadores.

4º: Famílias com adolescentes: a adolescência marca uma nova época, pois assinala outra definição dos filhos dentro das famílias e dos papéis dos pais em relação aos seus filhos.

5º: Famílias no meio de vida, lançando os filhos e seguindo em frente: esta fase é considerada a mais nova e a mais longa do ciclo familiar, sendo caracterizada por vários desafios.

6º: Família no estágio tardio da vida: entre as tarefas próprias dessa fase está o ajustamento à aposentadoria, a aceitação da mudança dos papéis geracionais, bem como lidar com o declínio fisiológico, com a perda do cônjuge ou de parentes próximos e a preparação para a própria morte. Além dessas rupturas, há a vivência de continuidades, como tornarem-se avós.

A fase de “lançar os filhos” traz a necessidade de os pais buscarem uma nova relação com seus filhos, enxergando-os como seres autônomos e livres, afinal, agora todos (pais e filhos) são adultos. E dos filhos que devem mudar o seu *status* buscando estabelecer sua identidade no mundo do trabalho e nos seus relacionamentos íntimos, além de considerar os pais como um ponto de referência de amor e segurança e não mais de dependência; é a partir do relacionamento que tiveram com eles que devem buscar parâmetros para seus futuros papéis na vida.

Esta mudança de *status* pode acontecer com ajuda dos pais, que encorajam a independência dos filhos ou, quando isso não acontece, esta mudança se dá pela revolta e pelo afastamento do jovem adulto, num rompimento que leva a relações pseudo-independentes com seus pais.

Receber ajuda e apoio dos pais nesta fase de aquisição de autonomia sobre a sua vida, caminhando para independência, é essencial na vida dos filhos jovens adultos, pois assim eles não ficam “emaranhados”, ou seja, super envolvidos emocional e psicologicamente com a sua família de origem, o que os ajuda a definir um novo sistema aceitando as implicações do ciclo de vida familiar e da própria vida. Assim, o sucesso dos filhos, nesta nova fase, provavelmente, é mais determinado pela qualidade com que os relacionamentos familiares originais (com pais e irmãos) são renegociados, do que por qualquer outro fator.

Além disso, segundo Carter e Mc Goldrick (1995, *apud* Amazonas, Lima e Dias, 2006):

“A fase de lançar os filhos é a época da reorganização do casal como díade, uma vez que há várias entradas e saídas de novas pessoas no sistema familiar. Os

relacionamentos devem ser realinhados: os filhos já são adultos, relacionam-se com outras pessoas provenientes da inter-relação com outro sistema e que passam a fazer parte deste. Os pais devem preparar-se para o convívio com os netos e demais parentes e aprender a lidar com a incapacidade e morte dos seus próprios pais (avós)” (p.243).

A partir desta citação e do que já foi dito sobre esta fase do ciclo familiar de “lançar os filhos”, percebemos que nela há três crises alinhadas:

- A crise dos avós que estão repensando toda sua vida, estão se relacionando com várias gerações e estão numa fase em que precisam lidar, mais freqüentemente, com doenças, lutos e perdas.

- A crise dos pais, que estão na meia idade e estão lidando com a doença ou falecimento de seus pais, e/ou com esta passagem dos filhos de adolescentes para jovens adultos, juntamente com a perspectiva de como será o seu futuro. Para enfrentar essas novas questões da vida é importante que os pais se re-estabeleçam como um casal, resgatando objetivos pessoais, se preparando para receber os netos e, assim, aprender a conviver com uma “nova” família que está se constituindo. Apesar de já terem construído uma história até esta fase da vida, eles precisam e vão ter que mudar e, quanto melhor, como marido e mulher, o casal renegociar as questões de intimidade em seu “ninho vazio”, mais facilmente eles vão tolerar e desfrutar desta nova condição de suas vidas.

E, por último, a terceira crise, é:

- A crise dos filhos, que estão se tornando adultos, mudando seu *status*, como já foi dito, buscando sua independência emocional e financeira, tendo que traçar seus objetivos e seguir seus planos para o futuro que os aguarda.

É sobre essa fase de lançamento, uma realidade tão complexa envolvendo conflitos geracionais numa sociedade que se transforma constante e rapidamente, que tenho como objetivo compreender como os pais vivenciam a busca de independência de seu filho jovem-adulto. Será de forma saudável e natural, como um momento de desenvolvimento no ciclo vital ou de forma disfuncional, talvez permeada por brigas e

discussões, ou até silêncios e reflexões? É a partir desses diferentes modos de vivenciar essa fase do ciclo vital que busco analisar este processo complexo na perspectiva dos pais e também dos filhos, compreendendo o sentido atribuído ao movimento rumo à independência destes por ambas as gerações. As informações obtidas e as reflexões elaboradas a partir da fundamentação teórica poderão contribuir para que se discriminem os fatores e as condições favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento do ciclo vital da família.

A relevância do meu trabalho está em contribuir para a compreensão desta realidade, confirmando conhecimentos já adquiridos ou ampliando-os. Estas informações poderão ser úteis na intervenção psicológica, tanto de promoção de saúde, quanto profilaxia ou terapia das relações familiares. Além disso, a pesquisa gerará dados sobre a sociedade contemporânea, que vive transformações tão intensas em todos os âmbitos.

## **1. A FAMÍLIA COMO UM SISTEMA, AS MUDANÇAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO.**

*“A vida é a arte do encontro,  
embora haja tanto desencontro pela vida”.*

*Vinícius de Moraes*

O “pensamento sistêmico” é determinado em termos de conexão, de relações e de contexto, ou seja, de acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui e, é a partir das relações e das interações entre as partes que elas surgem. Assim, na perspectiva sistêmica as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo (Capra, 1996).

Estendendo essa visão sistêmica à família, dizemos que esta é um sistema multi-individual de extrema complexidade que possui subsistemas diferenciados e são, por sua vez, subsistemas de unidades mais amplas: a família extensa, a vizinhança, a sociedade como um todo.

Coelho (2009 *apud* Cerveny, 2006) considera a família, numa visão sistêmica, como uma instituição no ambiente funcional, ou seja, é um grupo social contendo regras de relação que o mantêm e o modificam: indicam como o grupo se compõe e de que modo estabelece as relações cotidianas experimentadas e vividas pelos seus elementos na organização das relações sociais. Para Osório (1996 *apud* Cerveny, 2006), a família é uma unidade grupal, onde se desenvolvem três tipos de relações pessoais – aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consangüinidade (irmãos). A partir de objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de sua identidade pessoal, a família construiu, no decorrer do desenvolvimento humano, funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

Assim, a família é um sistema que se move através do tempo: se caracterizou no passado por um modelo hierarquizado onde todos estavam reunidos sob autoridade do chefe e o que interessava eram os laços que uniam a geração e a transmissão dos bens e

das tradições. Com a modernização da sociedade a partir do surgimento do capitalismo que originou os processos de industrialização e urbanização, a família passou por mudanças, ganhou mais autonomia e os membros se tornaram mais independentes, sobretudo a mulher, que adquiriu maior espaço na sociedade. Também os métodos contraceptivos e a legalização do divórcio foram fatores que contribuíram para essas mudanças no meio familiar e fizeram com que a dicotomia homens provedores econômicos X mulheres provedoras emocionais, se abalasse, o que poderá dar espaço para um novo modo de organização no qual homens e mulheres compartilharão as mesmas funções, ambos provedores financeiros e emocionais.

Atualmente a tarefa da família em assegurar o bem-estar físico, emocional e afetivo de seus membros ainda sofre grandes transformações, devido às suas diversas formas de organização, como: a redução do número de filhos por família, o aumento da coabitação e de união consensual, a predominância de famílias nucleares (pai, mãe e filhos) com diminuição de famílias extensas, o acréscimo de pessoas que vivem sós, a ampliação de famílias recasadas e recompostas em consequência do aumento do número de separações, os divórcios e crescimento de famílias monoparentais, tendo mulheres como chefes de casa, as famílias homossexuais. Evidenciam as consequências do surgimento da pós-modernidade, impondo fenômenos que tornaram a família mais fragmentada (Bucher, 1999 *apud* Malischke, J. & Veloso, F. N. *in* Cervený, 2006). Diante dessa nova realidade não podemos mais falar da família como instituição padrão, fixa e invariável.

Para a perspectiva sistêmica as famílias possuem propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas, pois incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento, e os membros podem ir embora somente pela morte.

Os relacionamentos com os pais, irmãos e outros membros da família passam por estágios, na medida em que a pessoa se move ao longo do ciclo de vida. E, mesmo que as famílias tenham papéis e funções, o seu principal valor são os relacionamentos, que são insubstituíveis. Segundo Carter e Mc Goldrick (1995), a família compreende todo sistema emocional de pelo menos três gerações, e agora, freqüentemente, de quatro gerações.

As três ou quatro diferentes gerações devem acomodar-se simultaneamente às transições do ciclo de vida, ou seja, elas enfrentam crises simultâneas que dão o caráter de “movimento” à vida, pois enquanto uma geração está indo para uma idade mais avançada, a próxima está lutando com a saída dos filhos de casa, a terceira, em sua idade adulta jovem, está estabelecendo sua escolha por carreiras e relacionamentos íntimos adultos com seus iguais e tendo filhos, e a quarta está sendo introduzida no sistema. Existe naturalmente uma interdependência entre gerações e os eventos em um determinado nível têm um poderoso efeito nos relacionamentos em cada um dos outros níveis.

Para a perspectiva sistêmica a família é permeada por dois fluxos diferentes de ansiedade, sendo esta tanto “vertical” quanto “horizontal” (Carter, 1978 *apud* Carter e Mc Goldrick, 1995). O fluxo vertical em um sistema inclui padrões de relacionamentos e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família, este é constituído por atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com os quais nós crescemos, ou seja, são aspectos da nossa vida que nos são dados, nós é que devemos escolher a maneira que vamos lidar com eles. O fluxo horizontal em um sistema inclui a ansiedade produzida pelos estresses na família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transições do ciclo de vida familiar. Para Carter e Mc Goldrick (1995), o grau de ansiedade gerada pelo estresse nos eixos vertical e horizontal, nos pontos em que eles convergem, é o determinante-chave de quão bem a família irá manejar suas transições ao longo da vida.

Assim, muitas maneiras como os membros da família dependem uns dos outros dentro da “*espiral geracional*” (Duvall, 1977, p. 153 *apud* Carter e Mc Goldrick, 1995), numa interdependência, constituem o contexto familiar à medida que as gerações se transformam quando se movem no ciclo vital.

Essas transformações são caracterizadas por fases ou etapas pelas quais a família passa no decorrer do seu desenvolvimento formando o ciclo de vida familiar. É importante entender o ciclo de vida com foco nos relacionamentos inter-geracionais, pois um indivíduo se constitui na complexa teia de laços familiares ao longo de todas as gerações já que o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, aliás, este é o contexto primário do desenvolvimento humano. As pessoas se

desenvolvem a medida em que se movimentam juntas através da vida e é nesse movimento também que podem surgir dificuldades emocionais que permearam as crises enfrentadas que caracterizam as diferentes fases do ciclo vital da família.

Carter e Mc Goldrick (1995) enfatizam dois cuidados que devemos ter em relação à perspectiva de ciclo de vida:

“uma aplicação rígida das idéias psicológicas ao ciclo de vida “normal” pode ter um efeito prejudicial, caso promova um ansioso auto-escrutínio que desperte o medo de que qualquer desvio das normas seja patológico e, a armadilha oposta, de super enfatizar a primazia do “admirável mundo novo” enfrentado por cada nova geração, pode criar um senso de descontinuidade histórica ao desvalorizar o papel da paternidade e tirar o significado do relacionamento entre as gerações” (p. 7).

O ciclo de vida familiar vem enfrentando algumas mudanças devido ao baixo índice de natalidade, expectativa de vida mais longa, a mudança do papel feminino e os crescentes índices de divórcio e recasamento. O significado da família está sofrendo alterações porque ela não está mais organizada primariamente em torno da criação dos filhos; esta obrigação está ocupando menos tempo da vida do adulto.

Com isso a família está se caracterizando como uma instituição bastante desorganizada atualmente; segundo Cerveny (2006) isso se dá porque tiramos a nossa lente que enxergava somente um tipo de família, remanescente da família burguesa, com papai, mamãe e filhos, convivendo no mesmo teto, sob a proteção financeira do pai e emocional da mãe. E partimos para enxergar a família no seu contexto histórico, social, cultural e econômico.

Hoje um grande problema social enfrentado pelas famílias é a questão dos limites que devem ser estabelecidos pelos pais e educadores como parâmetro para o desenvolvimento de uma vida saudável para os filhos. Este tema tem sido muito discutido na atualidade devido à constante queixa de falta de limites que a atual geração vem apresentando.

Entre as possíveis causas dessa “falha” na educação das crianças e adolescentes de um modo geral, podem-se destacar os valores morais que estão “apagados” em nossa sociedade, haja visto o enorme número de casos de corrupção ininterrupta na política, nas empresas, nas igrejas, etc., apresentados exaustivamente na mídia, retratando que dificilmente a lei consegue ser cumprida; ademais, instaurou-se na cultura a idéia de que ser “esperto” é o que comanda. Outra causa importante vem a ser a ausência dos pais na vida do filho, em virtude da enorme carga horária dedicada ao trabalho, deixando a convivência educacional apenas aos cuidados da escola. Esta necessidade familiar gerou um sentimento de culpa nos pais, principalmente nas mães que ainda são as principais cuidadoras e responsáveis pelos filhos e, para compensar tais circunstâncias, acabam sendo muito permissivas, impedindo, por conseguinte, oportunidade para educar e proporcionar os valores que devem ser seguidos derivados dos próprios valores existentes e construídos pelos pais.

Outra causa da falta de limites a ser pensada, é o medo que os pais têm com relação aos “traumas” que poderão causar, caso venham a ser mais enérgicos na educação dos seus filhos. Essa preocupação pode advir tanto de pais que foram filhos muito reprimidos como de pais que, por não disponibilizarem muito tempo para estar com seus filhos, temem deixá-los por medo de problemas no seu desenvolvimento. Todos esses fatores devem ser refletidos pelos pais para que estes consigam lidar com seus filhos estabelecendo uma relação de respeito que permita uma diferenciação segura apoiada no amor e no diálogo, que os auxiliem a superar todas as crises que permeiam o ciclo vital da família.

As mulheres ainda hoje assumem o papel da responsabilidade por todos os relacionamentos familiares, mesmo com o ritmo acelerado de mudanças. A tentativa de conciliar a busca de realização pessoal com o cuidado do lar, marido, filhos e idosos é fonte de tensão e ansiedade, gerando conflitos internos e nas relações interpessoais. Pode-se dizer que essa mudança do papel feminino nas famílias é central nesses padrões de ciclo de vida familiar em modificação.

Elas vêm percorrendo um longo caminho para obter reconhecimento social: primeiro atingiram certa importância pela maternidade, sendo valorizadas pela saúde física e emocional de seu filho. O século XVIII instituiu o amor materno instintivo e

incondicional, concomitante à invenção da infância como fase do desenvolvimento humano que exige cuidado e proteção (Ariès, 1978). A partir desse marco, as mulheres foram tendo sua identidade determinada primariamente por suas funções familiares como mãe e esposa e suas fases no ciclo de vida estavam ligadas quase que exclusivamente aos seus estágios nas atividades de criação dos filhos. As transformações da maternidade, a partir das duas grandes guerras, da Industrialização, dos movimentos feministas e de minorias que reivindicaram igualdade de direitos nos anos 60 do século XX, trouxeram modificações no âmbito público e privado: reviu-se a divisão de homens e mulheres em esferas excludentes. Na realidade brasileira a geração de mulheres jovens dos anos 60-70 foi a primeira a insistir em seus direitos à primeira fase do ciclo familiar, que é a de deixar a casa dos seus pais, estabelecendo objetivos de vida pessoais e comprometendo-se com uma carreira, o que no passado era permitido apenas aos homens.

Aos poucos, somente há umas duas gerações, as mulheres foram se desvinculando do caráter “obrigatório” de construir sua subjetividade no âmbito familiar e atingiram um novo *status* na sociedade, com novas perspectivas para sua vida, buscando construir uma identidade pessoal.

Assim, atualmente, quando escolhem ter filhos, elas passam pelo ciclo da maternidade mais rapidamente e também transferem o desenvolvimento de objetivos pessoais, que não podem mais ser ignorados, para além do campo familiar. Dessa maneira, enquanto no passado a única fonte de identidade para a mulher era a maternidade, hoje são várias: o trabalho, uma sexualidade satisfatória, a vida social, etc.

É importante salientar que as mulheres que se restringem aos papéis de mãe e dona de casa devem, com o crescimento dos filhos rumo à independência, defrontar-se com uma fase de “ninho vazio” que, segundo Carter e Mc Goldrick (1995), iguala, em duração, os anos dedicados primariamente a cuidar dos filhos.

Essa fase tem sido amplamente comentada na mídia e tem causado boa repercussão nas mulheres que começaram a refletir mais sobre o seu papel social e estão buscando outras fontes de ocupação e prazer para não depositarem todas suas

expectativas e funções produtivas no papel de mãe, pois uma hora os filhos crescem e essa função vai se tornando desnecessária.

Porém, muitas mulheres apresentam dificuldades para estabelecer outras atividades além de ser mãe, talvez por isso, não surpreenda que as mulheres sejam mais propensas a desenvolver sintomas nas transições de ciclo de vida. Meirelles (2001), em pesquisa sobre casais de dupla carreira, constatou que a profissão tem na vida dessas mulheres um papel co-central, pois o cuidado com a família ainda é por elas considerado como sua principal atribuição.

Pensando nas transições como momentos de instabilidade, de passagem de um estado conhecido a um outro desconhecido e novo, podemos supor que muitas vezes são vividas como crises, ou seja, desafios em que o indivíduo pode tanto regredir como se encaminhar a uma maior integração de sua personalidade (Capra, 1996). Neste caminhar ao desconhecido, há sensação de vulnerabilidade pelas incertezas, riscos e perda da segurança, mas também existe uma grande possibilidade de crescimento e desenvolvimento.

Para os homens a idade cronológica era vista como uma variável-chave nas determinações do ciclo de vida, mas atualmente já existem algumas mudanças e a identidade masculina que estava totalmente ligada ao seu sucesso profissional, em alguns casos está mudando de referência, com isso, os homens estão mais atentos ao desenvolvimento de sua família e, aqueles que já são pais estão mais preocupados e participativos na educação de seus filhos.

A diversidade de arranjos conjugais e familiares acrescida às mudanças demográficas, históricas, econômicas, etc., levam a dificuldades de se estabelecer um parâmetro absoluto relativo ao ciclo de vida familiar; é preciso se desapegar de antigos ideais, referências e valores e se atentar às novas possibilidades. Embora se considere essa multiplicidade, variedade e singularidade, pode-se acompanhar Carter e Mc Goldrick na definição mais detalhada dos estágios no ciclo de vida familiar:

1º estágio: Lançamento do jovem adulto solteiro.

O ciclo de vida familiar inicia-se no estágio de “jovem adulto”, pois, segundo Carter e Mc Goldrick (1995), o modo como o sujeito se discriminou de sua família de origem influencia profundamente quem, quando, como e se ele vai casar, e como vivenciará todos os estágios seguintes do ciclo de vida familiar. Uma discriminação adequada da família de origem requer que o jovem adulto se separe dela sem romper relações ou fugir reativamente para um refúgio emocional substituto.

Segundo Bown (1978, *apud* Carter e Mc Goldrick, 1995) os jovens-adultos que rompem relações com seus pais ainda estão vinculados emocionalmente ao “programa” familiar, e não independentes dele.

Portanto, esta fase de “jovem adulto” é marcante e decisiva na vida de uma pessoa, por ser o momento de estabelecer objetivos de vida pessoais e de se tornar um “eu”, antes de unir-se a outra pessoa para formar um novo subsistema familiar. Com isso, fazer um bom “descolamento” da família é importante porque, quanto mais o indivíduo conseguir se diferenciar do programa emocional da sua família de origem menos padrões, mitos, segredos e modo de comportamento disfuncional e o acompanharão no ciclo de vida de sua nova família.

Esta fase é a chance que o jovem tem de expressar sua autonomia, escolhendo o que vai levar da família de origem, o que deixará para trás e aquilo que irá criar sozinho. Antigamente, essa fase era desconsiderada para as mulheres porque elas não tinham *status* individual nas famílias. Mas hoje é ela é fundamental para os jovens de ambos os sexos.

Por ser uma fase complexa e de transição podem surgir problemas, que poderão ser resolvidos por uma reorganização do sistema familiar, que envolverá mudanças. A principal delas é o desafio de estabelecer um relacionamento menos hierárquico entre pais e filhos, afinal, agora, todos são adultos. A grande questão que marca esta fase é a maneira como os pais vão encarar o fato de que seus filhos cresceram; eles podem encorajar a independência de seu filho adulto-jovem facilitando seu caminho para a próxima etapa ou podem fazer o oposto, o que pode gerar insegurança, dúvidas a seu respeito e continuidade da relação de dependência, rebeldia e afastamento da família, num rompimento de relações pseudo-independentes com seus pais e famílias.

As mulheres tradicionalmente enfrentavam essa fase tentando deixar em segundo plano a definição de si mesmas e buscam um companheiro. Os homens, na maioria dos casos, têm dificuldade em comprometer-se nos relacionamentos sérios e buscavam uma identidade pseudo-independente centrada no trabalho.

Hoje homens e mulheres buscam definir suas individualidades e também experimentar-se nas relações amorosas e sexuais, a fim de se comprometer em relações de intimidade. Estas, freqüentemente, têm sentidos diferentes, que revelam diferenças de gênero: enquanto as mulheres vêm-se ameaçadas pela solidão, os homens muitas vezes temem o envolvimento profundo (Gilligan, 1983). Portanto, o encontro amoroso é um desafio que carrega a oportunidade de superação das dificuldades, de se lidar com medos e ansiedades na busca da completude nunca atingida integralmente.

2º estágio: A união das famílias no casamento: o casal.

Neste estágio do ciclo de vida familiar, é importante superar-se aquela idéia predominante de que casamento se resume à união de dois indivíduos. A verdadeira representação do casamento é a modificação de dois sistemas internos e uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema.

Embora as mulheres sejam mais positivas do que os homens em relação à perspectiva de matrimônio, geralmente elas estão menos satisfeitas do que eles com a realidade do casamento, além de apresentarem pior saúde física e psicológica (Bernard, 1972 *apud* Carter e Mc Goldrick, 1995).

Carter e Mc Goldrick (1995) têm como hipótese que o fracasso em renegociar o *status* familiar constitua a principal razão para o fracasso conjugal, pois problemas que refletem a incapacidade de modificar o *status* familiar são normalmente indicados por fronteiras deficientes em torno do novo subsistema.

A partir dessa hipótese deve-se tomar cuidado com intromissões vindas dos parentes por afinidade: o novo casal deve colocar limites para não ter dificuldades em

estabelecer conexões com os sistemas ampliados, para não precisarem se separar em um grupo fechado de duas pessoas.

A capacidade de formalizar um relacionamento de casal pode estar implicada às condições de “separação” da família de origem. Ou seja, casais com incapacidade de formalizar um relacionamento de casal, quando já estão morando juntos, podem indicar que ainda estão muito emaranhados com suas próprias famílias para definirem um novo sistema aceitando as implicações de realinhamento. Por outro lado, uma tendência que está se impondo como realidade é o “morar juntos” como “*test drive*” da relação, que pode ser reafirmada pela legalização formal ou por meio de rituais de opção do casal (Simões, 2007).

É importante conseguir se diferenciar de maneira própria da sua família de origem para conseguir mover o sistema rumo a uma nova direção por si mesmo.

### 3º estágio: Tornando-se Pais: Famílias com filhos pequenos.

Nesta fase ocorre um “salto”, ou seja, os adultos se tornam cuidadores de uma geração mais nova. Esse é o motivo de grandes instabilidades no casamento, porque alguns adultos, principalmente os homens, demoram a perceber e lidar com essa “passagem” e ficam inseguros nesse novo papel de pai e cuidador: isso pode gerar dificuldades, como por exemplo: o não exercício da autoridade de pai, a incapacidade de colocar limites ou a falta de paciência para permitir que seus filhos se expressem à medida que se desenvolvem.

As brigas entre o casal também podem ocorrer em decorrência da “negação” do novo papel, pois os pais não querem ou não conseguem assumir responsabilidades, recusando-se ou sendo incapazes de se comportar como pais e cuidar de seus filhos. Ou seja, essas atitudes refletem a não aceitação da fronteira geracional entre os pais e os seus filhos.

Nos casamentos modernos em que o casal trabalha tempo integral, também podem ocorrer problemas, pois ambos não têm tempo de cuidar dos filhos. Na maioria dos casos toda responsabilidade fica para as mulheres, o que gera uma sobrecarga física

e emocional, podendo ocasionar depressão. Essa dificuldade também é um problema para os filhos, porque muitas vezes podem ser negligenciados ou sexualmente abusados quando os arranjos para cuidados são inadequados; a recreação e as férias podem ficar drasticamente reduzidas para poder pagar os cuidados às crianças (Carter e Mc Goldrick, 1995).

Este estágio também é caracterizado por altos índices de divórcio por causa da sobrecarga enfrentada pelo casal. Muitas vezes dificuldades em outras áreas são imputadas ao casamento, levando à sua ruptura. A maioria ocorre por iniciativa das mulheres. Principalmente porque homens e mulheres buscam realizações diferentes com o casamento: eles querem uma família; elas, realizar um sonho de amor (Féres – Carneiro, 1999). Assim, metas diferentes, dificuldade de comunicação, uma sexualidade insatisfatória, definições diferentes de uma relação de intimidade são alguns aspectos que podem levar à insatisfação e ao divórcio, além dos aspectos intrapsíquicos e contextuais. Como as mulheres tendem a “monitorar” suas relações amorosas e conjugais e dão voz aos conflitos, tomam também a iniciativa na separação, ainda que não desejem e saiam dela bastante machucadas.

Os avós também estão em transição: agora eles passam para uma posição secundária, em que podem permitir aos filhos serem as autoridades parentais principais e podem estabelecer um novo tipo de relacionamento com os netos. Acredito ser uma fase gratificante aos avós por poderem estabelecer uma íntima relação com seus netos, mas sem a responsabilidade da paternidade, além do sentido de continuidade proporcionado pela nova geração.

#### 4º estágio: A transformação do Sistema Familiar na Adolescência.

A adolescência é uma fase caracterizada pelo período de transição entre a infância e a idade adulta. Ela se inicia com a puberdade, um período de rápido crescimento físico e mudanças fisiológicas que levam à maturidade sexual. A adolescência tem como tema central a “descoberta de si mesmo”, pois os adolescentes devem aprender a conhecer um corpo novo, novos potenciais de sentimentos e emoções que configuram uma nova auto-imagem, além de realizar questionamentos e

experimentações que ao final do processo culminem na estruturação de uma identidade pessoal.

Essa fase é um marco que sinaliza uma nova época, ela confere novas funções aos filhos e é necessário que os pais encontrem novos papéis e instrumentem-se para se relacionarem com os seus filhos em transformação.

Assim, para enfrentar essa fase, é preciso haver um rebaixamento nas fronteiras, ou seja, os pais não podem mais impor uma autoridade completa e absoluta. É um momento em que os filhos ampliam as influências antes vividas prioritariamente do contexto familiar, abrindo-se a novos valores que trazem de seu grupo de amizade. Este grupo exerce grande influência no modo de pensar e de agir dos adolescentes; eles vão ajudar o indivíduo a estabelecer um padrão de comportamento novo e uma personalidade própria que ainda se desconhece, pois ainda não se configurou totalmente.

É impossível as famílias tentarem controlar todos os aspectos da vida do filho. As famílias que buscam este controle, normalmente são aquelas mais fechadas, que se sentem ameaçadas frente a novos valores e que estão presas a uma visão de seus filhos como mais novos e imaturos do que realmente são.

A importância do rebaixamento das fronteiras é necessária, segundo Carter e Mc Goldrick (1995):

“fronteiras flexíveis permitem aos adolescentes se aproximarem e serem dependentes nos momentos em que não conseguem manejar as coisas sozinhos e se afastarem e experimentarem, com graus crescentes de independência. Quando estão prontos, exigem esforços especiais de todos os membros da família em seus novos status uns em relação aos outros. Este é o momento também em que o adolescente começa estabelecer seus próprios relacionamentos independentes com a família ampliada, e são necessários ajustes especiais entre os pais e os avós para permitir e estimular esses novos padrões” (p. 20).

Os pais, nesta fase de vida, estão enfrentando a “crise da meia idade” em que exploram suas satisfações e insatisfações pessoais, profissionais e conjugais durante

seus anos de vida. Portanto, os casais enfrentam uma ampla renegociação conjugal, além de uma renegociação com os filhos.

#### 5º: Famílias no meio de vida: Lançando os filhos e seguindo em frente.

Esta fase do ciclo de vida da família é muito nova, porque até alguns anos atrás a criação dos filhos ocupava toda vida adulta dos pais e se perpetuava até a velhice. É uma fase longa, pois em virtude das baixas taxas de natalidade e do longo período de vida da maioria dos adultos, os pais lançam seus filhos ainda novos, então, precisam encontrar outras atividades que também tragam sentido à sua existência. É uma fase permeada por dificuldades, pois, as famílias podem se prender ao filho, agindo com sentimento de posse ou vivenciar sentimentos de vazio e depressão. Esses problemas são mais desenvolvidos nas mulheres que apresentam o discurso: “eu me dediquei a minha vida inteira aos meus filhos”, agora elas se sentem despreparadas para enfrentar o mundo externo, assim como para questionar a relação conjugal.

Esta fase é permeada por muitas entradas e saídas no sistema familiar. Começa com o lançamento do filho jovem – adulto, prossegue com a entrada dos cônjuges dos filhos e depois dos netos. E, concomitantemente, é atravessada pelo adoecimento ou morte dos pais mais velhos. Essas mudanças podem estar associadas à dificuldade de engajarem-se a novas atividades que lhes despertem interesse e lhes traga sentido para vida, o que pode tornar esta fase ainda mais complexa.

Os pais precisam mudar o *status* da relação com os filhos e se preparar para a chegada dos netos; além disso, têm que lidar com um novo relacionamento com os próprios pais. Estes estão se tornando mais dependentes, atribuindo principalmente às mulheres, uma ampla responsabilidade como cuidadoras. Ainda que seu nível econômico possa permitir contratar auxiliares, são elas que administram toda a situação.

Esta quinta fase do ciclo de vida pode assumir um caráter muito satisfatório no sentido de que os pais estão com as finanças mais equilibradas do que nos primeiros anos de responsabilidades familiares e podem ter mais tempo para fazerem coisas que lhes são agradáveis, como por exemplo, viajar, fazer algum esporte, aula de línguas, etc.

Este estágio de vida pode ter “dois desfechos” descritos por Carter e Mc Goldrick (1995): o primeiro é o das famílias que encaram este estágio como um momento de fruição e conclusão, e como uma nova possibilidade de se consolidar e expandir explorando possibilidades e papéis novos. O segundo desfecho é dado pelas famílias que encaram este estágio como uma fase que conduz ao rompimento, ao sentimento de vazio e de perda, depressão e desintegração geral dos indivíduos. Quando há este segundo desfecho, ainda não ficou claro que essa fase do ciclo necessita de uma nova estruturação do sistema familiar, tanto no modo de se relacionar com os filhos, com o cônjuge e com os futuros netos como no estabelecimento de novos horizontes. A reestruturação da relação com o cônjuge é essencial, afinal, agora não são mais necessárias as responsabilidades parentais e o casal precisa de um novo investimento para se solidificar e conseguir buscar novos objetivos que façam a vida valer à pena.

Depois que os filhos saem de casa, para os casais que ainda permanecem casados, estarão enfrentando a maior e mais longa fase desse ciclo de vida familiar. Hoje homens e mulheres vivem mais, embora na média elas vivam oito anos mais que eles, o que leva à feminização da pobreza e da solidão. Por outro lado, é uma fase que pode ser vivenciada com liberdade, leveza e prazer. Os casais que ainda estão juntos podem viver maior cumplicidade, intimidade e busca de sentido para todo o ciclo vital.

6º: Família no estágio tardio da vida.

Há em nossa cultura poucas perspectivas positivas para um ajustamento sadio na terceira idade, seja na própria família ou no contexto social.

Para Carter e Mc Goldrick (1995), ainda existem muitos mitos pessimistas que cercam essa fase do ciclo de vida familiar, como o que sugere a maioria dos idosos não tem famílias, que aqueles que as têm se relacionam pouco com elas e, normalmente, são colocados em instituições. Outro mito é que os idosos são doentes, senis e frágeis e que, portanto, são melhores manejados em asilos ou hospitais. Nestas situações ficam isolados de sua rede social e familiar, o que gera má qualidade de vida, adoecimento e muitas vezes acelera a morte (Sluzki, 1997).

Entre as tarefas da família na terceira idade, está o ajustamento à aposentadoria que pode lhe trazer estabilidade ou instabilidade econômica. A insegurança e a dependência financeira são dificuldades enfrentadas por idosos, principalmente para os que dão valor a administrar as coisas sozinhos. A perda de amigos e parentes também é uma dificuldade nesta fase, mas o maior desafio enfrentado pelos idosos é a perda do cônjuge, pois se readaptar e reorganizar a vida sozinho, depois de anos constituindo-se como um casal, é muito complicado. As dificuldades para modificar o *status* nessa fase de vida se dão, principalmente, pela recusa por parte dos idosos a desistir de alguns poderes devido às limitações que a idade lhes traz. Essa dificuldade de mudança também ocorre pelo receio de se tornarem totalmente dependentes da geração seguinte, ou quando esta não entende que ao envelhecer algumas coisas simples da vida vão se tornando difíceis e, com isso, desvalorizam os idosos. Portanto, nesta fase é importante que todos os membros da família reconheçam a mudança de *status* enfrentada pelo indivíduo mais velho.

Uma ocorrência boa nesta fase de terceira idade é a oportunidade de tornarem-se avós que é uma possibilidade de ter um novo relacionamento íntimo especial, é uma oportunidade de ter novos interesses na vida, é uma experiência em que podem desfrutar a relação com os netos sem as responsabilidades de pais. O desequilíbrio entre ganhos e perdas, que tornam-se muito significativas, é relativizado pela segurança de continuidade que estes novos vínculos proporcionam.

Este panorama geral revela movimento, transformação: os indivíduos, que se constroem nas relações são projetos abertos, que caminham dentro de sistemas abertos, como a família, imersos num contexto sócio – histórico - geográfico que também se move continuamente.

O desenvolvimento pessoal articulado com o ciclo de vida da família é complexo, multifacetado, composto de progresso e retrocesso, continuidade e ruptura, estabilidade e instabilidade. “Ser com” e “Ser si mesmo” interdependem: ligação e separação são processos humanos em constante movimento.

Priorizei neste estudo o momento do ciclo de vida da família que é rico pelas oportunidades, riscos e desafios que apresenta: o jovem separar-se, discriminar-se de

sua família e talvez envolver-se em relações de intimidade, desenvolvendo-se como par amoroso, além de estar construindo sua identidade profissional. Seus pais refletem, entre outras coisas, sobre sua relação, avaliando se deu conta das necessidades de investimento na individualidade e na conjugalidade. Os avós, se por um lado vivem muitas perdas, inclusive de parceiros da vida, agora podem permitir-se serem cuidados, além de também cuidarem dos próprios netos: esta é a dança da vida.

## 2. MEIA IDADE E LANÇANDO OS FILHOS.

*“A vida é o amor que se estende,  
construindo pontes sobre baías de incertezas  
para tocar mãos, corações e almas,  
na experiência da união”.*

*Peter Seymour*

Este capítulo abordará aspectos do ciclo de vida do homem e da mulher, ambos com ênfase na fase da meia-idade, e como os pais lidam com o lançamento do filho.

Como foi visto ao longo do capítulo anterior, desde muito cedo se instalou na sociedade a diferença de papéis do homem e da mulher. Ao homem cabia o papel de sustentar e dar segurança à família e às mulheres eram atribuídos os papéis de dona de casa e de provedora emocional. Porém, com os movimentos feministas dos anos 60 do século XX, além de outros questionamentos do *status quo*, a mulher passou a ocupar espaços que só o homem ocupava e, apesar de não ter perdido sua feminilidade e suas funções como mãe e esposa ela levou o homem a um aumento na competição rumo ao sucesso profissional e à responsabilidade de se tornar marido e pai mais presente.

Segundo Mardegan Jr. (1994), esse avanço do feminismo contribuiu muito para o questionamento do tradicional papel masculino, que valorizava muito pouco as emoções em geral, destacando-se apenas aquelas relacionadas ao sucesso profissional. Entretanto, os homens começaram a perceber que para repensar este modelo seria preciso entrar em contato com suas emoções e buscar um encontro consigo mesmos.

Com base nessas mudanças na sociedade, o homem passa a rever seu papel social, buscando equilibrar o poder (alcançado no sucesso profissional) com a intimidade (alcançada tendo maior participação na família). Dessa maneira o conceito de masculinidade está se alterando, à medida que o homem não está associando-a apenas à produtividade, mas também a outras funções, que no passado eram “delegadas” só às mulheres, como por exemplo, participação na educação dos filhos e nos serviços domésticos, ou seja, a ocupação do espaço privado.

Estas mudanças no universo masculino se refletiram no universo feminino: segundo Mardegan Jr. (1994), as mulheres não procuram mais o tipo “machão latino”, caracterizado por sua força associada apenas à produtividade e capacidade de conquista; agora elas buscam um homem capaz de demonstrar por elas o mesmo amor e sensibilidade para perceber os desejos e necessidades delas, sem culpa e sem medo de serem tachados como fracos. Ambos desejam poder compartilhar suas alegrias e, principalmente, suas dificuldades e angústias; para isso, é preciso que o homem rompa com os preconceitos que existem devido ao modelo tradicional de masculinidade.

Antes de entrar propriamente no foco da fase da meia-idade, recorrerei ao estudo de J. Levinson (*apud* Mardegan Jr., 1994) sobre os períodos de transição na vida do homem:

1- O abandono da família (20-24 anos): é o período de transição da adolescência para a idade adulta, envolvendo deixar a casa parental e se discriminar da família. Nota-se aqui as diferenças culturais, pois, na realidade brasileira os jovens demoram mais à lançar-se rumo à independência. Normalmente, nesta idade, muitos jovens saem da casa dos pais para fazer faculdade, mas ainda estão dependentes financeiramente.

2- Entrando no mundo adulto (24-28 anos): significa um período de exploração e comprometimento com os papéis adultos. É o momento de definir-se como adulto, procurando modelar uma estrutura de vida inicial baseada nos seus interesses e objetivos. Aqui, decide-se sobre a carreira, os amigos e o casamento.

3- Ajustando-se aos 30 anos (30-35 anos): representa um período de profundos comprometimentos e indagações sobre a vida pessoal e profissional. Percebe-se que ainda existe uma chance para realizar mudanças e imprimir definitivamente mais ordem e solidez à vida.

4- Acomodando-se aos 30 anos (35-39 anos): significa tornar reais os comprometimentos do período anterior sem, contudo, acreditar que uma vez estabelecido um padrão de vida estável, este irá durar indefinidamente. A estrutura de vida criada durante este período talvez não satisfaça totalmente o ego e, portanto, deva

ser radicalmente mudada mais tarde. Neste estágio se percebe que nem todos os anseios serão concretizados.

5- A transição da meia idade (39-42 anos): é um período dominado pelo sentimento de declínio físico, pelo reconhecimento da própria mortalidade e pelo surgimento de “aspectos femininos” em sua personalidade, devido ao afloramento das emoções. É o momento em que o homem se sente desesperadamente preso ao seu modelo de vida, podendo anestesiá-lo na bebida ou nas drogas se não puder enfrentar essas dificuldades e seus questionamentos. Mas esta também pode ser uma etapa de crescimento pessoal, bastando entender que se viveu intensamente até os 40, os anos seguintes podem ainda reservar para o futuro momentos de felicidade e esperança.

6- A reestabilização (43-47 anos): é o momento de vivenciar a nova estrutura de vida e as mudanças decididas no período anterior. Alguns ainda irão superar novos obstáculos, comprometendo-se com novos planos e realizações; outros irão perder vitalidade, vivenciando pouco a pouco a autodestruição.

A partir daí, o homem enfrenta a fase da meia idade que tem como uma de suas características o sentimento de impotência dos homens por experimentarem sentimentos e emoções que aprenderam a abafar desde a infância, seguindo o padrão tradicional de que homem tem que ser “machão”, ou seja, forte, decidido, frio. Agora, com as mudanças sociais e nos relacionamentos interpessoais, o homem deseja demonstrar suas emoções sem que estas sejam interpretadas como um sinal de insegurança e/ou fraqueza. Além dessa nova forma de estar no mundo, a fase da meia idade é considerada como um período de crise visto em nossa sociedade como declínio das potencialidades do ser humano.

É importante salientar que cada pessoa experimenta essas fases transitórias de maneira singular, podendo se encaixar ou não nessas características que, de modo geral, marcam estas etapas. É importante observar que frequentemente os ocidentais enxergam as crises com uma conotação negativa, o que prejudica ainda mais o enfrentamento desses períodos de transição. Já para a cultura oriental, crise é encarada como um período de oportunidade e crescimento, simbolizando um momento de evolução, ou também de risco de regressão. Encarada desta maneira, como uma fase de

mudança e renovação que acarretará um grande aprendizado da vida, com certeza ela poderá ser enfrentada de maneira mais serena.

Um fator que assombra o ser humano nesta fase é o mito do envelhecimento, já que envelhecer na nossa sociedade, que prioriza a juventude, é entrar num período rígido, inflexível e de declínio.

Ao atingir a meia-idade os homens ficam amedrontados com os sentimentos que emergem e caminham para uma reavaliação do que fizeram durante os anos de sua vida, ou seja: se conseguiram realizar seus sonhos podem se sentir satisfeitos e completos, mas, se não conseguiram, isso lhes causa um grande temor porque imaginam não ter mais tempo para transformar seus projetos futuros.

Encarada a partir da perspectiva atual que considera que o novo é bom, o velho é ultrapassado e não serve mais para nada, a meia idade é vivida por muitos indivíduos como um momento preparatório para o término da existência, causando, é claro, grande angústia no ser humano. Disso, segundo Mardegan Jr. (1994) resulta o comportamento observado em alguns homens de meia-idade que buscam desesperadamente uma volta ao passado, mais comumente associado aos períodos da adolescência e da juventude, na tentativa de provarem que ainda estão vivos, como por exemplo: comprar carros esportivos e/ou se relacionar com mulheres bem mais novas.

Outro fator desencadeante de muita insegurança nesta fase são algumas alterações físicas que surgem no corpo, como: cabelos brancos, maior cansaço físico, mudanças no desempenho sexual, etc. A partir deste momento, o indivíduo pode sentir-se “velho” e menos produtivo, o que causa um rebaixamento na sua auto-estima; que influenciará diretamente seu meio familiar, social e profissional: é um período de muitos questionamentos, de um balanço geral de toda a vida que faz o ser humano retornar, principalmente, às oportunidades perdidas. Com isso, esse período reflexivo pode tornar o homem mais distante de suas responsabilidades profissionais e familiares, alterando muito essas relações.

No âmbito familiar, na meia-idade o homem confronta-se com o filho no final da adolescência e no início da vida adulta, que está também enfrentando uma crise pessoal.

A mulher busca preencher o tempo disponibilizado aos filhos, visando sua independência e reconstruindo sua nova identidade. Dessa maneira, a família está enfrentando vários eventos que ocorrem simultaneamente, interferindo na sua estabilidade; por isso, é necessário que se desenvolvam novos arranjos e padrões de relacionamentos que sejam condizentes com a mudança interna de cada membro. Com certeza é um momento de muita instabilidade identificado como uma crise até que tais eventos sejam assimilados novamente pelo cotidiano. Para alcançar isso é imprescindível que o ser humano consiga se transformar, desenvolvendo-se sempre, porque, se isso não for possível, mais problemática se torna a situação.

A meia-idade da mulher é caracterizada, no aspecto físico pela chegada da menopausa, com exceção dos casos de menopausa precoce. Nesta fase, podem surgir os primeiros sintomas, como: ondas de calor, ressecamento vaginal, diminuição ou ausência da libido, aumento de peso, cansaço, depressão, entre outros. Segundo Mankowitz (1987), freqüentemente a primeira reação da mulher é a negação, com isso, ela pode se tornar mais agressiva e mal humorada. Essa reação se refletirá diretamente nos filhos e no marido, gerando nestes uma sensação de confusão, infelicidade e culpa.

A partir disso, fica claro como uma alteração de um membro da família repercute em todos os outros, caracterizando assim um sistema em que o todo interfere nas partes assim como a parte interfere no todo. É como uma rede de relações, onde todos se afetam. A percepção da complexidade desta poderá acarretar mudanças nas pessoas, que, se enfrentadas poderão contribuir para a preparação de uma nova fase em que a família vai entrar.

A menopausa já foi compreendida de diversas maneiras, como por exemplo: doença de carência, uma neurose, um problema social ou como sintoma de envelhecimento. Acredito que ela “funcione” como um sinal, físico mesmo, do corpo humano, que tem como objetivo avisar a mulher das mudanças que enfrentará em sua vida. É como se o físico gritasse “mais alto”, e trouxesse por detrás de todos os calores, ansiedade, angústias, falta de libido, etc., questões psicológicas referentes ao processo de “auto-balanço” da vida, buscando um novo sentido para se estar no mundo que não sejam mais os antigos que até então conduziam sua vida, como o primordial de cuidar dos filhos.

A mudança nas relações com os filhos, no sentido de incentivar a independência deles é muito delicada para as mulheres, principalmente para as que não trabalharam fora de casa, porque geralmente ainda querem se responsabilizar pelos seus cuidados. Nesta fase esta relação sofre mudanças, pois o filho está amadurecendo e conseqüentemente precisando cada vez menos de cuidados parentais, sobretudo maternais, e desejando que interfiram cada vez menos em sua vida. Afinal, estão saindo de casa, da dependência e do controle dos pais. Essa mudança, que acarreta numa discriminação da família, poderá gerar uma energia e um impacto emocional muito grande na vida da mulher, podendo deixá-la completamente desestabilizada, principalmente se ela centralizou seus interesses no filho e não em seus próprios.

Algumas mulheres enfrentam essas transformações de maneira tranqüila, porque não têm sua identidade ligada só aos cuidados com o filho. Outras, que se dedicaram exclusivamente aos filhos, sofrem mais e se sentem ameaçadas e ainda mais inseguras do seu papel, acarretando reações como: depressão, irritabilidade e raiva. Algumas mães, simplesmente, ignoram a existência desta fase e continuam a tratar seus filhos como “eternos bebês”, parecendo que estão inseridas numa bolha por viverem numa realidade “à parte”: assim, continuam fazendo tudo por e para o filho, com a ilusão de que conseguirão suprir todas as suas necessidades, do mesmo modo como acontecia quando ele era pequeno. Outras mães, apesar de terem se dedicado inteiramente ao filho, sentem o impacto emocional desta transformação, mas tentam lidar da forma mais saudável possível, entendendo que este é o movimento da vida e que precisam encarar esse desligamento para o bem de ambas as partes. Essa maneira como as mães lidam com a saída dos filhos de casa irá interferir muito no modo como este filho vai se discriminar da sua família de origem.

Macedo e Kublikovski (2007 *apud* Cervený, 2007) concordam que este período de vida da mulher é marcado por um grande processo de reflexão, principalmente sobre seu papel de mãe. E falam sobre os diversos tipos de escolhas da mulher: por exemplo, as que trabalhavam e com o nascimento do filho resolveram abandonar o emprego para se dedicar exclusivamente a ele têm que se preparar agora para a separação e possíveis descontentamentos por terem deixado sua vida profissional. Outras, por motivo de realização pessoal ou econômica, não renunciaram o trabalho, e agora isso pode lhes causar culpa por ter deixado o filho; outras podem ter achado essa escolha muito boa

por terem tido outra ocupação e agora encaram o lançamento dos filhos como algo positivo em sua vida porque terão mais tempo para dedicar-se a si mesmas e ao casal. Essas escolhas influenciarão muito nos sentimentos que podem emergir com o “ninho vazio”, o “ninho cheio” ou a aceitação desta fase como de crescimento dos indivíduos e da família.

Do ponto de vista dos pais, se reconhecerem como menos necessários na vida do filho pode ser uma experiência muito dolorosa e isso pode se agravar na medida em que muitos casais encontram dificuldades para se restabelecerem como casal por terem se relacionado por muitos anos somente por intermédio dos filhos. Aliado a isso está a dificuldade de algumas mulheres de se sentir atraentes para os homens, em consequência de sua idade, tornando-se inseguras e culpadas, gerando grandes problemas de auto-estima. Nestes casos, a sensação de família e lar de “ninho vazio”, se assemelha à situação da mulher que se sente também vazia, vulnerável e infeliz.

Macedo e Kublikovski (2007 *apud* Cervený, 2007) complementam que as mulheres de condição sócio-econômica-cultural mais baixa, cuja vida é sacrificada entre o trabalho e os cuidados da casa e dos filhos, muitas vezes deixados em creches durante todo o dia e cuja vida sexual foi marcada por uma atitude de “servir o marido” podem se sentir extremamente aliviadas ao chegarem nessa fase de vida, tanto pela saída dos filhos como pelo menor interesse sexual do marido. O que em geral vem a perturbá-la é a crença de que o cessamento do fluxo menstrual pode trazer problemas de doença já que “a menstruação é sinal de saúde da mulher”.

Fica claro que quando ocorre um período de crise o ser humano está diante de duas possibilidades: estagnar ou crescer. Esta escolha está ligada à capacidade criativa e positiva para encarar a vida e do nível de individuação que ele tem. Se a mulher, durante a menopausa, só ficar focada nas mudanças físicas e hormonais que lhe causam tantos incômodos, deixando-se dominar pelas inseguranças, incertezas, medos e desânimo, com certeza estará encarando este processo como um fim de suas possibilidades. Já a mulher que pensar positivamente e buscar alternativas criativas para este período permanecerá mais tranqüila e conseguirá enxergar a situação “com outros olhos”; além disso, a mulher que estiver sensível também às mudanças da meia-idade que o marido está enfrentando: procurará se unir mais a ele para que juntos consigam superar esta fase

e reencontrar como casal um novo sentido na existência, buscando a antiga colaboração e companheirismo que os farão sentir que ainda vale muito a pena sorrir, amar e viverem juntos como uma família, mesmo que só estejam os dois vivendo na mesma casa.

Os pais não perderam sentido na vida dos filhos, e a idéia de família continuará, pois esta é um sistema que engloba todas as gerações, e no interior deste grande sistema vão se desenvolvendo subsistemas de acordo com a geração, o sexo, os papéis, etc. Cada subsistema cria suas fronteiras, que são as regras estabelecidas pelo conjunto as quais definem quem participa, quando, como, ou seja, qual a função do subsistema familiar, e é isso que vai configurando a família. Uma função clara de cada subsistema garante um caráter mais harmonioso para as relações, segundo Bucher-Maluschke & Veloso (*apud* Cervený, 2006).

Essa compreensão das fronteiras familiares consideradas como um limite é fundamental para a formação da personalidade do indivíduo e para o preparo do mesmo para a vida social. Esses limites é que garantem uma diferenciação segura do membro da família de sua família de origem.

Então, além de protegê-los, é função dos pais também promover nos filhos o desenvolvimento da independência e da maturidade, através do estabelecimento de limites e da demarcação de fronteiras nas suas ações, dando-lhes condições necessárias que os auxiliem na entrada para a vida adulta. E neste sentido, os avós também podem contribuir ajudando seus filhos a lidar com os netos. Além disso, o adulto terá como referência seu próprio lançamento para conseguir fazer neste momento esse desligamento com o seu filho.

Agora então, quando os filhos estão se preparando para sair de casa, é que, mais do que nunca, será colocado “em prova” como essas funções dos pais de proteger e dar independência ao filho se desenvolveram ao longo dos anos. Essa fase é definida como de transição na família e ilustra o movimento e as mudanças enfrentadas por esta, o que comprova que as fronteiras se movem durante as diferentes fases do ciclo vital.

Durante o ciclo vital da família ocorrem entradas e saídas de membros, além de avanços e retrocessos, aproximações e separações, etc., e é este caráter que promove o contexto natural da vida, de movimento.

## **2.1 O Lançamento do Filho**

Antes de focalizar o processo de lançamento do filho do ponto de vista deste é importante retomar as reações que uma nova vida desperta na família. De modo geral, uma vida que foi desejada já se inicia pertencendo, no sentido de que todos os membros criam expectativas em relação à nova criança. Durante a gestação ela está ligada a dois núcleos familiares (família do homem e a família da mulher), com isso recebe influências que repercutirão na sua vida, como por exemplo, seu nome, onde vai morar, em que escola vai estudar, quem vai cuidar dela, etc. Além disso, o recém-nascido chega ao mundo e é rodeado de cuidados, principalmente, o amor e a proteção da mãe. Com o passar dos anos e aos poucos, a criança já vai adquirindo mais capacidades e se torna mais independente da mãe e dos adultos em geral, de acordo com suas possibilidades. Daí em diante já começam as primeiras descobertas do ser humano de que desenvolver-se tem também um caráter de individualidade, e esta dicotomia (individualidade-ligação) persistirá por toda vida. Por esta questão é importante que a família promova um ambiente pautado no amor e no diálogo que permita uma diferenciação segura do filho.

A família que se sente dona de seu filho freqüentemente projeta nele uma forte carga emocional, no sentido de que esta criança deve completar alguma falta e/ou carência de um dos pais ou um vazio no casamento, o que seja; isso pode repercutir muito desfavoravelmente ao desenvolvimento harmônico do sistema e as fases de transição serão mais difíceis; o desligamento do filho pode ficar marcado por rompimentos promovendo uma emancipação precoce, mas sem adquirir a independência emocional, o que caracteriza um pseudo-lançamento.

Segundo McCullough & Rutenberg (*apud* Carter e Mc Goldrick, 1995) a existência de relacionamentos positivos com os filhos adultos representa a culminação de um longo processo de gradualmente “deixar partir”, que começa na infância, ganha velocidade na adolescência e conduz a algum tipo de separação física quando o jovem

adulto vai para universidade ou começa a trabalhar. Porém no Brasil, segundo Cerveny & Berthoud, 1997 *apud* Silveira & Wagner (2006), 81% das famílias paulistanas nesta etapa de lançar os filhos ainda possuem pelo menos um filho jovem em casa. Para Wendling e Wagner (2005, *apud* Silveira e Wagner 2006) os pais têm incentivado a permanência de seus filhos em casa por meio do aumento de regalias, cuidados e concessões, como, por exemplo, a permissão para dormir com o namorado no domicílio parental. Assim, está sendo comum ver famílias lançando mão de “estratégias” para conviver melhor com as novas necessidades dos filhos adultos que residem no lar parental, considerando que a convivência familiar prolongada tem trazido benefícios e vantagens para ambas as gerações (Hernriques et al., 2004 *apud* Silveira & Wagner, 2006).

É importante tomar cuidado porque a família mais dominadora, que sente poder sobre o filho, não consegue interpretar esta separação física como um primeiro passo do seu desligamento rumo à independência emocional e autonomia de sua vida. Com isso continua tendo a mesma relação com o filho, ou pior, sentindo-se insegura de perder a prole para o mundo, acaba tendo atitudes sufocantes com o intuito de promover maior dependência possível deste filho. E, freqüentemente este não percebe diretamente essa insistência vinda dos pais nem a maneira infantilizada como o tratam, porque foi criado sempre neste ambiente. Um agravamento desta situação são os pais que têm uma boa condição financeira e se aproveitam disso para facilitar o máximo possível as buscas do filho, as quais já deveriam ser conquistadas sozinhas. O caminho com o dinheiro é mais “fácil” e as vantagens são mais visíveis, mas, por detrás dessa máscara o filho não percebe que continuará amarrado ao controle dos pais. Outro fator, registrado na literatura (Rosen, Ackerman & Zosky, 2002 *apud* Silveira & Wagner, 2006) que dificulta a saída do filho da casa dos pais é o alto grau de proximidade entre os membros da família.

Normalmente, o filho que vivencia esta dinâmica familiar, organizada de forma a dificultar a saída do filho de casa, por dificuldade dos próprios pais de não conseguirem deixar para trás o controle e o poder característicos de uma relação de super proteção, precisa da influência de um terceiro (pessoa e/ou instituição) que o ajude a caminhar para a diferenciação, já que seus pais não conseguem ajudá-lo a consolidar seu processo de independência e construção de uma vida separada. Este

terceiro também ajudará o jovem-adulto a lidar com a culpa que o indivíduo pode carregar, por buscar novos valores e modelos de comportamentos que rompem com a tradição familiar. Auxiliará também o indivíduo mostrando que esta fase da vida é uma passagem natural do desenvolvimento dele e que além dessa busca de novos valores, os valores tradicionais da família também continuarão se perpetuando nele: assim, diferenciará essa fase de lançamento da falsa idéia de que irá perder suas referências; pelo contrário, é importante que o filho se lance de casa, mas sem abandonar a convivência com os pais e todos os valores por eles transmitidos para que não se caracterize um pseudo-lançamento.

No pólo oposto, se a família colabora para que o filho se diferencie dando apoio, tendo respeito e promovendo o diálogo, mais facilmente será desenvolvida neste jovem-adulto uma visão de si mesmo autônoma e melhor se dará sua discriminação de sua família. A relação poderá alcançar um novo nível, o da igualdade, e novas fronteiras e limites serão colocados gerando novas possibilidades de viver, que não são melhores ou piores que as existentes, mas, sim diferentes. Dessa maneira os papéis vão se modificando e as novas experiências podem ser muito gratificantes: por exemplo, os filhos poderão começar a ter seus próprios filhos e sentirão as responsabilidades e alegrias desta conquista e os seus pais, agora como avós, poderão participar desta nova família que se constituiu e desfrutar da vida dos netos sem aquela grande preocupação da formação e educação dos mesmos. Tudo vai caminhando e os sentidos vão sendo construídos, sendo importante manter sempre o respeito, o diálogo e o amor que une a todos.

Para concluir, de modo geral, segundo Dey & Morris (1999, *apud* Silveira & Wagner, 2006) este momento, de preparar a saída dos filhos de casa, é crucial do ciclo evolutivo vital familiar. Por parte do jovem, ele experimenta um duplo *status* de dependência e independência, não sendo completamente autônomo nem totalmente dependente de seus pais. Por parte da família, segundo Wendling & Wagner (2005, *apud* Silveira & Wagner, 2006), os pais sentem-se ambivalentes, com intenção de apoio às iniciativas do filho, entretanto, com sentimento de perda frente à necessidade de redirecionamento de suas funções parentais. Assim sendo, a emancipação gradual é a situação ideal que nem sempre é alcançada pela família.

### 3. A PREPARAÇÃO PARA O LANÇAMENTO.

*“Por muito tempo achei que a ausência é falta.*

*E lastimava, ignorante, a falta.*

*Hoje não a lastimo.*

*Não há falta na ausência.*

*A ausência é um estar em mim.*

*E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos  
meus braços,*

*que rio, danço e invento exclamações alegres,*

*porque a ausência assimilada,*

*ninguém a rouba mais de mim”.*

*Carlos Drummond de Andrade*

Este capítulo também falará sobre a fase do lançamento do filho jovem-adulto de casa, abordando como se dá sua independência e aquisição de autonomia.

Ao longo do desenvolvimento do ser humano cada fase traz consigo algum movimento rumo à independência; conforme os anos passam, vai se percebendo que faz parte do amadurecimento conquistar independência e buscar a verdadeira autonomia.

Antes de falar sobre a independência, saliento que ser dependente é uma condição natural do ser humano no seu desenvolvimento, enquanto ele próprio não é capaz de se sustentar e se proteger. É normal o ser humano em crescimento receber força, carinho, cuidado e atenção de outro. O problema está quando o indivíduo se acomoda na dependência, mesmo quando já se está apto para viver sua própria vida.

A separação e a independência iniciam-se desde a mais tenra idade: logo aos dois anos de idade a criança já passa por uma fase que talvez evoque o primeiro desejo de independência do outro quando diz: “é meu”, “não dou”, “sai daí”. O período da adolescência tem como finalidade o desejo do adolescente de tornar-se adulto; segundo

Calligaris (2000, *apud* Jablonski & Féres-Carneiro, 2004) apesar de estar com o corpo e o espírito maduro, ainda há uma “moratória”, ou seja, ao adolescente é imposto um tempo de espera para o reconhecimento de sua condição de adulto; para alcançar tal reconhecimento, o adolescente precisa transgredir e não se conformar porque o não-conformismo alimenta a fantasia adulta de liberdade. Nesta fase da adolescência o indivíduo enfrenta um processo complexo que envolve a separação das figuras parentais e a vivência concomitante dos lutos a elas referidos.

Na fase da juventude, o jovem já deve estar preparado para unir sua identidade a outras pessoas e buscar relacionamentos de intimidade e parceria. É na juventude, quando a tarefa é “lançar” ao mundo o adulto jovem, que a família e o indivíduo têm que renegociar perdas e ganhos. A experiência de se separar fisicamente dos pais, como por exemplo: fazer um intercâmbio ou simplesmente viajar sozinho por um período mais curto, etc., se constitui um dos fatores essenciais para o alcance da maturidade por parte do jovem, caracterizando-o com o duplo *status* de ser dependente e independente ao mesmo tempo, o que o auxiliará a buscar sua própria independência financeira e emocional na fase de jovem-adulto, quando estiver se preparando para lançar-se da casa de seus pais definitivamente. Na cultura ocidental, o ato de sair da casa dos pais significa a porta de entrada para o mundo dos adultos (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004).

As fases do desenvolvimento constituem-se como um grande “treino” de autonomia e independência que, se tiver sido bem aproveitado, ajudará bastante nesta fase de lançar-se da casa dos pais, pois o indivíduo estará mais “consolidado” na sua individualidade. Isso acarretará numa melhor adaptação para seguir sua vida com autonomia, conseguindo: ter coragem de se arriscar e de superar obstáculos; desenvolver capacidade criativa para lidar com o que apresenta a sua frente; enfrentar com tranquilidade o medo de errar e/ou fracassar, de perder e/ou se prejudicar. E, assim, cada indivíduo deve conhecer seus limites e seguir em frente respeitando suas potencialidades e buscando “dar um passo à frente”.

Esta experiência, de exercer autonomia, pode ser adiada por mais tempo em famílias com pais super protetores que não incentivam o crescimento do filho para o mundo e sim, o mantêm acomodado e confortável como dependente sob a “asa dos

pais”. O filho se estabiliza nesta condição porque dá trabalho ser responsável por si mesmo, sair da asa dos pais e enfrentar riscos e se colocar na posição de vulnerabilidade que faz parte do ser maduro. Desse modo, alguns jovens se mantêm como “bebês gigantes” e preferem continuar vivendo numa condição uterina idealizada, em que a responsabilidade de cuidar de si é designada ao outro; ficam dependentes dos recursos externos, seja porque não se sentem capazes de efetuar e realizar algumas tarefas e se responsabilizar por suas próprias atitudes, seja porque se acomodam com o que não demanda esforço. Ambos os casos são preocupantes e podem ser considerados como fatores que contribuem para os filhos adiarem seu lançamento de casa, dando origem à “tendência” atual: “Geração Canguru”.

Segundo Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro (2004), a geração canguru constituída na família de classe média urbana brasileira se caracteriza por incluir jovens adultos de ambos os sexos. Estes jovens, apesar de estarem aptos para exercer a vida profissional, ainda parecem não estar prontos para a vida longe dos limites da casa paterna. Mesmo alguns que já são independentes financeiramente ainda não conseguem assumir uma moradia própria, ou, quando conseguem, ainda são muito dependentes da casa dos pais, fazendo constantes visitas ou passando com eles todos os finais de semana.

Para Anderson e Sabatelli (1999 *apud* Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004):

“sair da casa dos pais representa um passo significativo em direção à diferenciação das figuras parentais. O estabelecimento de casa própria permite e requer independência financeira, funcional e emocional, como também, propicia a expansão da vida social para além dos limites do círculo familiar” (p.614).

Muitos autores relacionam que o alto grau de investimento na vida profissional, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, o pouco valor dado à independência individual, a diminuição dos conflitos geracionais ou a sua neutralização, e a ambivalência dos pais no que concerne à saída dos filhos de casa predominam na geração canguru. Além disso, outras circunstâncias das famílias também retardam este

“desligamento” do filho, são essas: permissão do sexo na casa dos pais, conforto e padrão de vida usufruídos na convivência familiar, isolamento dos membros em cantos da casa (quartos mais equipados), etc.

Sobre a permanência dos jovens na casa de seus pais, Magalhães e Borges (2009) dizem que nas famílias contemporâneas, quando comparadas às famílias do início do século XX, existem formas mais flexíveis de relações, com maiores possibilidades de reivindicações pessoais, de diálogo e de negociação entre os indivíduos. Além disso, devido à instabilidade das relações de trabalho e inseguranças que o mundo profissional propicia, aumenta a necessidade de ter um “refúgio seguro e estável” que é a casa dos pais, tomando como referência a oposição do mundo privado em relação ao mundo público. Os pais acabam oferecendo muitas alternativas, concessões e confortos para que a convivência possa ser desfrutada da melhor maneira possível; buscam atender às necessidades dos filhos, mesmo quando esses já tenham alcançado a maturidade, assim, esse “encargo” que devia ir diminuindo à medida que o filho se torna mais maduro, aumenta e adia o descanso dos pais.

Desta forma, a fase do “ninho vazio”, definida na literatura como a etapa evolutiva familiar que culmina com a saída do adulto-jovem solteiro de casa, caracterizada pelo processo de independência progressiva do sujeito em relação à sua família de origem, sem romper relações ou fugir reativamente (Carter & Mc Goldrick, 1995 *apud* Silveira & Wagner, 2006) está sendo retardada e a fase do “ninho cheio”, compreendida como o processo de permanência dos adultos jovens na residência de sua família de origem, está ganhando maior relevância.

Voltando às fases de desenvolvimento, anteriormente ao prolongamento dos filhos na casa dos pais, já se observa atualmente também um prolongamento da adolescência. Aberastury & Knobel (1970 *apud* Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004) relacionam esta tendência atual às transformações sociais e indica a complexa demarcação do seu término. E postulam que o término da adolescência e a inserção na vida adulta se estabelecem na medida da capacidade que têm os pais de elaborarem o luto pela infância dos filhos, significando tanto a separação dos pais externos reais, quanto das figuras parentais internalizadas. A experiência da separação vem a ser um

dos aspectos fundamentais para o alcance da maturidade emocional. Sobre este mesmo assunto, Dolto (1988 *apud* Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004) diz:

“Um jovem sai da adolescência quando a ansiedade dos pais já não produz sobre ele nenhum efeito inibidor. O que estou dizendo não é muito agradável para os pais, mas é a verdade que pode ajudá-los a serem perspicazes: seus filhos atingem o estado adulto no momento em que são capazes de libertar-se da influência paterna, tendo o seguinte julgamento: “Meus pais são como são, e eu não os mudarei e não procurarei mudá-los. Se eles não me aceitam assim como sou, pior para eles, eu os isolo”. E sem sentir-se culpado por isso (p. 27).

Nas famílias com “ninho cheio” freqüentemente a relação parental desses adultos jovens com seus pais parece estar marcada pelo excesso de zelo e cuidado dos pais em relação ao filho e vice-versa. Segundo Silveira & Wagner (2006), esse comportamento evidencia um vínculo frágil nos diversos subsistemas familiares: conjugal, parental e fraterno. A relação de proximidade e dependência predomina entre os membros da família.

O jovem-adulto pode ser caracterizado como um adulto em potencial: apesar de possuir recursos de adulto, não os utiliza em todas as suas possibilidades. Esse retardamento faz com que o jovem não evolua da condição de dependência para a de autonomia. Com isso, segundo Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro (2004), adiam compromissos da ordem do social como também da afetiva, uma vez que em suas “solteirices” e não-comprometimentos com responsabilidades sociais, se mantêm numa espécie de eterna adolescência.

A atual geração de jovens vive com uma norma subjetiva do consumo compulsivo de objetos e imagens, busca desesperada do bem-estar e a sujeição a padrões idealizados de beleza e juventude. É também, uma geração cercada por recursos tecnológicos, caracterizando-os pela idéia de interatividade. Quando esta geração se depara com o mundo do trabalho, é afetada pelo mito do desemprego e aliada a estes recursos da interatividade, investe no empreendedorismo, que veio significar uma grande reviravolta no mundo do emprego; dão preferência “a modos não hierárquicos de trabalhar”, ou seja, buscam abrir o próprio negócio.

Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro (2004) vêm que com o aumento do diálogo as relações familiares se tornaram mais igualitárias, com isso, se introduz no âmbito familiar flexibilidade e rebaixamento das fronteiras. A noção de autoridade se alterou e as cobranças dos pais se deslocaram do plano de liberdade e sexo para o dos estudos e da inserção no mercado de trabalho. Essa horizontalização das relações familiares abriu espaço para o diálogo, presente em: forma de permissões, posturas de companheirismo e ausência de limites;

“essa forma de se relacionar, sob a lógica dos pais, resvala num vazio de valores e numa falta de alternativas em relação aos padrões impostos pela cultura do consumo. Isso pode produzir uma espécie de sentimento de desautorização diante de um possível comportamento de excesso do filho, o que gera desorientação e insegurança” (p.22).

Além disso, o alto investimento dos pais na relação com os filhos provoca uma atitude dos filhos de corresponder a esse investimento mantendo seu papel de filhos; conseqüentemente, estes se mantêm “presos” a essa dinâmica e fica cada vez mais tardio o desligamento da família de origem e a busca por uma vida própria e autônoma que constituirá um novo sistema. O filho demora a perceber que os pais fazem de tudo para ele por egoísmo, ou seja, para garantirem que este filho fique mais tempo com eles e assim, atrasam ao máximo a realidade de terem que encarar a vida sob outro ponto de vista.

Todos esses “mecanismos” destacados neste capítulo pretendem prolongar a convivência familiar, dando origem ao fenômeno do “ninho cheio” e/ou “geração canguru”. Fica claro que a saída dos filhos é um momento delicado do ciclo de vida familiar, em função da necessidade de redefinir os papéis familiares e reconfigurar a nova realidade do casal. Certamente, a experiência do “ninho vazio” é um fator de grande carga emocional para a família, sobretudo, quando existe uma perspectiva de estagnação nas relações ou quando o vínculo conjugal se mostra fragilizado. A partir desta realidade, os filhos podem assumir o papel de “guardiões” da relação dos pais, e os pais podem “agarrar-se” aos filhos como uma forma de evitar o enfrentamento da

nova condição do casal. Por isso, é importante que essa fase seja permeada pelo diálogo para que juntos pais e filhos consigam estabelecer novos papéis e perpetuar a família.

#### 4. MÉTODO

O objetivo deste trabalho é compreender como se configura o relacionamento entre pais e filhos quando estes se tornam jovens adultos.

O modelo de pesquisa adequado é o estudo descritivo qualitativo no qual o foco de atenção é a construção de significados por parte dos sujeitos, de seus relacionamentos e como os percebem.

As respostas serão analisadas em seus contextos, a partir do ponto de vista dos pais e do filho, para se obter uma compreensão do fenômeno e dos processos envolvidos (Moon, 1990). Dessa maneira pode-se refletir melhor sobre os comportamentos humanos, considerando seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994). Portanto, apesar de não se tratar de uma população clínica, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa clínica por consistir num processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais ele é fonte em uma estrutura inteligível.

##### A) Participantes

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão:

- Um casal que tenha filho e esteja na fase de meia idade e pertença às camadas médias da população.

- Um filho que esteja na fase de se lançar ao mundo, buscando sua independência emocional e financeira dos pais. Será, portanto, um (a) jovem entre 22 e 25 anos, pertencente às camadas médias da população, por ser formadora de opinião.

Portanto, os participantes foram um casal ( homem de 55 anos e mulher de 53 anos, com filhos de 22 anos e 24 anos) e uma jovem adulta de 22 anos. A adulta jovem escolhida não é filha do casal porque os filhos deles não tinham disponibilidade para participar da pesquisa.

## B) Instrumento

Foram usadas entrevistas semi-dirigidas como instrumento de coleta de dados. Nessa perspectiva é importante considerar o pesquisador como parte do processo de coleta e análise dos dados: deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter certo distanciamento que lhe permita posteriormente pensar sobre o que ouviu. É um co-participante da realidade observada, tendo responsabilidade pelo material produzido.

A entrevista semi-dirigida é a mais adequada para responder aos objetivos da pesquisa, pois visa alcançar uma ampla exploração da questão. As perguntas são abertas e não tiveram por objetivo servir de roteiro diretivo, mas sim, como um guia que buscou facilitar uma conversa informal na qual o sujeito pudesse sentir-se à vontade para se expor e discutir sobre o tema e a entrevistadora pudesse conduzir a entrevista baseada em princípios éticos, de forma a atingir seus objetivos.

## C) Procedimento

Busquei os participantes por meio de conhecidos, amigos ou familiares.

As entrevistas foram realizadas na residência dos participantes para garantir conforto e facilidade. A duração da pesquisa foi em média duas horas.

Apresente-me aos participantes e os informei sobre: o objetivo da pesquisa e do cuidado ético de manter sigilo das respostas fornecidas por eles. Expliquei-lhes o termo de consentimento livre e esclarecido e pedi-lhes sua autorização, que foi dada. O modelo está no Anexo I. O cuidado com a exposição dos participantes foi constante. Me coloquei à disposição para responder a perguntas, curiosidades e comentários.

## D) Procedimento para análise dos resultados

As entrevistas foram anotadas e transcritas na íntegra. Considerei também os comportamentos não verbais e as reflexões e sensações dos participantes.

Fiz inúmeras leituras e sínteses das narrativas, a fim de obter um relato condensado, mas que ao mesmo tempo contivesse as informações mais significativas. Estas foram agrupadas em temas a partir das perguntas feitas que, na análise e discussão serão cruzados com o material obtido para compor os capítulos teóricos.

#### E) Considerações Éticas

Nesta pesquisa destacam-se também as questões éticas, pois as informações obtidas envolvem um elevado grau de intimidade dos participantes. Considero as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): garanti sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade dos participantes, bem como a utilização dos registros obtidos apenas no âmbito acadêmico.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As entrevistas foram anotadas e depois transcritas na íntegra, para que se tivesse o material completo de cada encontro. Fiz muitas leituras e organizei uma síntese das narrativas, a fim de obter um relato condensado que ao mesmo tempo contivesse as informações mais significativas, na forma apresentada por cada participante, mas que não os expusesse, dado o caráter pessoal e privado de cada história de sua família. Tive como preocupação prioritária o respeito aos meus entrevistados: evitei quaisquer dados que pudessem levar à sua identificação ou de pessoas de suas relações. Considero fundamental fazer jus à confiança em mim depositada pela garantia do sigilo, que propiciou a riqueza e profundidade das entrevistas.

A relação entrevistadora-participantes foi caracterizada pela proximidade e intimidade, pela carga afetiva das narrativas e pelas similaridades presentes: estas se referem à minha faixa etária e a dos meus pais e as experiências relatadas muitas vezes se assemelham ao mesmo momento em que estou na vida. Para facilitar a diferenciação em relação aos conteúdos das narrativas, tive o apoio de discussões com a minha orientadora.

### **5.1 Primeira entrevista**

A primeira entrevista realizada foi com um casal, cujas idades são 53 anos a mulher (Luísa), e 55 anos o homem (João), os nomes são fictícios. Eles têm dois filhos: uma menina de 24 anos e um menino de 22 anos. Atualmente, a filha está morando fora do país, para estudar e trabalhar e o filho trabalha durante o dia, faz faculdade à noite e mora na casa dos pais.

A entrevista foi composta por onze perguntas abertas. Nesta parte da discussão irei analisar questão por questão retirando destas os pontos que têm mais relação com o objetivo deste trabalho. Para ler a entrevista completa, vide anexo.

**1. De início, pedi para o casal dizer quais acontecimentos da vida de seus filhos lhes “soaram” como passos rumo à independência e autonomia.**

Luísa e João iniciam a entrevista contando que aos 15 anos a filha foi para os EUA estudar inglês por um mês. O filho não quis ir nesta mesma época. No ano seguinte, ambos foram para Austrália, mas cada um se virou sozinho. Em 2004 a filha foi passar um mês na Nova Zelândia com uma amiga e em 2005 o filho voltou para Austrália e morou por seis meses numa casa de família.

Sobre estas experiências Luísa e João disseram que:

*(...) sentiram que estas viagens ampliaram o universo de seus filhos, “eles voltaram sabendo lidar com dinheiro e sabendo que existiam lugares mais bonitos e mais adequados” (sic. Pai).*

Nesta pergunta percebe-se que os pais associam como principal movimento de independência de seus filhos o fato deles estarem longe de casa. Esta condição, de afastamento físico dos pais, realmente possibilita uma experiência mais real de independência já que nesta etapa da vida os filhos ainda são muito dependentes emocional e financeiramente dos pais e um dos modos de se afastarem um pouco é fisicamente e apenas por um determinado período de tempo. Porém, é importante salientar que esta separação física não é a única forma de experimentar “ser independente”: frequentemente o filho sente-se mais independente de seus pais simplesmente ao conseguir ir para algum lugar sozinho, sem precisar dos pais para levar e/ou buscá-lo, ao arrumar o primeiro estágio ou emprego ou o primeiro namoro “sério”.

Talvez este olhar de Luísa e João, de reconhecerem mais rapidamente os movimentos de seu filho rumo à independência em situações em que este se afasta fisicamente deles, esteja associado à idéia de que nesta fase da adolescência o filho ainda está muito ligado a eles, pelo lado financeiro e emocional; assim, esses “laços” dificultam que os pais percebam movimentos mais simples de independência do filho como o exemplo dado acima, do filho ir sozinho a algum lugar. Nesta fase, os pais ainda se sentem no controle do filho e associam a independência com a diminuição do

controle; diminuição que ao ver dos pais, se torna mais viável quando este filho está longe fisicamente deles.

Assim, freqüentemente, os pais não percebem muito os movimentos mais simples ou não os nomeiam como independência de seus filhos, os quais começam a partir da mais tenra idade; logo no primeiro ano de vida, quando a criança já começa a ensaiar os primeiros passos e em seguida já começa a andar sozinha, está experienciando ser independente do outro. Depois, aos dois anos de idade a criança experiencia também tal independência ao começar a dizer “não”, “é meu”, “sai daqui”. Normalmente, os pais têm a idéia de que os movimentos de independência devem ser mais “marcantes”, no sentido de serem permeados por brigas, discussões e rupturas, e somente quando os filhos estão mais velhos (da adolescência em diante); como neste caso da entrevista, em que os pais enxergaram a separação física como o principal marco, ou talvez o marco mais importante e/ou essencial para a independência de seus filhos.

Buscar enxergar estes pequenos e simples movimentos de independência dos filhos ao longo do processo evolutivo como: andar, falar, escolher a roupa que quer usar, viajar sozinho, etc., facilita o processo de elaboração dos pais para lidarem de forma mais natural com o desenvolvimento do filho, que acontece desde que este é muito novo e não só quando se aproxima da idade adulta. Este reconhecimento dos pais, de que o filho é um ser independente e não uma continuação da vida deles é essencial para acarretar uma diferenciação segura da família, o que ajudará o indivíduo a se estabelecer no mundo como um ser independente e autônomo.

Nesta entrevista, percebemos que há uma grande abertura de Luísa e João ao proporcionarem para seus filhos estas experiências de viajar para fora do país, visando amadurecimento e crescimento dos mesmos ao lidarem com situações novas e desconhecidas. Experienciar estas situações ajuda o adolescente a desenvolver “manejos” para enfrentar as adversidades da vida, para conviver com as diferenças culturais e pessoais e, para constituir sua personalidade, ou seja, construir seu modo próprio de ser na vida.

Sair do país, estudar outra língua e se afastar fisicamente dos pais, está muito ligado aos valores que os pais têm e às expectativas de como querem ver seu filho no futuro. Estes pais entrevistados pensam em proporcionar situações que “simulem” ao filho como é ser independente, para que no futuro este esteja mais preparado para dar conta de suas próprias responsabilidades.

Luísa e João deixaram claro que estas experiências foram possibilitadas por sentirem confiança em seus filhos, sobre isso, a mãe disse:

(...) *“ensinamos o que é certo e o que é errado e policiamos, eles seguiram dentro dos parâmetros; nunca mentiram nada para nós; mesmo o A. (filho) que foi mais levado sempre assumiu as coisas “erradas” que fez”*.

Além destas experiências de viajarem sozinhos para o exterior, João associa algumas viagens de final de semana para casa de amigos como outro tipo de experiência que ajudou os filhos a lidarem com diferentes pessoas e educações, ampliando também o universo deles. Sobre isto ele diz:

(...) *“Acho que eles foram aprendendo a lidar com as diferenças porque praticamente todos os finais de semana viajavamos com eles (filhos) para casa de pessoas que eles não conheciam e assim eles conversavam com todo tipo de gente. Isso, de estar cada hora em um lugar, lhes deu certo desprendimento. Eles foram tendo que se adaptar para lidar com pessoas desconhecidas e acho que isso só os fez amadurecer e os ajudou a lidarem com outras experiências quando estavam longe da “saia dos pais”, principalmente da mãe que foi mais presente”*.

Nesta fala, surge uma questão a diferença de gênero presente nesta família: a mulher se encarregou mais do lado emocional da família e o homem do financeiro, reproduzindo o binômio tradicional homem provedor – mulher cuidadora. Estas relações tendem a ser hierárquicas, pois é atribuído maior valor aos recursos trazidos pelo homem do que ao cuidado prestado pela mulher (Hime, 2004).

Estas experiências que Luísa e João descreveram como auxiliadoras no processo de desenvolvimento e aquisição de autonomia de seus filhos foram pequenas e graduais,

ampliaram o universo do filho e deram exemplo de flexibilidade para lidar com o diferente, com a multiplicidade e o novo. Os pais, por ainda terem o controle emocional e financeiro, podem orientar e apoiar este filho, ajudando-o a se constituir como um sujeito autônomo e independente.

Além de pensar nos benefícios que estas experiências trazem para o desenvolvimento dos filhos, é importante enxergar que pelo lado dos pais elas também os ajudam a se preparar com o fato de não ter o filho morando em casa e, aos poucos, vão vivenciando o “deixar partir”; percebendo a importância de se constituírem como um casal unido e independente dos filhos, com sonhos e desejos próprios, pois isso, facilitará muito o processo de lançamento deste filho que ocorrerá na fase de jovem adulto. Sobre isso McCullough & Rutenberg (*apud* Carter e Mc Goldrick, 1995) dizem que a existência de relacionamentos positivos com os filhos adultos representa a culminação de um longo processo de gradualmente “deixar partir”, que começa na infância, ganha velocidade na adolescência e conduz a algum tipo de separação física quando o jovem adulto vai para universidade ou começa a trabalhar.

## **2. Perguntei ao casal se sentiram diferença no processo de independência do filho homem e filha mulher. E como sentiram os movimentos de independência dos filhos.**

Sobre esta questão, os pais disseram que não sentiram diferença. Segundo João:

*(...) “a filha mulher, de uns 12 até uns 14 anos, foi mais “arteira” que o filho, mas depois, seguiram iguais”.*

Nesta questão não fica muito claro pelos pais se houve diferença de gêneros no processo da constituição da personalidade de seus filhos. Segundo Gilligan (1982) existem diferenças de gênero na formação da personalidade, como aponta: para os meninos a separação e individuação acham-se criticamente vinculadas à identidade de gênero, visto que a separação da mãe é essencial para o desenvolvimento da masculinidade. Para meninas as questões de feminilidade ou identidade feminina não dependem da consecução da separação da mãe ou do pai. Diante disso, uma vez que a masculinidade define-se através da separação, a feminilidade define-se através do

apego, assim, a identidade de gênero masculina é ameaçada pela intimidade pelo envolvimento profundo que esta acarreta, ao passo que a identidade de gênero feminina é ameaçada pela separação, pelo abandono.

Quanto ao sentimento que lhes despertaram os movimentos de independência de seus filhos os pais disseram:

*(...) “nesta fase, em que começaram ir para o exterior, sozinhos, sentimos que os nossos filhos estavam crescendo, mas que ainda teriam que voltar para casa pela necessidade financeira. E esses “treinos” serviram para que fossem sempre adquirindo mais segurança na educação que deram, já que o tempo que passaram fora nunca deram trabalho, sempre deu tudo certo”.*

Nesta frase, surge claramente a importância do financeiro, como um vínculo de dependência e controle, os quais são adequados para a idade que os filhos se encontravam na época que lhes proporcionaram a experiência de viajarem sozinhos para o exterior.

Percebe-se que estes “treinos” a que João e Luísa se referem foram importantes tanto para os filhos - que aprenderam a lidar sozinhos com situações diversas e, muitas vezes, desconhecidas - quanto para os pais, que apesar de falarem pouco de seus sentimentos em relação ao processo evolutivo dos filhos, de alguma maneira, expressam que estas experiências foram essenciais para conseguirem vivenciar o “desapego”, sentindo que os filhos não são propriedade deles, e se prepararem para o momento que cada um seguirá sua vida com sua esposa e filhos, constituindo uma nova família. Dessa forma, percebe-se que o espaço da família se constitui como um sistema integrado, onde cada membro tem seu espaço para construir suas individualidades; segundo Capra (1996) a família é entendida sob a perspectiva sistêmica como um sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui e, é a partir das relações e das interações entre as partes que elas surgem. Este entendimento de que cada membro tem seu espaço para desenvolver o seu próprio eu facilitará uma diferenciação segura dos filhos de sua família de origem, podendo gerar adultos mais bem resolvidos. Sobre isso, Carter e Mc Goldrick (1995) ressaltam que o modo como o sujeito se discriminou de

sua família de origem influencia profundamente quem, quando, como e se ele vai casar, e como vivenciará todos os estágios seguintes do ciclo de vida familiar.

### **3. Perguntei como os pais encararam o desenvolvimento dos filhos rumo à independência.**

Sobre esta questão, Luísa me respondeu:

*(...) “Encaramos tudo como uma evolução. Confiamos na educação que demos e vemos como um movimento natural da vida. Tem horas que precisamos dar uma “empurrada”, mas, de modo geral, eles seguiram sozinhos”.*

Esta frase é reflexo do que disse acima a respeito desta família ter dado oportunidade para que cada membro tivesse seu espaço para constituir sua individualidade. E os pais se mantiveram no papel de incentivar, empurrar e apoiar quando lhes foi necessário, promovendo assim, segundo Carter e Mc Goldrick (1995), o que é o papel da família: unidade de proteção e base para se experimentar no mundo.

Sobre esta fase, o casal quis dar um exemplo, mostrando como, atualmente, o filho lida com as questões que lhe surgem de modo autônomo.

*(...) O filho deles quis mudar de faculdade e foi falar com os pais; João disse que orientou a escolher o que fosse melhor para ele. E conta que foi isso que o filho fez, sozinho: ele avaliou os dois currículos das faculdades, analisou os prós e contras e depois, só avisou aos pais da mudança. Luísa vê isso como uma experiência boa, em que o filho teve que decidir sozinho o que preferia fazer, assim, desenvolveu sua responsabilidade. João completa falando que sempre insistiu muito com os filhos que eles deveriam responder o que faziam a eles mesmos, por exemplo, na escola, as questões que eles tinham que avaliar eram: presença nas aulas, ir bem nas provas e passar de ano. Essas eram as responsabilidades deles, que iriam fazer diferença para eles mesmos, por isso, eles que deviam se questionar sobre isso. E foi assim que eles lidaram com os filhos, dando-lhes responsabilidades. Desde pequenos já deviam arrumar a cama e conforme foram crescendo foram se responsabilizando pelas obrigações escolares. E os pais se colocavam na posição de “apoio”, sem falar ou dar*

*ordens, procuravam sempre orientar falando o que não estava legal, mas sempre respeitando os filhos.*

Nesta questão, Luísa e João nos dizem da importância de aproveitar cada momento na vida do filho para que esta fase atual, em que estão se preparando para lançarem-se da casa de seus pais, seja encarada de forma natural. Perceber que o filho é um ser independente dos pais, mesmo que tenha uma fase de dependência emocional e financeira, este é um sujeito com vida e desejos próprios e os pais devem respeitá-lo, isso facilita o processo de “deixar partir”, no sentido de que os pais se dedicaram ao desenvolvimento do filho, mas não abandonaram seus projetos e suas buscas como seres humanos e como um casal.

Neste exemplo que o casal deu de seu filho, fica evidente que eles não interferem nas escolhas de seu filho, pelo contrário, respeitam que o filho tem suas próprias verdades e objetivos e já transmitem confiança de que ele é capaz de arcar com as conseqüências de seus atos. O casal deixa claro que assumiram para seus filhos sempre um papel de referência, de exemplo de vida. Também proporcionaram consistência e responsabilidade cerceando e dando limites de acordo com a fase que os filhos estavam. E, ao longo, do desenvolvimento, eles como pais foram ajudando os filhos a lidarem com seus “problemas” com as próprias pernas, transmitindo-lhes valores como: confiança, responsabilidade e respeito mútuo. Estes méritos são alcançados quando os pais estabelecem com seus filhos uma comunicação recíproca que favorece a argumentação entre os diferentes pontos de vista: assim, vai se desenvolvendo o respeito entre ambas as gerações.

A respeito desta fase atual dos filhos, Luísa e João disseram:

*(...) “nesta fase que os filhos estão, este respeito aumentou porque eles já têm autonomia e não dá para interferir. Segundo a mãe: “Fico angustiada com algumas coisas, mas, não me envolvo. Acho que é sentimento de mãe que não quer ver os filhos sofrerem”.*

Nesta frase de Luísa, percebe-se que o sentimento materno de cuidado, carinho, atenção, etc., não é extinto só porque os filhos cresceram e/ou porque saíram de casa;

este é um medo muito comum entre as mães com filhos nesta fase da vida. É importante que a mãe esteja presente na vida do filho, pois sempre terá sua importância; o que acontece é que nesta fase esta precisa reconhecer que seu papel mudou. Hoje em dia, o filho não precisa mais que a mãe faça tudo por ele ou que continue excessivamente preocupada com cada passo que ele dê. Agora é o início da fase adulta do filho e as relações devem ser mais horizontalizadas e, como o casal disse na entrevista, o respeito deve ser ainda maior porque agora todos são adultos. E, os pais que ainda sentem-se influenciando nas decisões do filho devem mudar de atitude e respeitar a escolha do mesmo; agora, os pais assumem o lugar de expectadores, dando apoio aos filhos ao que for necessário e a eles solicitado, como no exemplo dado acima pelo casal. Encarado desta maneira a família enfrenta esta mudança de ciclo de forma mais serena e harmoniosa, sem estar marcada por brigas e discussões.

#### **4. Como a família está hoje (o que fazem juntos? O que fazem sozinhos? Como está o movimento da casa?)**

Luísa diz que atualmente a filha está morando fora do país, já é o segundo ano que ela está trabalhando e agora, também, estudando no exterior. O filho, que ainda mora com os pais, está cursando a faculdade de administração de empresas, à noite e trabalha durante o dia. Com isso, não conseguem ter muitos momentos comuns; mas, sempre que possível tentam fazer alguma refeição juntos e quando dá certo, programam viagens juntos também. Nesta colocação da mãe percebe-se que a família está se desenvolvendo e os filhos estão tomando o rumo de sua vida, portanto, é importante que este sistema se ajuste a entrada de novos membros como possíveis parceiros dos filhos, e futuramente: genro, nora, netos. Para Carter e Mc Goldrick (1995) esta fase é permeada por muitas entradas e saídas no sistema familiar. Começa com o lançamento do filho jovem – adulto, prossegue com a entrada dos cônjuges dos filhos e depois dos netos. E, concomitantemente, é atravessada pelo adoecimento ou morte dos pais mais velhos.

Sobre o “movimento da casa”, Luísa disse que este sofreu mudanças devido à incompatibilidade de horários e diz que:

(...) *“estava deixando de se preocupar muito com o horário que o filho chegava em casa para servir uma comida, no sentido de deixá-lo se virar na cozinha para comer. Mas o marido “pega no pé” dela, dizendo: “você não vai lá ver alguma coisa para ele comer?” e daí ela vai e complementa: “como mãe sempre me preocupo, por exemplo, sempre que ele sai, por exemplo, pergunto se ele pegou um agasalho”.*

Nesta fala, percebe-se que Luísa está tentando se “libertar” deste papel mais tradicional de ter que fazer as coisas para o filho, mas, João a “controla”. A relação do casal talvez “carregue” a hierarquia de casais tradicionais: pai manda, mãe cuida. Superar esta hierarquia é importante para que o casal se ajude a tornar-se independente de seus filhos e procure se manter como uma “unidade” que expressa opiniões similares com o intuito de fortalecer a relação e não de permeá-la por contradições: para isso, é importante que haja muito diálogo no casal para que juntos entendam a importância que estas pequenas atitudes têm, no sentido de auxiliarem no processo de independência do filho.

Sobre a escolha da filha de ir morar em outro país, Luísa expressa:

(...) *“talvez ela não volte, mas, eu vejo que ela está feliz lá. Não é que eu não me incomodo, eu sinto falta, mas, ela me passa segurança de que está feliz”*

Assim, Luísa expressa que os desejos dos filhos nem sempre são compatíveis com o que eles, pais, queriam que os filhos fizessem. Porém, é importante respeitar o sentimento e a vontade deles e dar força para que sustentem seus sonhos e planos de vida. Mesmo sentindo falta da filha ela acima de tudo a respeita e se satisfaz por sentir que ela está feliz com sua própria escolha, que é, afinal de contas, o que mais interessa. Para esta mulher, ser mãe traz a necessidade de mudar seu papel à medida que a família vai-se desenvolvendo no seu ciclo vital; ela compreende o que Carter e Mc Goldrick (1995) explicitam: esta é uma fase complexa e de transição podem surgir problemas, que poderão ser resolvidos por uma reorganização do sistema familiar, que envolverá mudanças. A principal delas é o desafio de estabelecer um relacionamento menos hierárquico entre pais e filhos, afinal, agora, todos são adultos.

João encara esta distância física da filha da seguinte maneira:

*(...) é mais fácil enfrentar esta distância física da filha porque têm facilidade para irem para lá e por causa do desenvolvimento tecnológico, comenta sobre a webcam e e-mails: “chego no escritório, mando um e-mail para a minha filha, logo ela me responde, me conta o que vai fazer... a tecnologia aproxima muito mais” (sic).*

Dessa maneira, ele considera que as transformações tecnológicas aproximam e permitem que os pais, mesmo de longe, consigam acompanhar a vida dos filhos. É importante que os pais continuem acompanhando a vida dos filhos, isto é importante para ambas as gerações. A condição de pais nesta idade da vida pode ser muito mais prazerosa, no sentido de que estes não precisam mais ficar o tempo inteiro focados com suas funções de pais, como: dar limite, exigir respeito, etc., já que agora confiam na educação que deram e assistem o movimento natural da vida.

#### **5. Como será para vocês, pais, lidarem com o futuro de não terem mais nenhum filho morando em casa?**

Sobre esta pergunta, Luísa diz que:

*(...) “será tranquilo e que não sentirá um vazio porque ela e o marido vivem bem juntos e completou: “isso conta muito porque fazemos programas só nossos”.*

Esta frase revela que o casal, passando pela meia idade, está passando pelo momento da revisão da relação conjugal. Segundo Macedo e Kublikovski (2007 *apud* Cervený, 2007) o casal que procurar se unir vai buscar juntos maneiras para que consiga superar esta fase e reencontrar um novo sentido na existência, ressaltando a antiga colaboração e companheirismo que os farão sentir que ainda vale muito a pena sorrir, amar e viverem juntos como uma família, mesmo que só estejam os dois vivendo na mesma casa. Carter e Mc Goldrick (1995) dizem que é essencial a reestruturação da relação conjugal, afinal, agora não são mais necessárias as responsabilidades parentais e o casal precisa de um novo investimento para se solidificar e conseguir buscar novos objetivos que façam a vida valer a pena.

João complementa a fala de Luísa, dizendo que:

*(...) “já nem perguntam mais para os filhos se eles querem ir ou não junto deles quando saem, porque acha que não cabe mais perguntar isso; além disso, os filhos já sabem que se quiserem ir, serão bem vindos. Os nossos filhos têm liberdade para conversar, marcar ou desmarcar algum compromisso, e deram um exemplo: o casal e o filho com a namorada estavam combinando de fazer uma viagem, mas, o filho acabou combinando com os amigos outro programa e cancelou com os pais. O pai vê isso como uma liberdade de desmarcar os compromissos sem culpa. E disse que hoje as relações não são pautadas no dinheiro, por exemplo: “vou jantar com meu pai porque não gasto nada” e sim no fato de realmente curtirem estar juntos”.*

Num outro momento da entrevista, que aparecerá na análise da próxima pergunta, João disse que a separação deles (casal) com os filhos já começou antes mesmo da distância física.

Assim, nesta questão fica claro que, como já vimos nas análises acima, que Luísa e João realmente foram aproveitando cada fase do desenvolvimento de seus filhos e sempre foram se preparando, de maneira gradual, para este momento em que eles não estarão mais presentes em casa diariamente e seguiram sua vida individualmente ou com a família que formarão. O importante é que os pais, como foi dito na primeira frase de Luísa nesta pergunta, façam programas juntos e ao longo da vida de casados formaram uma identidade conjugal, o que auxilia muito nesta fase que os filhos têm suas vidas próprias, pois, os pais não ficam “em função” dos mesmos.

É comum que nesta fase que Luísa e João estão, casais que não buscaram desenvolver momentos só para eles e viveram apenas em função do (s) filho (s), esta fase se torna crítica justamente porque ocorre uma inversão, em que os pais se vêm totalmente dependentes dos filhos e os filhos estão cada vez mais independente dos pais. Famílias assim disfuncionais dificultam muito o processo de “desligamento” do filho, pois, sentem que se este filho sair de casa a relação do casal não se manterá.

Outro aspecto bastante relevante que apareceu nesta pergunta foi à questão da “culpa”: ela está diretamente ligada ao que disse no parágrafo acima porque pais que se sentem muito dependentes de seus filhos os culpam por estes não estarem com eles.

Luísa e João nos mostram um tipo de relacionamento diferente, onde conseguiram desenvolver com seus filhos uma relação madura, sem competição dos pais com amigos e/ou namorada (o) do (a) filho (a), ou seja, é uma relação baseada na consideração de que todos os membros da família são adultos, assim, vivem numa relação mais igualitária, que permite que busquem momentos juntos simplesmente pela boa, respeitosa e harmoniosa convivência que constituíram ao longo dos anos.

Luísa e João compreendem que precisam mudar o *status* da relação com os filhos e devem se preparar para as próximas fases da vida, como por exemplo: a chegada dos netos; e assim, experimentam o desfecho mais saudável descrito por Carter e Mc Goldrick (1995): famílias que encaram este estágio como um momento de fruição e conclusão, e como uma nova possibilidade de se consolidar e expandir explorando possibilidades e papéis novos.

## **6. Como se vêm agora que passaram de pais de filhos crianças, depois de adolescentes e agora de adultos?**

Nesta questão é importante perceber se estas passagens, naturais, ao longo do ciclo de vida familiar se deram de maneira tranqüila e/ou conflituosa. Então, a resposta que tive do casal foi que sentiram como:

*(...) “evolução natural, tudo foi acontecendo e eles nem perceberam alguma mudança brusca. De acordo com a idade dos filhos, eles como pais, foram vivendo o que lhes cabia. A mãe comenta que o filho, na fase da adolescência, ficou mais agressivo, mas que ainda hoje tem esse jeito, então, entende que é uma característica dele mesmo. E continuaram dizendo que o desenvolvimento foi muito natural; para o pai: “a nossa separação começou antes de ser física, fomos dando sempre autonomia para eles. E hoje não existe mais o “posso fazer?”, eles têm total liberdade e independência”. Como exemplo, o pai conta como foi quando deu um carro para os filhos: “dei o primeiro carro, zero e eles escolheram qual queriam, agora, do segundo em diante, é por conta deles” e disse também que a escolha profissional foi deles e não influenciaram em nada. E a mãe completou: “sempre procuramos ajudar e não facilitar. A nossa geração de pais está fazendo muito pelos filhos e não está sendo bom. E a nova geração está*

*pior, os pais de crianças pequenas hoje estão superprotegendo os filhos e dando tudo para eles, afinal, é mais fácil dar do que participar e se dedicar estando presente”.*

É interessante que Luísa e João salientam bastante, ao longo de toda entrevista, que o fato de encarem o momento atual da família, em que os filhos estão começando a bater “asas e voar”, de maneira natural está muito ligada à idéia de que se sentem com a “missão cumprida” como pais; aproveitaram cada momento do desenvolvimento de seus filhos, sejam estes: para educar, dar um “puxão de orelha” ou para se alegrar; se adaptaram dando atenção às necessidades de cada fase do filho. E agora, não encaram que estão perdendo seus filhos, porque realmente não estão. Sentem que ainda têm muito que viver, aproveitar, aconselhar, vibrar, etc., e encaram como um momento de continuidade da vida e da família, sem rupturas. O casal apresenta muita crítica e reflexividade, comuns nesta fase da meia idade, e procuram equilibrar o cuidado, estímulo e também incentivar a independência e a responsabilidade dos filhos; estão conscientes de que o desenvolvimento é um processo que ocorre durante todo o ciclo vital e inclui rupturas e continuidades, progresso e retrocesso, estabilidade e instabilidade. Tem um aspecto pessoal e também relacional. Assim, as maneiras como os membros da família dependem uns dos outros dentro da “*espiral geracional*” (Duvall, 1977, p. 153 *apud* Carter e Mc Goldrick, 1995), numa interdependência, constituem o contexto familiar à medida que as gerações se transformam quando se movem no ciclo vital. Essas transformações são caracterizadas por fases ou etapas pelas quais a família passa no decorrer do seu desenvolvimento formando o ciclo de vida familiar. É importante entender o ciclo de vida com foco nos relacionamentos intergeracionais, pois, um indivíduo se constitui na complexa teia de laços familiares ao longo de todas as gerações já que o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, aliás, este é o contexto primário do desenvolvimento humano. Isto também remete a Capra (1996), que assinala a interdependência dinâmica entre partes e todo.

Fica evidente na entrevista que Luísa e João conseguiram estabelecer em sua família o diálogo e o respeito, assim, os filhos não precisam mais pedir permissão para fazer tal coisa porque já adquiriram a confiança e o respeito dos pais, além de já serem responsáveis por suas atitudes, agora, simplesmente comunicam aos pais o que vão fazer por consideração. E mostram que nunca procuraram facilitar para os filhos, dando

a eles limites importantes já que reconhecem a importância para a vida deles de “correr atrás” do que querem, sem se acostumar com tudo pronto “caindo do céu”. Esses valores transmitidos dos pais para os filhos ajudam a dar uma noção maior de realidade da vida e, garantem que os filhos estejam mais preparados para enfrentar às diversidades do mundo a fora, experimentando-se e testando seus limites.

Fica claro que o casal entrevistado encara como essencial, neste momento atual do ciclo familiar, continuar dando abertura para as escolhas dos filhos e transmitindo confiança para que estes completem seu desenvolvimento e voem pelo mundo.

**7. Como vêm a realidade de seus filhos hoje, em relação ao mundo do trabalho. Comparando esta realidade atual, que seus filhos enfrentam, com a que vocês (pais) enfrentaram, estas são muito diferentes? Se sim, no que? Para finalizar as comparações, a experiência que tiveram com os seus pais na época em que vocês (pais) saíram de casa, os ajuda a lidar melhor agora que o filho de vocês está se preparando para este lançamento?**

Luísa disse:

*(...) “Acho que hoje no trabalho eles enfrentam mais disputa, é mais desonesto, mais maquiavélico, pensam muito para “derrubar” o outro e assumir o lugar dele, as pessoas são mais calculistas para atingir seus objetivos e pisam em cima do outro para conseguir”.*

Na visão de João:

*(...) “Eu acho que é igual- na medida daquela época - não vejo muita diferença em relação à competição; o que vejo é que o grau de especialização exigido hoje é maior, por exemplo, é fundamental ter uma segunda língua, uma especialização e dominar a informática. Hoje o jovem tem que confiar muito naquilo que faz para ser muito bom no que estudou, antigamente essa exigência era menor”.*

Realmente este contexto de maior competição e alta exigência no grau de profissionalização existe, o que faz com que este ambiente se torna bastante “instável”

na vida do jovem-adulto, gerando-lhe muita insegurança. Por isso, talvez, como foi abordado no terceiro capítulo há um aumento de tempo da permanência do filho na casa dos pais, caracterizando o fenômeno atual da chamada “Geração Canguru”. Por conta disso, é importante que os pais orientem os filhos a lidarem diante desta realidade, estimulando-os para que estudem a fim de alcançarem um bom emprego no mercado e a “se virar” sozinhos para que estejam mais preparados a enfrentar a competição, e não assumam a posição de pais que ampliem o sentimento de incapacidade e/ou impotência para enfrentar tal circunstância. Segundo Carter e Mc Goldrick (1995) Fatores sócio - culturais - econômicos e outros influenciam a maneira como as famílias passam pelo ciclo vital e enfatizam que o processo subjacente a ser negociado é a expansão, a contração e o realinhamento dos sistemas de relacionamentos para suportar a entrada, a saída, o desenvolvimento dos membros da família e as mudanças culturais e sociais do mundo.

Sobre o exemplo que tiveram dos próprios pais, Luísa destacou:

*(...) “eu acho que sim porque tive essa liberdade que dou para os meus filhos. Na minha casa essa liberdade era normal, ao contrário da época. Por exemplo: tinha a chave de casa e não tinha hora para voltar, não fui muito controlada”. Apesar de ter saído de casa só para casar, ela já ganhava seu próprio dinheiro e não dependia mais economicamente dos pais”.*

Para João, o exemplo de casa também o auxiliou para lidar com seus filhos:

*(...)“sai de casa para estudar e nunca mais voltei. Também considero que tive liberdade em casa e isso me ajudou a repetir o exemplo com os filhos”.*

Portanto, apesar de filho não vir com “manual de instruções”, o exemplo transmitido de geração para geração evidencia o caráter sistêmico das relações humanas, neste exemplo, a liberdade na criação de seus filhos que os avós deram, repercutiu para a geração dos netos. Segundo Carter e Mc Goldrick (1995), a família compreende todo sistema emocional de pelo menos três gerações, e agora, freqüentemente, de quatro gerações. As três ou quatro diferentes gerações devem acomodar-se simultaneamente às transições do ciclo de vida, ou seja, elas enfrentam crises simultâneas que dão o caráter

de “movimento” à vida, além disso, é a partir dessa relação inter-geracional que se compreende como padrões são mantidos ou transformados.

#### **8. Como lidam com a diferença atual do (a) filho (a) trazer seu (sua) parceiro (a) para dormir em casa?**

Nesta pergunta é importante perceber a diferença das famílias atuais em relação às famílias do início do século XX; evidenciam-se, hoje em dia, formas mais flexíveis de relações, com maiores possibilidades de reivindicações pessoais, de diálogo e de negociação entre os indivíduos. Neste contexto, tem sido observado o prolongamento da convivência intergeracional na família, já que há um rebaixamento nas fronteiras e uma maior “adaptação” entre os desejos dos filhos e dos pais.

Quanto a essa pergunta, Luísa me disse que:

*(...) “nossos filhos sempre trouxeram as (os) namoradas (os) para casa; quanto a namorada do meu filho passou a dormir em casa, no começo é estranho porque fomos criadas de outra maneira. A casa dos pais era um lugar de muito respeito. Eu lembro uma vez que eu e o João tivemos que dormir na casa dos meus pais com as crianças, porque meus pais iam viajar, e minha mãe me disse para dormirmos na cama dela e do meu pai porque era mais fácil, mas nos sentimos super mal, foi estranho. Porém, vejo que hoje em dia é diferente e percebo que a namorada do meu filho sente segurança e acolhimento aqui em casa e gosta de estar aqui, então, agora é mais natural”.*

Nesta questão está presente a função da família de construir, no decorrer do desenvolvimento humano, funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

Nesta caso, apesar de Luísa e João, aparentemente, não serem muito a favor desta situação da namorada do filho dormir em casa, eles acabam rebaixando suas fronteiras/ limites e cedem este espaço ao filho, se adaptando a essa tendência cada vez mais recorrente nas famílias brasileiras. Há uma mudança de foco porque na fala da mãe percebe uma importância do que a namorada sente, mas, no tempo deles a importância estava no que os pais sentiam e, portanto, o respeito a eles. Nesta questão, coloco um

questionamento: esta permissão se dá para não desagradar o filho e perpetuar a permanência do mesmo em casa ou, simplesmente, porque os pais sentem que culturalmente este “valor” mudou?

A partir desta pergunta, questiono o casal sobre como o filho, que tem esta liberdade para trazer a namorada em casa, lida com algumas “questões”, relacionadas a dar satisfação aos pais já que ainda mora com eles. A mãe diz:

*(...) “ele (filho) é resistente para me avisar das coisas e eu sempre pergunto por que me preocupo muito com a violência do mundo”.*

Então, lhe perguntei se por acaso o filho não morasse mais com ela, se ela ainda ia querer esse tipo de satisfação. Luísa disse:

*(...) “se ele não morasse mais comigo essa cobrança seria menor, porque poderia controlar menos. E depois completou: “Hoje o controle se transferiu para uma confiança no crescimento deles”.*

Talvez depois destas colocações de Luísa pode-se responder a pergunta que fiz acima, relacionando o rebaixamento das fronteiras ao medo de que os filhos saiam de casa e os pais percam sua função; este medo surge já que os pais só souberam até hoje ser pais desta maneira: controlando e cuidando. Neste caso da entrevista, este presente casal se mostra atento ao quanto devem ceder, sem tornarem-se escravos dos filhos algozes, mas adaptando-se às transformações. Esta família se expressa como um sistema dinâmico e flexível, mostrando que os relacionamentos com os pais, irmãos e outros membros da família passam por estágios, na medida em que a pessoa se move ao longo do ciclo de vida.

Quanto aos filhos acho que quando estes começam a instituir “novas regras” mais adaptadas às suas vontades, oscilando em ser dependente e independente conforme lhes é mais vantajoso, é preciso que tenham consciência que se querem ter mais liberdade e dar menos satisfação do que fazem aos pais, devem mudar de atitude e, além de passar segurança aos pais devem se prontificar a buscarem seu “próprio canto”, mostrando que podem manter suas escolhas.

Para se estabelecer nesta nova fase, é preciso esperar que o tempo auxilie todos, pais e filhos, a se readaptem a seus novos papéis. Assim, embora os pais entrevistados estejam super preparados para esta mudança familiar, leva um tempo para essa adaptação.

### **9. Como estão hoje como casal?**

Como está a relação do casal, como já foi dito ao longo dos capítulos teóricos e nesta análise, é muito importante para compreender como os pais lidam com o “deixar partir” nesta fase. No caso do casal entrevistado, eles deixam claro que constituíram uma identidade conjugal fazendo programas com amigos e não esperando que os filhos lhe façam companhia sempre. Luísa diz:

*(...) “Sinto que fiz a minha parte e que passou a minha fase, fiz e fiz tudo numa boa. Agora terminou natural. Eu e João curtimos também nossa independência para sair só nós dois. Tudo que fizemos com os filhos não foi forçado, tudo que precisou ser feito foi no momento que tinha que acontecer; vejo que meus filhos tiveram liberdade, autonomia e confiança para serem independentes dos pais”.*

João disse:

*(...) “Estamos até melhor como casal hoje, porque estamos nos curtindo mais”.*

Este é um grande exemplo de como o casal estruturou sua vida, foram pais presentes que fizeram de tudo para auxiliar os filhos rumo à independência e autonomia. Agora, sentem a importância de estarem juntos, fazem programas só deles, e se apóiam na rede social que formaram ao longo dos anos. Por isso, é tão importante constituir uma rede, por exemplo, com outros casais. Porque, além de possibilitar trocas que facilitam lidar com as mudanças da vida, é um apoio para que se sustentem no papel de homem e mulher e não mais só no papel de pais. Segundo Sluzki (1997) a ter uma rede social gera melhor qualidade de vida e colabora para saídas de crises de modo criativo e saudável. Hoje, o presente casal nos ensina a importância de valorizar o aumento no

tempo que têm para ficarem juntos e em outras atividades, já que não é mais necessário disponibilizar mais tempo aos cuidados com os filhos.

### **10. O que acham da geração canguru? E de pais super protetores?**

Percebendo que este casal teve como um princípio norteador no papel de pais oferecer instrumentos que possibilitassem segurança e independência aos seus filhos, perguntei o que achavam da tendência atual, “geração canguru”, na perspectiva de pais. Ou seja, os pais têm influência sobre essa tendência?

Luísa me respondeu que:

(...) “*acho isso comodismo*”.

E João complementa, dizendo como orientou seus filhos durante a vida, com o intuito de evitar a dependência dos mesmos:

(...) “*sempre forçamos nossos filhos a andarem sozinhos. Sempre falei que como o pai deles não têm empresa para eles trabalharem, eles tinham que conquistar o espaço deles com as próprias pernas*”. E depois: “*sempre fomos dando “dicas” aos nossos filhos, nunca impondo o nosso modo de pensar para que eles constituíssem seu próprio eu*”. O pai relata, por exemplo, uma experiência: “*uma vez um amigo meu me ligou oferecendo emprego para o A. e, a única coisa que fiz, foi passar o celular do A. para que ele entrasse em contato com ele e conversassem*”. Em seguida o pai disse que sempre busca orientar o filho e conta também que quando este teve problemas no trabalho, por sentir que “*não estava fazendo muita coisa*” ele o orientou a ir falar isso para o chefe. O filho fez isso e o chefe o contratou, mesmo ainda não sendo formado, e pediu para que ele transferisse a faculdade para noite e trabalhasse tempo integral. Tudo isso os pais vêem como uma conquista do filho e sentem como uma grande experiência que favorece o amadurecimento do mesmo”.

Nesta fala de João percebe-se que o fator financeiro valoriza a autonomia e a independência; assim, transmite como valor a seus filhos que busquem ser independentes financeiros para que esta conquista os auxiliem a se tornarem autônomos.

Depois, no exemplo que João deu sobre o trabalho do filho, é notório que ele é visto como a figura que instrumenta o filho para tornar-se independente e ativo no mundo. Nesta situação, o João transferiu a autoridade para o chefe, mostrando ao filho que agora é com o chefe que ele tem que “reclamar” e não mais com ele. E, ao mesmo tempo, não deixou o filho desamparado, seguiu seu papel de pai instrumentalizando e orientando seu filho a tomar esta atitude. Assim, ele ensina e transmite segurança ao filho, direcionando-o qual caminho deve seguir no mundo profissional, já que tem mais experiência. E o filho recebe a orientação e vai atrás de seus objetivos.

Quanto à opinião que têm de pais super protetores, eles me disseram:

*(...) “são pais que buscam cercear o filho e impedem o mesmo de crescer. E esquecem que quando o filho casar não vão junto, e assim, os pais acabam perdendo sua vida para ficarem a disposição do outro, a mãe disse: “muitos pais não querem empurrar os filhos”.*

A visão deste casal sobre pais super protetores, me conduz ao que já foi dito em outra questão: estes tipo de pais, frequentemente, são pais que se dedicaram exclusivamente à criação dos filhos, centrando-se neles, e agora sentem-se no direito de cobrar pelos anos dedicados. Inclusive alguns dizem: “eu me dediquei X anos da minha vida a você...”, expressando assim o desejo de manter este filho para eles, cumprindo alguma função correspondendo às programações parentais que estipulam papéis e obrigações dos filhos (Carter e Mc Goldrick, 1995), e se for analisar os anos passados, percebe-se que a vida inteira dos filhos agem “cortando” as asas dos mesmos, tentando impedir ao máximo esse momento, que é por eles encarado e vivido como uma grande e irreparável perda.

**11. Para encerrar esta entrevista, pergunto aos pais como veem o caminhar de seus filhos rumo à independência, em relação: às expectativas que tinham para esta fase de vida dos filhos, preocupações que ainda têm e quais os desejos para a vida deles?**

Esta pergunta é mais reflexiva, visa englobar o passado, o presente e o futuro, a fim de dar uma perspectiva geral desta fase atual que vivenciam. Luísa inicia e depois o pai complementa o que ela diz, chegando à mesma posição:

*(...) “Não queria vê-los estagnados, sonhava em vê-los crescer”. E depois disse que, quanto a filha, sente que ela já está com meio caminho andado porque está vivendo a vida dela. E a preocupação que ainda sente é que ela tenha algum problema de saúde, já que estão morando longe, será difícil ajudá-la. Quanto ao filho, ela disse que sua maior preocupação é que ele termine a faculdade. Quanto aos desejos, que o casal preferiu denominar como realização, concordaram que é continuarem como vem acontecendo, ou seja, acompanhar este desenrolar da vida que começou desde querer ver o filho quando bebê começar a andar, depois falar, depois ir para escola, etc. e hoje querem vê-los casados e estabilizados na profissão. João completa: “quero vê-los amplamente felizes e satisfeitos como estão. E me surpreendo porque tem vezes que eles lembram de alguma coisa de quando pequenos que para mim era insignificante, mas que para eles, foi marcante”. Luísa disse que cada filho tem seu tempo de desenvolvimento e que sempre procurou respeitar essas diferenças e confessa que se angustiou com medo do filho estar acomodado (numa fase que não trabalhava durante a faculdade), ela disse: “tinha medo dele não tomar um rumo”, mas, hoje ela viu que tudo se resolveu e o valoriza por estar trabalhando o dia inteiro e estudando à noite”.*

Na primeira “etapa” desta pergunta, sobre as expectativas que tinham em relação a essa fase da vida dos filhos, fica evidente a preocupação com a perpetuação dos valores que eles têm como seres humanos, como um casal e que queriam que seus filhos também tivessem. São esses: honestidade, respeito mútuo, responsabilidade, confiança, etc. Sobre este sentido, percebe-se que é muito gratificante para os pais sentirem que seus filhos adquiriram estes valores e são pessoas boas. Sobre estes valores percebe-se que o casal tomou, ao longo do desenvolvimento da família, atitudes muito coerentes e consistentes para desenvolver estes valores em seus filhos. Além disso, sempre tiveram muita sintonia ao lidar com os filhos, o que auxilia muito no processo educacional.

Na segunda “etapa” em relação às preocupações, considero-as como naturais de todos os pais que realmente se envolveram com a criação de seus filhos, querem vê-los saudáveis e finalizando as etapas que começaram, porque sabem que esta conquista (por

exemplo: terminar a faculdade) são muito importantes para a vida de uma pessoa, pelo lado profissional e pessoal. E Luísa deixa claro que cria muitas expectativas em cima dos filhos e tem preocupações, como salientou sobre o medo que teve do filho “não virar nada”, mas, conseguiu lidar com a própria ansiedade sem interferir na vida do filho.

Na terceira e última “etapa”, sobre as realizações que ainda querem ver na vida dos filhos, percebe-se uma projeção deles (pais) para o futuro dos filhos: formar nova família e dar continuidade ao ciclo vital familiar. Segundo Carter e Mc Goldrick (1995) é comum os pais fazerem estas projeções, que podem favorecer ou não o desenvolvimento dos filhos. Embora seja difícil não se ter expectativas ou mesmo projetá-las nos filhos, é importante saber discriminar como pessoas diferenciadas e singulares. Nesta etapa os netos têm grande importância na vida da família porque geram uma perspectiva de continuidade da família e reativam o caráter de cuidado e atenção que os avós sentem falta.

Para finalizar, Luísa quis complementar a entrevista falando:

*(...) “este processo de independência foi acontecendo desde muito cedo porque como escolhi não ter empregada todos os dias em casa, meus filhos aprenderam que tinham que arrumar a cama todos os dias, tinham que manter a casa em ordem e assim foram responsáveis desde muito cedo. Criaram hábitos que passaram a ser rotina e hoje vejo que isso foi bom para o crescimento deles. Meu filho, por exemplo, cobra a namorada quando ela não arruma a cama, mas, quando está atrasado ele também tem a liberdade de não arrumar e eu também não arrumo, simplesmente fecho a porta”.*

Luísa mostra que em sua casa respeitou suas escolhas, como por exemplo: não ter empregada. E os filhos tiveram que se adaptar a essa realidade, o que lhes gerou um ganho de responsabilidade maior e mais cedo do que o normal para as famílias de classe média alta brasileira, já que o Brasil é um país onde há continuidade de costumes patriarcais como ter empregada ou mãe que faça tudo no âmbito doméstico; esta realidade contribui para que os jovens não estejam preparados para cuidar sozinhos da própria casa porque tiveram falta de estímulo dos pais para que fizessem serviços da casa. Luísa deu um exemplo contrário, quando optou por não ter empregada e incluiu os

filhos algumas responsabilidades domésticas o que lhes possibilitou maior comprometimento e autonomia; deixa claro que quando seu filho não arrumava a cama, por exemplo, ela não ia lá e fazia por ele: ela fechava a porta e pronto. É importante perceber que ela não assume responsabilidades que não são dela, e evidencia isso mesmo nas menores coisas.

Aproveitando a complementação de Luísa, perguntei o que, na visão dela, contribuiu muito para que estivessem encarando esta fase do lançamento dos filhos com tanta naturalidade. Ambos responderam que foi o respeito que desenvolveram desde cedo com os filhos. Depois, perguntei mais diretamente à Luísa como ela se sente agora, já que se dedicou aos cuidados com os filhos, abrindo mão de sua carreira profissional. Então, ela me respondeu:

*(...) “Tem um sentimento de posse, mas também tem que fazê-los seguir a vida, você não tem o direito de prendê-los”.*

Nesta frase, Luísa reconhece que tem um sentimento de posse, o qual é muito natural que surja para os pais, porém, ela lida com ele, de maneira não egocêntrica e sim instrumentalizando os filhos no sentido de incentivá-los a ter sua própria vida.

Fui mais diretiva e perguntei se ela sentia algum sentimento de “ingratidão” por parte dos filhos, ela disse:

*(...) “tem horas que sinto, mas acho que eles só vão dar valor quando tiverem os filhos deles, e é assim mesmo, não posso cobrá-los por isso porque a vida se encarrega”. E completou dizendo que nunca ficou mal ou se sentiu depressiva por ter sentido que sua função de mãe diminuiu, e para enfrentar isso, ela disse que procurou se ocupar com outras coisas”.*

Aqui, é importante este reconhecimento de Luísa, que apesar de ter se dedicado muito para os cuidados com os filhos, não os culpa ou cobra por isso, pelo contrário, vê que foi importante para sua personalidade esse “trabalho” como mãe, e agora, que percebeu diminuída sua função, segue buscando outras ocupações que também lhe dêem prazer e lhe tragam sentido para sua existência. Assim, embora seu papel de cuidadora

seja central, consegue acionar outros âmbitos que se referem também à sua individualidade, e não apenas ao relacional. Segundo Gilligan (1983) a maturidade adulta ocorre quando se consegue reduzir a harmonização entre o cuidado dispensado às relações e a individualidade.

Perguntei também a João como ele se sentia nesta fase e ele me respondeu:

*(...) “hoje estou começando a concretizar o sonho de conseguir viver de renda porque pretendo parar de trabalhar daqui uns anos. Então, ainda estou me programando para conseguir viver com uma quantia que me ofereça estabilidade, conforto e qualidade de vida; e me preparar para a chegada dos netos”.*

Na finalização de João, ele diz sobre o término desta fase de produtor e provedor, quando está se organizando para diminuir seu ritmo de trabalho e, também, traz o recomeço quando traz a importante consideração de que agora está se preparando para a chegada dos netos. Assim, traz a perspectiva de continuidade deles e da família. Nesta etapa o pai demonstra uma característica da fase da meia-idade que é a revisão da identidade. Segundo Mardegan Jr. (1994) é uma oportunidade para o homem olhar para si, rever seus projetos e preparar seu futuro, já que até o momento o que o moveu foi a necessidade de realização. Para o autor, homens desta camada social frequentemente seguem um modelo destrutivo, em que o “fazer” toma o lugar do “ser”. O homem tem foco no papel de provedor por meio do trabalho e para a mulher o foco é no cuidado. É importante rever esse cuidado: podendo se cuidar, cuidar da relação conjugal junto com o marido e desfrutar dos netos de forma renovada.

Atualmente já existem algumas mudanças e a identidade masculina, que estava totalmente ligada ao seu sucesso profissional; em alguns casos está-se ampliando esta referência: com isso, os homens estão mais atentos ao desenvolvimento de sua família e aqueles que são pais estão mais preocupados e participativos na educação de seus filhos. Na identidade feminina a mulher está se identificando com outros papéis além de ser mãe e, com isso, está investindo mais na profissão, na relação conjugal e em si mesma, desenvolvendo-se de forma mais integral.

Finalizando esta análise, percebe-se que esta família, embora seja bem tradicional (mãe dona de casa e esposa, pai provedor econômico) desenvolveu relações bastante igualitárias entre os membros, e não há desigualdade de gênero nem hierarquia na relação conjugal, embora haja papéis complementares. Essa configuração familiar, baseada no respeito e no diálogo contribuiu muito para que esta família não sentisse esta fase do ciclo de vida familiar de forma impactante e sofrida. Pelo contrário, relatam a satisfação e a realização de verem que seus filhos já se diferenciaram deles de forma segura e agora almejam a chegada da nova geração.

## **5.2 Segunda entrevista**

A segunda entrevista realizada para este trabalho foi com uma adulta-jovem de 22 anos, que chamarei de Laura (nome fictício). Em sua família ela é a filha mais velha, sua irmã tem 19 anos, sua mãe tem 51 anos e seu pai 50 anos. Ela está cursando o nono período da Faculdade de Psicologia, trabalha numa empresa na área de Psicologia Organizacional e mora com os pais.

A entrevista foi composta por dez perguntas abertas. Nesta discussão irei analisar os pontos que têm mais relevância para o objetivo deste trabalho. Para ler a entrevista completa, vide anexo.

### **1. De início, pedi para Laura dizer quais acontecimentos da sua vida lhe “soaram” como passos rumo a maior independência e autonomia.**

Para responder esta questão ela numera os acontecimentos:

*(...) “uma coisa que me senti muito grande foi quando eu fui monitora no colégio”. Perguntei como era isso, em que colégio era e que ano foi. Ela respondeu: “Foi no Rio Branco, estava no primeiro colegial e era monitora do pessoal da oitava série. Uma vez eles foram para uma viagem e eu os acompanhei como monitora responsável; tive que ficar num quarto e era responsável por aquelas alunas. Senti que era muito responsável e, pela primeira vez, me senti tendo que cuidar e não sendo cuidada”.*

A partir deste acontecimento é possível perceber que a escola tem muita importância como facilitadora do desenvolvimento da autonomia e independência de um ser humano. A escola é importante desde que a criança pequena começa a frequentá-la; ela promove: separação dos pais, ampliação da rede social, gera novas obrigações, etc.; estas novas experiências ampliam a percepção de que cada indivíduo deve ser independente e autônomo em sua vida, fazendo parte de um novo grupo social, com novos papéis, atribuições e hierarquias.

Neste caso da entrevista, a escola de Laura desempenhou um papel essencial ao proporcionar aos alunos do primeiro colegial maior responsabilidade, o que é muito importante já que este é o início da preparação para o vestibular e exige do sujeito muita autonomia; primeiro para decidir o que quer fazer para o seu futuro: o que, mais do que escolher o que fazer significa escolher quem ser; segundo, para conseguir viver longe da casa dos pais, para aqueles que saem de casa para estudar ou ir se tornando mais independente e diferenciado, vivendo com a família ou não.

No caso da entrevistada, esse aumento da responsabilidade gerou uma ativação do papel de cuidador, relacionando assim, cuidado com responsabilidade. Quando houve esta “inversão de papéis” relatada por Laura: “passei a cuidar e não a ser cuidada” ela sentiu diretamente que cresceu e que as responsabilidades vão “chegando” ao longo da vida, assim, essa experiência lhe proporcionou maior preparação para suas futuras responsabilidades.

Na entrevista anterior, com o casal, comentei que é mais fácil para os pais reconhecer os passos de independência dos filhos quando estes se afastam fisicamente de casa, como por exemplo: quando os filhos viajaram para o exterior. Isso acontece talvez por que sintam que nestas viagens a responsabilidade sobre a própria vida aumenta, já que a pessoa estará num país onde tudo e todos são desconhecidos. Nesta entrevista, a adulta jovem relata que a autonomia e a independência estão diretamente relacionadas ao aumento da responsabilidade. O acontecimento que ampliou essa sua concepção, a princípio teve que ser “dado” por um terceiro, no caso: a escola, graças a um distanciamento físico dos pais, como viajar para o acampamento. Porém, não foi um acontecimento permeado por circunstâncias tão desconhecidas já que ela estava com outros amigos enfrentando a mesma situação e estava amplamente assessorada pela

escola, mostrando assim que este seu caminhar se dá de forma gradual. A escola é uma rede de suporte no desenvolvimento do ser humano, segundo Sluzki (1997). Já no segundo acontecimento que ela me relata como um passo rumo à sua independência e autonomia, ela confirma o sentimento dos pais da entrevista anterior; veja:

*(...) O segundo “evento” marcante para Laura foi quando ela foi para o Chile aos 14 anos. Essa foi a primeira vez que viajou sozinha. Passou 15 dias na casa de uma amiga da mãe dela. Nesta viagem, ela disse que não conhecia ninguém da família desta amiga da mãe e teve que “se virar” para se enturmar com as sobrinhas dela. Segundo Laura, esse passo para independência foi visto como o primeiro a nível psicológico, já que financeiramente ela ainda dependia dos pais.*

Ainda neste passo percebemos que seu desenvolvimento da aquisição de autonomia e independência foi gradual, pois, apesar de enfrentar uma situação desconhecida de viajar sozinha para outro país, lá estava amparada por alguém conhecida que é a amiga da mãe, e ainda numa relação hierárquica em que seria cuidada. Porém, teve que desenvolver recursos, entre eles a sociabilidade para lidar com as sobrinhas desta amiga da mãe, o que lhe ampliou o universo das relações mais horizontais, ao se relacionar com pessoas diferentes, mas da sua faixa etária. Neste acontecimento surgiu uma fala bastante importante da entrevistada: “primeiro passo para independência a nível psicológico”; esta diferenciação feita por Laura é muito interessante, a meu ver: ela compara o distanciamento da casa dos pais como uma possibilidade de amadurecimento psicológico, já que estará longe das lentes dos pais. Neste momento, ela teve que lançar mão do que “assimilou” ao seu modo de ser, dos anos de convivência com os pais que lhe serviram de modelo. Laura discrimina-se de seus pais, levando para si o que é válido, transformando ou rejeitando os aspectos que não lhe servem. Portanto, esta fase de “jovem adulto” é marcante e decisória na vida de uma pessoa, por ser o momento de estabelecer objetivos de vida pessoais e de se tornar um “eu”, por isso, fazer um bom “descolamento” da família é importante porque, quanto mais o indivíduo conseguir se diferenciar do programa emocional da sua família de origem menos padrões, mitos, segredos e modo de comportamento indesejável o acompanharão no ciclo de vida de sua nova família; Segundo Carter e Mc Goldrick (1995) esta é a chance que o jovem tem de expressar sua autonomia, escolhendo o que vai levar da família de origem, o que deixará para trás e aquilo que irá criar sozinho.

O terceiro acontecimento foi:

*(...) a viagem que fez para Disney a trabalho. Ela disse: “Esta foi a primeira vez que trabalhei, que tive chefe, ganhei dinheiro para gastar como eu queria, tive casa, me virava para comer. E quanto eu ganhava só dependia de mim porque eu trabalhava por hora. Foi uma grande experiência porque tive que me virar em todos os sentidos; o que é bem diferente aqui em São Paulo, já que moro na casa dos meus pais”.*

Aqui, Laura nos mostra a importância de poder experimentar diversas situações que ampliam nosso universo. Neste caso, a viagem para a Disney primeiro lhe possibilitou o trabalho, que acarreta ganhar um salário, que proporciona uma grande sensação de independência e autonomia. Ela expressa claramente isso quando diz que: quanto ganhava e como gastava o dinheiro só dependia dela, portanto, ela estava no controle de sua vida, experienciando diretamente ser independente e autônoma. Percebe-se que os recursos econômicos são a base para a independência financeira e emocional, embora não seja tudo.

Como quarto acontecimento, Laura coloca:

*(...) “quando trabalhou, no período de férias da faculdade, na loja Kipling, num shopping de São Paulo. Sobre isso A. diz: “eu quis fazer e fui atrás porque tinha um objetivo que era comprar um computador. Eu já tinha um computador, mas, queria um melhor. Meu pai disse que não ia me dar, então eu fui correr atrás. Não fui para fazer birra e sim porque realmente queria este computador”.*

Este acontecimento é um grande exemplo de que Laura já desenvolveu em sua personalidade uma grande “sede” por ser autônoma e independente, pois vai atrás de seus objetivos sem esperar que alguém faça por ela. Assim, ela já está se mobilizando e saindo do lugar de filha dependente, para quem os pais fazem tudo, para o lugar de filha madura, que vai atrás do que quer e enfrenta suas responsabilidades. A entrevistada nos mostra assim que, conquistar independência e autonomia não se dá somente quando você está prestes a sair da casa dos seus pais: este é um processo amplo e gradual, conquistado por ela com esforço próprio e auxílio da família e da escola; o importante é

não se acomodar na condição de filho e ir atrás de experiências que possibilitem pequenos lançamentos para o mundo, visando uma melhor preparação futura, em que esse desligamento da família de origem seja real.

No último acontecimento marcado por Laura, ela relaciona novamente à experiência de trabalhar, mas agora, dentro de sua área profissional:

*(...) o primeiro trabalho na área de Psicologia Organizacional que foi numa multinacional. (...) Depois, Laura completa que nesta fase ela sente que conseguiu unir a independência psicológica que veio conquistando aos poucos, com a independência financeira. E diz: “quando eu me formar talvez será melhor ainda porque meu pai não estará gastando mais nada comigo; só com moradia”.*

Ao longo desta pergunta é possível observar que as experiências que Laura teve durante sua vida foram lhe proporcionando uma maneira muito autônoma e independente de pensar, o que lhe garante uma postura muito focada na vida. Assim, durante cada época de sua vida ela foi experienciando o que era possível de acordo com sua idade e, aos poucos, foi “cavando” seus espaços e se constituindo como uma mulher determinada na aquisição de seus objetivos. Agora, nesta fase da vida, está amplamente engajada e satisfeita na sua profissão, trabalhando com o que gosta. Isso lhe garantiu como ela mesma disse associar a independência psicológica com a financeira, ambas, conquistas de maneira muito gradual, porém, autônoma; registrando seu modo de lidar com suas responsabilidades.

## **2. Perguntei à Laura quais foram às pessoas mais significativas neste seu processo rumo à aquisição de autonomia e independência de sua vida.**

Laura me respondeu assim:

*(...) as mais presentes foram os pais e a irmã, “minha família”. Porque, segundo ela: “eles me deram apoio e me incentivaram a fazer tudo. Sempre me falavam “vai lá”, “vai atrás”, etc. Se fosse ao contrário teria sido muito mais difícil porque além das dificuldades que já enfrentei ao fazer cada uma dessas coisas e enfrentar essas situações desconhecidas, se eu não tivesse tido o apoio dos meus pais seria ainda mais*

*difícil e talvez, eu até não teria feito”. Assim, ela concluiu que se não tivesse tido o apoio dos pais seriam duas lutas (apoio e enfrentar as situações para crescer), mas, como os pais sempre a incentivaram e estiveram do lado dela, ela sente que só enfrentou as dificuldades das situações desconhecidas e, assim, foi mais fácil.*

Ao longo deste trabalho vimos que a família é a principal responsável para auxiliar o desenvolvimento de um novo ser humano, é ela quem o ensina o que é a vida e qual o melhor jeito de lidar com esta, principalmente sendo um modelo de ser humano e de relação. Assim, os exemplos que temos de nossos pais, avós e/ou pessoas próximas são extremamente importantes para a constituição do que nos tornamos quando adultos, constituem-se como base para se experimentar no mundo; isso também caracteriza o caráter de movimento da vida em que uma geração “influencia” a outra. Uma família que desde cedo prioriza incentivar o filho a seguir suas escolhas rumo aos seus objetivos, estará auxiliando-o a ser autônomo e independente em sua vida, o que lhe garantirá desde cedo responsabilidades importantes para seu crescimento e sucesso pessoal e profissional. Neste ponto fica claro o que Carter e Mc Goldrick (1995) dizem sobre a importância de entender o ciclo de vida familiar com foco nos relacionamentos inter-geracionais, pois, um indivíduo se constitui na complexa teia de laços familiares ao longo de todas as gerações já que o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar; aliás, este é o contexto primário do desenvolvimento humano.

Além do apoio essencial da família Laura citou outros apoios importantes:

*(...) “Talvez uma amiga, ela sempre foi engajada com essas coisas de emprego, tipo, onde procurar, como fazer, como montar um bom currículo, e tal. Isso me ajudou bastante também”. E depois, ela completou dizendo que hoje em dia, uma pessoa muito significativa na vida dela é o namorado porque “ele já não mora mais na casa dos pais, porque a família dele não é de São Paulo. Então, ele já é mais independente e me ajuda a pensar em coisas que eu não pensava antes. Ele é mais planejado porque teve que pensar em certas coisas mais cedo, “por obrigação”, por ele já não morar com os pais”.*

Aqui nota-se o caráter evolutivo da vida, além da família Laura começa incluir outros membros de sua rede como pessoas significativas ao longo do seu

desenvolvimento. Ela expressa que não está vinculada apenas às referências familiares e que já conseguiu ampliar seu universo tendo como novas referências pessoas externas ao seu núcleo familiar. Estas ajudas são muito importantes porque amigos e namorado (a) trazem uma “visão” mais horizontalizada da vida já que estão enfrentando situações muito similares, por isso, é importantíssimo valorizar essas relações que garantirão trocas relevantes para seu próprio processo de amadurecimento e busca de autonomia e independência. Sluzki (1997) nos mostra a relevância de pensamentos das relações hierárquicas de apego na infância a outras, simétricas, que poderão também contribuir para trazer renovação às relações familiares.

### **3. Agora, pergunto a Laura como ela se vê hoje, em relação à autonomia e independência de sua vida.**

Ela inicia me dizendo:

*(...) que hoje ainda não se sente completamente independente por ainda morar com os pais, eles lhe pagarem algumas coisas. Mas, disse que se sente caminhando para isso (ser independente) e complementa: “o que posso ir tirando dos meus pais pagarem eu vou tirando, por exemplo, ano passado já paguei uma parcela do IPVA do meu carro, este ano já paguei duas, ano que vem pretendo pagá-lo inteiro. O estacionamento da faculdade eu que pago, a gasolina que uso também. Sei que meus pais ainda fazem muito por mim, mas acho que o que estou fazendo é o caminho.*

Ela revela que sente essa aquisição de independência e autonomia como um processo e estabelece alguns critérios próprios que a oriente neste caminhar, como por exemplo: se organiza para pagar algumas despesas suas.

Em outro momento da entrevista, Laura fez uma observação que nos ajuda a compreender mais como ela se sente hoje:

*(...) “hoje se eu quiser ir num lugar caro eu vou, não preciso mais ficar pedindo dinheiro para os meus pais. Nem peço para ir, eu simplesmente vou e compro, depois aviso eles que vou. Isso foi um grande passo porque como São Paulo é uma cidade que tudo é caro, antes não fazia algumas coisas porque achava caro e não queria pedir*

*dinheiro para os meus pais. Hoje estou mais livre porque como o dinheiro é meu faço as minhas próprias escolhas”.*

Nesta fala de Laura percebe que ela coloca-se também sob o universo dos pais, mesmo estando numa fase de diferenciação deles. Assim, o dinheiro lhe proporciona liberdade, principalmente de escolha para arcar com suas necessidades e escolhas. A partir de valores recebidos dos cuidadores estabeleceu sua escala de prioridades, responsabilizando-se por elas.

Quanto à autonomia, Laura complementa:

*(...) “eu que respondo às minhas responsabilidades, não vou atrás dos outros para resolverem por mim. Sinto que estou administrando as coisas, uma de cada vez, como to fazendo com o IPVA, senti o dinheiro saindo da minha conta e acho que isso é importante para o meu crescimento, dou mais valor para isso e me sinto mais responsável também” e depois completa: “Antes, por exemplo, se uma festa custava R\$100,00 me sentia mal de pedir para os meus pais porque é caro, hoje eu continuo achando este valor caro, mas vou e compro com o meu dinheiro, fruto do meu trabalho. Me sinto mais tranqüila porque as conseqüências de gastar esse dinheiro são minhas, sei que é um dinheiro usado para sair, mas, na idade que estou acho certo aproveitar”.*

A independência está muito ligada a ter o próprio dinheiro. Tendo dinheiro, o filho tira os pais da posição de “controladores” e também sai do lugar de dependente que está em dívida e toma atitudes mais livres, como ir aos lugares que quer sem a permissão dos pais porque agora, com o acesso ao dinheiro, pode decidir o que está disposto a pagar, sendo caro ou não, desenvolvendo critérios próprios e não submetendo-se aos dos pais; ela busca equilibrar responsabilidade e prazer. Para os pais, ver o filho ganhando seu próprio dinheiro funciona como um “*start*” para perceberem que agora ele realmente cresceu. Alguns pais conseguem dar conta desse “acontecimento”: meu filho se tornou adulto, antes mesmo da aquisição financeira dele, mas, de modo geral, esta aquisição é um marco dessa nova etapa no ciclo de vida familiar, pois, será esta condição financeira a força motriz para que este filho se

organize e se prepare para se lançar da casa dos pais. Segundo Wendling e Wagner (2005):

“a saída dos filhos pode ser vivenciada neste momento como um acréscimo de sua visão de mundo, na medida em que os pais poderão compartilhar novas experiências com o filho que agora é um adulto. Porém, muitos pais enfrentarão dificuldades se não conseguirem aceitar que o filho já não é mais a criança que ajudaram a crescer. Isso pode ocorrer, principalmente, com aqueles pais que passaram a maior parte de suas vidas dedicando-se aos cuidados dos filhos, fazendo da função parental sua principal fonte de investimento afetivo” (p.125).

#### **4. Como está sua família hoje? O que fazem juntos e o que fazem sozinhos?**

Sobre sua família, Laura diz:

*(...) “Vejo que minha família está passando por uma fase de crescimento. Está começando cada um cuidar da sua própria vida. Vejo isso principalmente na minha mãe que começou a cuidar mais dela”. Pedi um exemplo. E ela falou: “Agora ela começou a fazer pilates e, por isso, não pode fazer almoço todos os dias. Já não tem mais esse compromisso. O meu pai não mudou muito porque sempre foi mais na dele mesmo. Mas, tenho percebido que meus pais têm feito planos de viajar no final de semana sozinhos. Tenho visto que eles estão se “desvinculando” de mim e da minha irmã, e eu e ela sempre os incentivamos falando que eles podem ir e que ficaremos bem”.*

Como disse na pergunta anterior, a família com filho adulto começa a sofrer mudanças, porque, à medida que este cresce e toma outro lugar na sociedade, sua função na família também se altera. E assim o papel dos pais também sofrerá mudanças porque não dá mais para ser pais como eram, porque o filho já não é mais o mesmo. Essas mudanças passam por um período de adaptação que é exatamente o período que a família da entrevistada está passando; Laura, como a filha mais velha, está mostrando aos pais como sua vida está mudando e, portanto, como a relação deles também está mudando e como eles, pais, devem mudar. Uma mudança vai gerando outra, o que nos faz lembrar Capra (1996) e sua definição de sistema: o “pensamento sistêmico” é determinado em termos de conexão, de relações e de contexto, ou seja, de acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo,

são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui e, é a partir das relações e das interações entre as partes que elas surgem. Assim, na perspectiva sistêmica as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo.

As experiências graduais de Laura, para vivenciar autonomia e independência de sua vida, contribuem também para que seus pais fossem aprendendo a lidar com a diminuição do controle na vida dos filhos e ampliam a capacidade deles se relacionarem de forma mais igualitária e não só hierárquica. Assim, antes mesmo dela sair da casa de seus pais já estão modificando suas relações e se adaptando às novas condições familiares. O período de crise está sendo “aproveitado” para promover o crescimento; os pais estão conseguindo transformar o tipo de cuidado dispensado aos filhos e redirecionar a energia para si mesmo. Na mãe isto é mais claro porque tradicionalmente é ela a cuidadora do outro. É importante o movimento da mãe de buscar investir no próprio corpo que, nessa época muda por causa das alterações hormonais.

Nesta fala de Laura, é importante perceber o movimento dos pais de fazerem programas a dois, isso mostra que eles estão aceitando que suas filhas não estão mais totalmente ligadas a eles e que hoje, mais do que nunca, têm seus próprios interesses, que não condizem com os dos pais. E outro ponto importante, é que as filhas estão procurando passar confiança aos pais para que eles se sintam mais seguros de se liberarem desta função de ficarem à disposição delas. Segundo Carter e Mc Goldrick (1995), a meia idade, sendo um momento reflexivo, coloca em cheque as escolhas feitas e assumidas. Portanto, é um momento favorável, entre outros questionamentos, à avaliação do casamento no sentido de ter ou não respondido às necessidades individuais mas também de uma conjugalidade satisfatória. No caso de Laura percebe-se que houve na família uma fonte de apoio, segurança e cuidado, mas também uma base de lançamento para o mundo adulto. Desta forma o casal pode re-investir energia em sua relação e também reafirmar ou iniciar projetos pessoais.

Depois, Laura falou sobre o que a família ainda procura fazer junto:

*(...) Quanto ao que ainda fazem juntos, ela disse que os horários não batem muito, mas, aos finais de semana, tentam tomar café da manhã ou almoçar juntos. Ela disse que nesses momentos ficam todos sentados à mesa e conversam bastante, sobre o que*

*fizeram na semana, ela conta do estágio, a irmã da faculdade, comentam da vida dos outros, da novela, etc. Nesses momentos, o pai é o que menos fala, mas, está sempre presente.*

É importante que a família não perca esses momentos de união, que sempre recupera o caráter de amor e apoio contidos nesta instituição. A refeição tem relação com o afetivo e com a oportunidade de troca; esses momentos propiciam muito diálogo entre os membros e facilita a mudança, de modo que esta não seja encarada como uma crise negativa e sim como uma possibilidade do novo ou de crescimento, como Laura mesma diz: “sinto que minha família está passando por um período de crescimento”, essa sua frase expressa a maneira como ela e seus pais estão buscando encarar essa fase da vida deles. Laura mostra claramente como o desenvolvimento individual dos membros, da família insere-se num contexto que também se modifica, ou seja, no ciclo de vida familiar (Carter e Mc Goldrick, 1995). Essa forma de encarar este período do ciclo de vida familiar, com certeza, é muito saudável porque os pais continuam dando suporte a uma diferenciação segura de suas filhas.

## **5. Como vê a realidade do mundo do trabalho enfrentada por você hoje?**

Laura diz:

*(...) “Eu acho que o ambiente de trabalho está cada vez mais competitivo e, cada vez mais, exigem mais do funcionário. Com certeza, isso influencia para ele não querer sair de casa, exatamente pelo conforto e pela segurança que esta provê; primeiro de não ter gastos com contas, já que os pais pagam tudo. Segundo, por coisas de casa mesmo, eles têm comida, roupa lavada, companhia... acho que é muito mais confortável morar na casa dos pais... Eu acho que morando com os pais eles acabam tendo mais tempo para se dedicar para coisas que gostam tipo esportes, cursos, etc., e não perdem tempo cuidando da casa e com as responsabilidades que uma casa traz”.*

Com esta colocação Laura concorda que, como foi dito no terceiro capítulo, a instabilidade e a grande concorrência do ambiente de trabalho estão sendo responsáveis pelo prolongamento da juventude atual na casa dos pais, exatamente por sentir neste ambiente segurança. Essa é uma condição que está afetando bastante a sociedade

brasileira e deve ser amplamente refletida por todos os envolvidos. Sobre isso, Wendling e Wagner (2005) dizem: “o jovem depara-se cada vez mais cedo com as dificuldades para ingressar e manter-se no mercado de trabalho, necessitando de muitos anos de estudo e aprimoramento profissional para conseguir alcançar uma situação financeira que lhe possibilite a saída do ambiente familiar” (p.124).

É importante tomar cuidado porque alguns pais se apóiam nesta condição instável do mercado de trabalho e aproveitam para manter a dependência econômica do filho como uma forma de ainda ser o controle sobre eles. Outro fator que pode levar à acomodação dos filhos a continuarem na casa dos pais é o fato de que a liberdade sexual contemporânea permite que os jovens tenham relação de intimidade na casa da família, que flexibiliza suas fronteiras e valores com a entrada de novas pessoas no seu círculo mais íntimo. Vê-se aqui a influência dos novos valores sociais a dinâmica familiar proporcionando às gerações vivências muito diferentes das de seus pais.

## **6. Como seus pais lidam com a fase atual da sua vida?**

Nesta pergunta, Laura diz que a família está em movimento rumo ao crescimento, diz que a mãe está tentando se “libertar” de suas funções maternas e está buscando fazer atividades mais para ela e, diz que o pai continua “na mesma”, no sentido de dizer que ele não mudou muito seu modo de ser, sempre foi mais “na dele”. Aqui percebemos que esta família segue o modelo de mãe provedora emocional e pai provedor afetivo, assim, a mãe sempre esteve mais presente na vida das filhas e o pai não se vinculou tanto a isso. Portanto, como vimos nos capítulos teóricos, esta fase se torna muito delicado para a mãe que se dedicou integralmente aos cuidados com os filhos. Wendling e Wagner (2005) dizem que é difícil para os pais aceitarem que os filhos não são mais dependentes deles e que suas funções vão se tornando menos necessárias; neste caso, aceitar a saída dos filhos de casa pode ser problemático, pois esta aceitação demanda que os pais reconheçam seus filhos como seres autônomos, com desejos e projetos próprios e não mais dependentes dos seus cuidados. Com esta preocupação, perguntei mais diretamente a Laura como a mãe dela está encarando essa fase de sua vida e ela diz:

(...) *“minha mãe é mais “apegada”, como não conseguimos mais estar sempre juntos ela comenta que sente saudade e vejo que ela se esforça para estarmos juntos, mas sinto que ela se esforça também para entender esta fase, não brigamos por isso”.*

Embora a mãe cuide do aspecto relacional da família, o equilibra com o investimento na sua individualidade e apóia a independência das filhas.

Realmente esta família está se esforçando muito para lidar com esse momento de transição da forma mais tranqüila possível. A mãe que se dedicou aos cuidados exclusivos das filhas hoje demonstra que sente saudade sente falta da presença constante das filhas, o que é absolutamente natural. Porém, tenta se esforçar para entender que esta fase é natural no desenvolvimento do ser humano e que apesar de marcar uma diferença na relação não significa que não será também muito prazerosa; portanto, a mãe está caminhando para se ocupar com novas atividades e, assim, permitir tranquilamente que suas filhas “voem”, por ter a certeza que esse vôo também irá proporcionar bons frutos.

**7. Como seus pais lidam com seus momentos de maior liberdade? E com o namorado, como é encaram, por exemplo, você dormir fora de casa?**

Laura começa dizendo:

(...) *“Com o namorado é mais difícil. Em relação ao trabalho e à faculdade foi mais fácil, sem problema nenhum. Quando fico na casa do meu namorado, fico mais ausente de casa. Vejo que meus pais tentam entender porque conversei bastante com eles explicando que é normal. Às vezes minha mãe fala: “você vai dormir lá de novo?”,mas, é sem briga, tento sempre reforçar que hoje em dia isso é comum. E vejo que eles se esforçam para entender. Mostro que é normal e minha mãe já chegou a falar: “Mas eu fico pensando se um dia vocês terminarem e você ter outro namorado e ir dormir na casa dele também”, daí, eu digo para ela ver quantos namorei e explico que não sou deste tipo, que tenho responsabilidade”. Quanto esse assunto dela dormir na casa do namorado, Laura sente que o pai é mais tranqüilo e que ele conversa bastante com a mãe dela sobre isso. Ela conta: “um dia meu pai falou para minha mãe que os filhos são que nem uma flecha, quando são criança podemos moldar da nossa forma, mas,*

*quando crescem, atiramos essa flecha para o mundo, daí, precisamos confiar no que ensinamos”. E disse também que o pai fala para ela que o namorado dela vai pouco a casa deles. Daí ela respondeu para ele: “Pai ele não vem muito aqui porque ele não vai dormir em casa com todo mundo aqui. E durante a semana não nos vemos”. Depois, Laura conta que um dia o pai veio perguntar a ela como fariam se fossem todos para a fazenda (família + namorado dela) porque ficam em hotel: “ele me perguntou se ficaríamos todos num quarto e o C. (namorado) em um separado ou se eu ficaria no mesmo quarto que o C.. Daí, eu disse que ficaria no quarto com C., não teria por que ele ficar sozinho”. E o pai aceitou numa boa.*

Nesta questão surgem muitos aspectos que se pode analisar. O primeiro é o sexo, atualmente esta questão está sendo tratada muito mais abertamente e pais e filhos precisam lidar com ela, não adianta fingir que não existe. Com isso as relações tomam outro direcionamento, porque o fato dos pais reconhecerem que seus filhos transam também lhes dá um “start” de que o filho cresceu. Muitos pais podem encarar essa realidade como um “choque”, talvez por se preocuparem ao pensar se o filho está pronto para lidar com as responsabilidades que a vida sexual traz. Outros encaram de forma mais natural e buscam conversar com seus filhos para transmitir informações necessárias. De qualquer maneira a questão do sexo está muito presente na sociedade atual e as famílias precisam se preparar ainda mais para lidar com isso.

Neste momento é importante ressaltar que os pais estão revendo e avaliando sua própria sexualidade, e os filhos estão no auge da beleza e da saúde sexual (Carter e Mc Goldrick, 1995).

O que também me chamou atenção foi o que ela disse: “quando estou na casa do meu namorado fico mais ausente de casa”, essa é uma condição real, porém por muitos pais é considerada como abandono. É importante que esses pais reflitam sobre o sentimento que têm pelo filho, se for o de “posse” realmente será difícil encarar de forma natural esse desenvolvimento e mais fácil levar tudo para o lado negativo, como abandono, culpa, etc. A maneira mais saudável é reconhecer que esse filho faz falta sim quando não está em casa e procurar fazer outras atividades que aliviem essa saudade para que não cometa o erro de culpabilizar o filho simplesmente por ele não estar correspondendo um desejo seu de querer estar sempre com ele, atitudes assim são

extremamente auto-referentes e prejudicam muito este “desligamento” do filho da sua família.

É importante perceber que pela entrevista, Laura transmite que sua família tem um diálogo muito aberto e honesto, e essa atitude mostra o quanto se respeitam como seres independentes o que é essencial nesta fase do ciclo de vida familiar. Achei muito interessante quando a mãe diz que sente medo da filha ficar dormindo na casa de todos os namorados que tiver e Laura coloca abertamente para mãe qual o seu sistema de valores, dizendo que ela não é esse tipo de menina que namora com vários homens e que tem seus limites; é importante esse movimento de Laura de se colocar, mostrando quem ela é e transmitindo à mãe confiança no que lhe ensinaram ao longo dos anos de sua educação. Nesta fala traz a questão de gênero, Laura internalizou valor materno, embora flexibilizando-o; para ela minimalismo sexual também é importante para assegurar respeitabilidade da mulher. Namorados, embora considerem-se modernos e que novos padrões são “normais”, na realidade veiculam desigualdades de gênero.

No final desta fala, percebe-se que nesta fase o filho que vai se encarregando de mostrar aos pais como se deve agir agora em que eles cresceram, é importante que o pai tenha uma comunicação aberta com os filhos e sem se impor autoritariamente: perguntando como lidariam com tal situação (de irem todos para a fazenda), a filha de maneira natural colocou qual seria sua atitude e o pai aceitou: aqui temos um grande exemplo de respeito entre as gerações.

Depois, Laura fala da diferença que existe entre sua família e a do seu namorado:

*(...) “Quando vou para casa dele os pais dele lidam conosco como um casal crescido. Sempre dormimos juntos lá sem problema. Perguntei o que ela acha do namorado dela dormir em casa. Ela me respondeu que acha que tem um limite. Que na casa dela não conseguiria dormir com ele lá com todos da família lá também, porque o histórico da família dela é diferente, não é comum dormir com o namorado em casa. Mas, o namorado dela tem bastante espaço na casa dela, sempre que vai lá dialoga bastante com os pais dela e se dão bem, quanto a isso ela diz: “é ótimo”. E disse que acredita que nunca caiba na casa dela dormir com o namorado e completou: “talvez é uma*

*visão machista. Mas homem não dorme na casa da namorada, a mulher respeita mais sua casa”. E depois completou dizendo: “nós que impomos as coisas, a partir de uma idade, os filhos que “ditam” como dançar a música em relação ao comportamento como casal”.*

Nesta colocação parece que ainda existe um possível resquício do machismo na sociedade, que aponta claramente para as desigualdades de gênero: é mais “aceitável” o filho homem trazer a namorada para dormir em casa do que a filha mulher trazer o namorado. Na fala de Laura, percebe-se que ela tem esse valor, porque se sente à vontade para dormir na casa do namorado, mas, não sente-se à vontade para trazê-lo para dormir na sua casa. Talvez a diferença de educação, dos costumes e dos valores das famílias também permita ela sentir essa maior liberdade na casa do namorado do que na sua própria; a família dela ainda permanece fincada no modelo tradicional enquanto a família do namorado se apresenta mais flexível aos novos padrões do mundo moderno. Depois, Laura mostra, como eu já havia dito acima, que depois de adultos, e na velocidade das mudanças na sociedade atual, os filhos é que estão “ditando” como os pais devem dançar a música.

Nesta questão parece que há uma confusão para Laura entre os limites dos pais que devem ser respeitados e uma visão de vivência sexual como “imoral” ou inadequada se ocorre no âmbito da mulher. E é naturalizada quando se dá no âmbito do homem, revelando desigualdades de gênero e a persistência do duplo padrão sexual.

**8. Você pensa em sair da casa dos seus pais? Se sim, como você acha que seus pais encarariam tal mudança?**

Esse assunto foi abordado por Laura mesmo antes desta pergunta, quando ela falava da sua independência e da autonomia de sua vida disse:

*(...) “Só não sei até quando vou morar na casa deles; isso é uma dúvida para mim, porque não sei se sairia de casa para continuar morando em São Paulo mesmo”.*

Depois, nesta pergunta, Laura falou mais sobre essa questão:

(...) “a condição financeira é determinante para ela não sair. E diz: “não sairei de casa se não conseguir me sustentar sozinha. Mas esta questão é indefinida para mim por que tenho dois pontos de vista: o primeiro é que não sairia para morar sozinha, sem companhia de ninguém. Sairia de casa se fosse para eu morar com alguma amiga ou com meu futuro marido, ainda mais sendo na mesma cidade que meus pais moraram. O segundo ponto de vista é que não gostaria de sair de casa só para casar, sairia antes para fazer um “test drive” com meu futuro marido ou com as minhas amigas porque acho que esta é uma mudança muito grande e se for feita em etapas é melhor. Sair direto casada é muita responsabilidade, acho melhor ir aprendendo aos poucos. Então, podendo, acho que não precisa dar um pulo muito grande, se fizer em etapas é melhor, a pessoa vai se adaptando aos poucos”. E depois disse, que quanto a isso, vê que quem saiu da casa dos pais para estudar já é mais fácil, porque já está vivendo ter responsabilidades, cuidar de uma casa, conviver com pessoas diferentes, etc. Além disso, essas pessoas tiveram que sair de casa para estudar, ao contrário dela que tem que escolher sair ou não, e isso pode causar nos pais sentimentos do tipo: “você não está feliz aqui?”, “não está bom aqui?”. E depois disse: “no meu caso, específico, acho que esse tipo de questão não vai acontecer porque meus pais vão entender, eles sabem que eu gosto de ter a minha independência e, desde pequena, sempre diz que queria ter a minha casa.

Achei extremamente importante Laura dizer que a condição financeira é um aspecto muito importante para tomar essa atitude de sair de casa, como foi dito em uma questão acima nesta análise o financeiro é que gera um “start”, tanto para o filho pensar e se organizar para sair da casa dos pais, como para os pais se darem conta de que seu filho cresceu. E é importante que o filho tenha consciência de quanto custa sair de casa para que esta decisão seja tomada com muita autonomia e responsabilidade. Além disso, nesta fala de Laura ela diz sobre não sair de casa direto para casar, essa consideração revela, mais uma vez, o tipo de relacionamento que estabeleceu com a vida: lidar com uma coisa de cada vez, com cautela e estabelecendo prioridades. Realmente quanto mais gradual for esta mudança, mais tranquilo será este período e mais facilmente será encarado.

Sobre o que Laura diz sobre os casos que o filho sai da casa dos pais para estudar, com certeza esta é uma experiência muito expressiva para lidar com a

independência e a autonomia, porém, é preciso cuidado, porque como o filho ainda depende financeiramente dos pais este lançamento é caracterizado como um “pseudo-lançamento”, porque os pais consideram o fato do filho estar fora de casa somente pelos estudos e não porque ele está crescendo; é claro que têm razão, realmente o filho está fora de casa para estudar, mas, não podem descartar que é uma passagem que mostra aos pais que este filho está crescendo; famílias que conseguem enxergar este caráter de crescimento nessa situação lidam de maneira mais serena com o crescimento do filho e já se preparam para este ter total independência e não voltar mais para casa. Esta experiência, de morar fora de casa para estudar, auxilia principalmente na aquisição da independência psicológica do filho, porque este terá que lidar com situações desconhecidas longe dos “olhos” dos pais. A aquisição da responsabilidade é mais precoce e, possivelmente, garante um adiantamento no lançamento do filho. Essa experimentação é importante e o ideal é que os pais dêem suporte para esses movimentos dos filhos.

Sobre a reação dos pais sobre ela sair de casa Laura diz:

*(...) “Acho que eles lidariam bem com isso porque estamos vindo construindo uma relação assim, de diálogo e de respeito”. Perguntei se ela ficaria na casa dos pais por comodismo e ela disse: “não, isso é o que menos me preocupa. Eu quero ter que me virar com o que comer, em arrumar a casa, em lavar minha roupa”. Depois, Laura disse mais: “Tenho vontade de ter o meu espaço, de ter um lugar inteiro meu em que eu coordeno e faça tudo. Ou, pelo menos, que eu tenha o mesmo poder que a pessoa que mora comigo, porque, provavelmente teremos opiniões mais parecidas. Acho bom ter essa convivência mais “igualitária” que só é possível com outras pessoas que não seus pais, até porque os pais têm que ter hierarquia mesmo, acho bom que tenha. Mas, por exemplo, morando com meus pais não posso me incomodar com a bagunça na sala do meu pai. Mas quero ter um espaço completamente meu para ficar do jeito que eu quero”.*

Neste momento a questão do diálogo está mais explícita na fala de Laura, e é importante que ela diz: “estamos construindo”, porque é assim mesmo, de forma gradual é que se vai construindo esse novo tipo de relacionamento que garantirá maior respeito e exigirá menos hierarquia entre as duas gerações. E é importante que Laura

sinta essa vontade de ter o próprio espaço, de coordenar sua vida sozinha, de ter uma relação mais igualitária; isso é o reflexo de que conseguiu realizar uma diferenciação segura de sua família de origem que a auxiliará muito no futuro, quando chegar a hora de constituir sua própria família.

Mais especificamente sobre o sentimento dos pais Laura diz:

*(...) “seria um sofrimento porque é uma mudança grande. Deve dar um vazio físico, mas sei que eles lidariam bem também. Provavelmente eles ocupariam meu quarto com outra coisa e eu iria ajudá-los a pensar no que transformá-lo. Terá sim um período de instabilidade, de adaptação, mas não uma crise, seria natural. E seria bom para mim também voltar na casa deles e ver que meu quarto mudou, que meu espaço mudou, isso é um crescimento”.*

Achei muito interessante essa resposta de Laura, porque ela reconhece que esta atitude é de grande mudança, tanto para o filho que está saindo como para os pais que sentem essa ausência, porém, ela demonstra uma “saída” muito criativa para essa situação como: montarem juntos outra coisa no quarto dela, isso ajudará ambos na elaboração dessa nova fase pela concretização da manutenção da cumplicidade e da afetividade entre pais e filhos, apesar da separação. E com essa “saída” Laura demonstra que está muito esclarecida em relação aos seus objetivos e mostra que sua família, ao longo do seu desenvolvimento, lidou de uma maneira muito saudável em cada momento de transição fazendo que com este seja também encarado de forma serena.

Depois, Laura conclui esse assunto dizendo que não considera este o momento de sair da casa dos pais, demonstrando que essa atitude exige muita responsabilidade e deve ser uma decisão séria e não uma aventura.

*(...) “O momento disso não é agora. Estou conquistando as coisas aos poucos, em termo de gastos e responsabilidades, hoje eu quero primeiro trocar o meu carro que é uma coisa “menor”. Enquanto não tiver uma grande necessidade não vou pular nada, vou aos poucos”.*

## **9. O que você acha de pais super protetores e da atual tendência, chamada: “Geração Canguru”?**

*(...) “Eu acho que não tenho uma opinião formada quanto a geração canguru...eu acho que não é muito saudável morar com os pais durante tanto tempo...como eu disse, eu gostaria de sair de casa antes de casar porque acho importante a responsabilidade que isso me traz e o crescimento também. Eu acho que o conforto de morar na casa dos pais é muito bom e "seguro" é um lugar que você conhece e que não tem muitas responsabilidades....acho válido morar junto até um certo momento, quando consegue estabilidade financeira por exemplo, por que eu também não sairia de casa para os meus pais me bancarem em outro lugar...a hora que eu sair vai ser para ter uma vida realmente independente, e isso conta a parte financeira. Eu não conheço muito o que tem de estudo sobre a geração Canguru, mas, considerando que os filhos saíam de casa muito velhos (mais de 30 anos) eu não concordo muito, não acho que isso seja saudável tanto para os filhos quanto para os pais. O filho fica com mais dificuldade em criar sua individualidade e independência e o pai também continua vivendo sua vida em função do filho, sem deixar ele se desenvolver para poder se virar sozinho”.*

É relevante na fala de Laura quando diz que até um certo momento é saudável morar com os pais, mas existe um limite. Acredito que assim é que tudo na vida funciona, as coisas não são eternas; na casa dos pais se aprende o que é a vida e como se deve lidar com ela, a partir de um tempo o indivíduo tem que se diferenciar deste ambiente e descobrir qual é a sua própria maneira de encarar a vida; é claro que se leva as experiências da família de origem, mas, é importante enfrentar a vida sem esse “respaldo” da família para realmente se estabelecer como um ser humano autônomo e independente.

Para exemplificar essa situação, Laura dá um exemplo familiar:

*(...) “tenho um exemplo dentro de casa que acho completamente errado em relação a isso...eu sei que é outra geração, mas mesmo assim, serve de exemplo para mim. Esse exemplo é a relação dos meus avós com meu pai e minha tia. Meus avós são extremamente controladores e super-protetores, querem sempre ter controle das coisas e muitas vezes querem fazer por nós, nos poupando do esforço. O que eu acho que eles*

*não pensam é que o esforço é muitas vezes o fracasso, o sofrimento e o caminho das pedras é o que nos faz crescer, se recebemos tudo nas nossas mãos, depois provavelmente não vamos conseguir nos virar sozinhos. Até hoje (meu pai tem 50 anos e minha tia tem 51) eles "se metem" nas coisas e querem resolver tudo, palpitar em tudo...eu entendo que a intenção deles é a melhor, é de que agente faça o que for melhor para nós, ou pelo menos o que eles julgam que seja melhor para nós. O ruim é que muitas vezes eles estão errados. Acho isso um pouco de egoísmo, de querer ter tudo para si e não conseguir deixar os filhos seguirem seu caminho. A relação da minha tia com a minha avó é absurda, elas se falam todos os dias, minha avó sabe de tudo da vida da minha tia e dos meus primos, sempre palpita muito e acaba contando para mim, por exemplo, coisas que eu nem precisava saber...(o que me faz pensar que ela também conta as minhas coisas para o resto da família, e isso me irrita). Enfim, queria dizer que acho que a relação entre pai e filho tem que ter um limite, uma distância que é necessária para um bom convívio, saudável e que cada um respeite o espaço do outro. Com a geração canguru acho que isso fica mais difícil”.*

Neste exemplo, Laura deixa claro como esta não diferenciação pode atrapalhar o desenvolvimento do filho, fazendo-os estagnar numa posição de cuidados e não evoluir para serem cuidadores autônomos de sua vida sem a influência de seus pais. Além disso, ela mostra como esse tipo de pais (super protetores) podem influenciar até a geração dos netos, como se percebe ela não gosta desse tipo de atitude dos avós de controlar e querer opinar em coisas da sua vida, pois, já se sente capaz de ter suas escolhas e lutar por elas, sem que ninguém interfira. Esta influência dos avós é um modelo de relação que estabeleceram com os filhos e estes podem reproduzir ou refutar. É importante que na relação de pais e filhos haja um limite, porque se não passa a ser simbiótica e doentia gerando graves prejuízos para ambas as partes. Mais uma vez se torna claro a importância de preservar o espaço de cada membro da família e respeitar as diferenças pessoais, buscando um ambiente harmônico e saudável, graças à boa diferenciação. Desta maneira, pode-se perceber como é importante que se tenha um olhar para três ou quatro gerações para compreender a complexidade de sua dinâmica (Carter e Mc Goldrick, 1995).

**10. Como vê sua busca por independência e autonomia baseado nas expectativas que tinha desta fase, nas preocupações que tem hoje e quais são seus desejos daqui em diante.**

Ela me respondeu separadamente cada questão, começando pelas expectativas:

*(...) “Comecei mesmo a ter expectativa quando entrei na faculdade. Daí que comecei a pensar na minha carreira e no meu futuro profissional. Em relação a minha carreira, estou dentro do que esperava e na área que eu queria trabalhar mesmo. O estágio também é o que eu queria”.*

Esta questão é muito particular, cada pessoa tem seu momento em que pensa sobre seu futuro. O importante é que desde o momento que ela começou a ter essas expectativas até hoje que está pensando sobre elas se sente bem e onde queria. Essa realização é resultado de uma diferenciação segura de sua família, permeada pelo apoio dos pais, que a ajudou a sustentar seus sonhos e a ter determinação para ir atrás dos seus objetivos.

Depois, Laura passou para as preocupações que têm sobre esta fase que está:

*(...) “Minha maior preocupação é manter o que eu já consegui agora, tanto do psicológico quanto do material. Penso em melhorar de emprego e sei que para isso terei que me esforçar bastante, trabalhando bastante, fazendo pós, etc”.*

Percebe-se aqui que Laura deseja manter tudo que foi conquistando sozinha, valorizando cada esforço. E é importante que ainda tenha muita vontade de melhorar e ir atrás de novos objetivos que surgem agora que está prestes a se formar, isso mostra que Laura está bem consolidada em relação a sua independência e autonomia de sua vida, pois, tem a consciência que ainda tem muito que enfrentar na vida e que tudo que quer conquistar dependerá do seu esforço, por isso, precisa dar conta das responsabilidades que vão aumentando para conseguir atingir suas metas profissionais e também pessoais.

Por último, Laura fala sobre suas perspectivas de futuro:

*(...) “Eu quero que dê certo conseguir equilibrar a vida profissional com a pessoal porque quero muito ter filhos. Esta será a maior realização da minha vida. Então, desejo crescer, tem uma boa bagagem no que eu faço para que as pessoas se interessem pelo meu trabalho. Por exemplo, seria legal dar uma palestra numa faculdade um dia e oferecer conhecimento através das minhas experiências pessoais. Por último, pretendo fazer trabalho voluntário. Estou fazendo estágio no hospital este semestre e estou adorando. Mas, isso é segundo plano porque precisa “bater” com meus horários. Então é isso, pretendo casar, ter filhos e equilibrar minha vida profissional e pessoal”.*

Essas perspectivas mostram que Laura está bem encaminhando de maneira saudável a construção de uma identidade autônoma e de relações significativas, sabe o que quer para o seu futuro e dá prioridade para que cada coisa aconteça no momento que deve acontecer mesmo. Assim, valida o modo como seus pais a criaram, mostrando que cada fase da vida tem suas “conquistas” e que estas devem ser experimentadas de maneira gradual, para que não sejam puladas etapas nem ultrapassadas rápido demais. Há aspectos adquiridos na relação com os pais, como por exemplo, valores básicos, que pretende perpetuar em sua vida.

A família de Laura nos mostra que foram lidando com cada fase de uma vez, aproveitando cada momento e aprendendo a lidar com as novidades que foram surgindo ao longo do ciclo de vida familiar. Dessa forma, nos transmitem um grande exemplo que comprova o que já foi dito nos capítulos teóricos: as famílias que estão abertas para o diálogo e que estabelecem uma relação de respeito e confiança nos seus filhos, vivenciando aos poucos o “deixar partir”, conseguem vivenciar essa fase do lançamento do filho, que é longa e permeada por grandes mudanças na família, de forma natural, como um movimento da vida que todos os seres humanos enfrentam, e saudável, ou seja, sem ser permeada por conflitos excessivos, brigas, discussões destrutivas e rompimentos abruptos; o importante é que os membros assumam seus novos papéis e acreditem que esta fase é o começo de muitas experiências novas, que têm por base a vivência de outras transformações no ciclo vital do indivíduo e da família.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Vossos filhos não são vossos filhos, são os  
filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma...”  
Gibran Kalil Gibran*

Este estudo abordou o movimento do ciclo vital familiar com ênfase na fase em que o filho, jovem-adulto, está se preparando para o lançamento da casa dos seus pais. Como foi visto, nesta fase existem três crises que estão alinhadas: a do filho que está se preparando para o seu lançamento, a dos pais que estão na meia idade e têm que lidar: com as reflexões sobre o futuro de sua vida, com o fato do filho estar adulto e com os cuidados com os seus próprios pais que estão envelhecendo e, por último, os avós que estão passando pela crise do envelhecimento: encarando, possivelmente, doenças e perdas, mas também a continuação da família com o casamento dos netos e a chegada dos bisnetos.

Como dizem Borges e Magalhães (2009), os relacionamentos familiares vão se modificando conforme cada pessoa vai se movendo ao longo do ciclo de vida. Desta forma, a família vai se movimentando através do tempo, de modo geral: o adulto-jovem sai da casa de sua família de origem, ainda sem estabelecer uma família própria e, nesse momento, começa a estabelecer e manter uma identidade singular (no trabalho e nos relacionamentos); esse jovem se casa com outra pessoa, formando o novo casal; desse casamento vêm os filhos, e, assim, o casal torna-se “pais”; o filho cresce e entra na adolescência, levando a família a se transformar e os indivíduos a renegociarem seus papéis; após essa fase do ciclo de vida, os filhos vão se tornando adultos e a família passa para outro momento em que os filhos são “lançados” para o mundo para seguir seus caminhos.

O uso do termo “lançamento” se justifica pelo fato da saída do filho da casa dos pais ser o resultado de um longo processo de “deixar partir” gradualmente, desde a infância, passando para a adolescência e chegando ao momento em que o jovem está se tornando adulto quando vai para a universidade ou começa a trabalhar; desse modo, a família desempenha um papel essencial no desenvolvimento de um ser humano e o

modo como os pais se relacionam com este filho influencia muito esta etapa do lançamento.

Os pais que encaram o filho como um ser independente deles foram, durante o processo de desenvolvimento, lhe proporcionando experiências que preparam sua independência e lhe deram responsabilidades com o intuito de promover um duplo *status* de dependência e independência de seu filho, deste modo, gradualmente; ou seja, de acordo com cada fase em que o filho se encontrava os pais foram fazendo estas experiências e lhe foram permitindo o “deixar ir”: assim, na época em que o filho é um adulto-jovem e está se preparando para sair de casa, os pais, embora tenham um sentimento de perda frente à necessidade de redirecionamento de suas funções parentais, encaram como um processo natural do desenvolvimento. Já os pais que não consideram os filhos como seres independentes deles, sentem essa mesma ambivalência e necessidade de redirecionamento, mas, ao invés de buscarem “saídas” se prendem ao medo de perder este filho e entram numa busca incessante de estar sempre envolvido, de maneira decisória, nas escolhas e atitudes dos filhos com a idéia de que assim está “mantendo seu lugar”; dessa maneira, encaram esta fase do lançamento do modo mais crítico e, possivelmente, permeado por brigas e discussões, porque lidam com o filho de maneira muito infantilizada e com excesso de zelo, demonstrando que têm muita dificuldade de encarar que este também é adulto e precisa seguir o seu caminho independentemente deles; assim, os pais tentam “segurar” emocionalmente ao máximo esses filhos dificultando o processo de diferenciação. Sobre isso Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro (2004) dizem: “O alto investimento afetivo feito pelos pais no exercício da parentalidade provoca, como ação recíproca, a atitude dos filhos de corresponder a esse investimento mantendo o seu papel de filhos” (p.24). Essas atitudes dos pais podem gerar um “pseudo-lançamento” que não acarretará numa diferenciação segura deste filho, podendo gerar prejuízos numa futura ligação com um (a) companheiro (a).

Segundo este ponto de vista, de que os pais influenciam no lançamento de seus filhos, a autonomia é um indicador de saúde do indivíduo e da família como um todo, ou seja, de que as relações foram vividas, de forma adequada e funcional, nas fases anteriores do ciclo de vida familiar e, inclusive, de que os pais suportarão estar bem como um casal quando seus filhos se forem; por fim, com a chegada da velhice, a família vive a transição para o estágio tardio da vida (Carter e Mc Goldrick, 1995). Já o

oposto, quando os pais tentam prender o filho em casa, impedindo este movimento espontâneo da vida, provavelmente ocorre quando têm a concepção de família arraigada à idéia de ter e criar filhos. Assim sendo, provavelmente, o distanciamento físico dos membros da família é visto e vivido como ameaçador à integridade do grupo familiar.

Como Carter e Mc Goldrick (1995) ressaltam, essas fases do ciclo de vida familiar se modificam conforme se tratem de diferentes contextos histórico-sociais. Contudo, persiste a idéia de que o decorrer da vida envolve necessariamente a passagem de uma fase do ciclo de vida para outra. Essa passagem é normalmente vivida como uma “crise” e só poderá ser superada com a adequação do sistema familiar às necessidades impostas pela nova realidade que se apresenta através do passar dos anos.

Nesta descrição do ciclo de vida familiar a fase adulta é sinalizada pela discriminação do jovem em relação à família de origem. Nessa concepção, ser adulto se definiria através de acontecimentos como a saída da casa da família de origem, o investimento em um trabalho ou uma formação profissional, com a entrada no mercado de trabalho, a independência financeira, a autonomia e, posteriormente, a possibilidade de formar seu próprio núcleo familiar.

Atualmente esta passagem para o mundo adulto e a própria noção de ciclo de vida familiar está enfrentando mudanças. Segundo a tendência atual, dado o maior acesso à informação e a um conjunto de recursos em escala global, os jovens de hoje segundo Guerreiro e Abrantes (2005, *apud* Borges & Magalhães, 2009), alcançam a condição adulta a partir de situações tais como: percursos escolares mais prolongados e inserções profissionais mais tardias e instáveis num mercado de trabalho bastante competitivo e exigente. Alteram-se períodos de desemprego, de emprego precário e de investimento na formação profissional, caracterizando como “trajetórias ioiô”.

As famílias contemporâneas apresentam-se de maneira diferente quando comparadas às famílias do início do século XX: atualmente evidenciam-se formas mais flexíveis de relações, com maiores possibilidades de reivindicações pessoais, de diálogo e de negociação entre os indivíduos. Segundo Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro (2004), o que se observa na relação entre pais e filhos de hoje é que ela compartilha seus dilemas de uma forma “mascarada”, ou seja, ambas as gerações evitam conflitos para

tornar a convivência familiar mais confortável, mantendo a idéia de casa como um “ninho acolhedor”, o que acarreta num prolongamento dessa convivência. Para Silveira e Wagner (2006): “a evitação de conflitos parece ser uma estratégia parental que não incentiva a aquisição da independência” (p.446).

Segundo Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro (2004) “é possível admitir que o “benefício” desse investimento afetivo para os pais seja prolongar essa relação o maior tempo possível, o que a nosso ver resulta em um “custo” para os filhos, o adiamento de sua entrada na vida adulta” (p.23). Desse modo, é notório que para o filho este adiamento de sua entrada na vida adulta acarreta prejuízos pela falta de maturidade que têm para assumir as escolhas que faz e arcar com as próprias responsabilidades, podendo dificultar a aceitação e manutenção de boas oportunidades de emprego e a possibilidade de constituir um novo núcleo familiar.

Nesse contexto observei neste estudo que há um prolongamento da convivência intergeracional na família, os jovens estão permanecendo mais tempo morando na casa dos pais e demorando mais tempo para viver independentemente deles. Certamente, a possibilidade de conciliar dependência e autonomia dentro da família traz outras possibilidades para se viver e se pensar essa passagem. Por isso, Borges & Magalhães (2009) consideram que o prolongamento da vida familiar não está relacionado a algum “atraso” desses jovens em entrar para a vida adulta, mas sim, com as novas formas de constituição da vida adulta de hoje. Para considerar a permanência de adultos-jovens nas casas de suas famílias de origem é fundamental entender os aspectos culturais mais amplos da contemporaneidade como: a centralidade do valor do indivíduo e as práticas instituídas dirigidas à autonomização dos sujeitos tanto na esfera pública como na esfera privada, como também, entender o relacionamento existente entre os membros, ou seja, como os pais lidam com o lançamento do filho (apoiando, dificultando-a ou negando) e como está o relacionamento do casal, para que os filhos não fiquem na posição de “guardiões” da relação dos pais.

Para Borges & Magalhães (2009) os adultos jovens que permanecem nas casas de seus pais reivindicam apoio e autonomia concomitantemente: isso ilustra exatamente o mecanismo de conciliação de valores hierárquicos e individualistas que opera nas famílias contemporâneas.

Esta fase de lançamento, segundo Carter e Mc Goldrick (1995) requer uma nova forma de relacionamento entre pais e filhos, ainda mais respeitosa e pessoal. É o momento em que os filhos devem aceitar os pais como eles são e os pais precisam aceitar os limites que os filhos lhes colocam. Assim, é um momento que exige uma reestruturação familiar para que novos papéis sejam elaborados e para que o sistema familiar seja realinhado suportando entradas e saídas de seus membros.

Na vida do jovem-adulto este é um momento único de diferenciação, é um período de transição que se constitui, por si próprio, numa fase de vida marcada por condições, oportunidades e dificuldades próprias; portanto, quanto mais tranquilamente for encarado, de maneira que receba incentivo e apoio dos pais, melhor será este desligamento que acarretará numa vinculação futura mais segura, caso este indivíduo queira casar-se e ter filhos. Na entrevista que fiz com a jovem-adulta ela deixa muito claro quanto o apoio dos pais foi fundamental para aquisição de maior independência e autonomia em sua vida, porque este momento já é caracterizado por um desafio, imprevisível e conflituoso na vida do jovem adulto; portanto, se tiver o apoio dos pais fica mais fácil, pois o indivíduo se sentirá estimulado a crescer, podendo também contar com o suporte parental. Com o apoio e o auxílio dos pais se torna mais tranquilo conseguir lidar com as próprias responsabilidades. Neste momento o filho está aprendendo a “se virar” sozinho e é importante que os pais o auxiliem, orientando-o e não fazendo por ele.

Nesta fase a relação entre pais e filhos caracteriza-se pelo respeito dos pais diante dos filhos, percebendo que estes são capazes de lidar com as exigências da vida sozinhos e dos filhos que enxergam os pais como fonte de apoio, de amor e segurança e não mais de dependência. É importante esta mudança da relação para que os novos papéis se definam. O sucesso dos filhos nesta fase de lançamento é determinado pela qualidade com que os relacionamentos familiares originais são renegociados.

Este estudo revelou que a fase do lançamento do filho de casa é delicada tanto para os pais, que se sentem ameaçados de perder o filho, quanto para os filhos que estão tentando se estabelecer no mundo como sujeitos autônomos e independentes. Para os filhos percebi que esta fase é encarada de forma tranquila quando recebem o apoio e o

incentivo dos pais, porque sentem-se livres para voar rumo à sua própria vida. Para os pais constatei que ela é encarada mais serenamente quando conseguiram perceber que seu filho é um ser independente muito antes desta fase em que ele é um jovem-adulto: assim, lhes possibilitaram experiências que deram oportunidade de seus filhos desenvolverem a autonomia, que se constrói através da prática de negociações constantes sobre suas condutas no espaço social e no doméstico, de modo que vão criando “consensos” que permitem a construção de uma relação de igualdade entre eles: portanto, agora vêem este momento como natural do desenvolvimento. Esta atitude saudável dos pais está relacionada à idéia de buscarem ser pessoas que dão amor e exemplo, cuidam e estimulam; à noção de que a identidade pessoal não está baseada somente no papel de mãe e/ou pai e também no trabalho, na sociabilidade e em outras atividades que lhes dêem prazer; a idéia de família que não se fundamenta só em ter e criar filhos e, também, na noção de casal que não se constitui e se mantém só pela criação dos filhos: podem e devem desenvolver sua relação, seus interesses e ocupações. Pais que lidam desta maneira encaram o momento de crise como uma possibilidade de crescer e não de estagnar ou regredir.

Neste momento do ciclo de vida familiar, as fronteiras devem ser flexibilizadas e as relações podem se tornar mais horizontais, embora persistam as hierarquias, o que facilitará e permitirá a boa convivência entre as gerações.

Agora, no final da pesquisa, acredito que teria sido bastante relevante entrevistar um adulto-jovem do sexo masculino para abordar as possíveis diferenças de gênero presentes neste processo de construção da autonomia, independência e diferenciação da família de origem. O casal entrevistado tem um casal de filhos e me disseram não sentir diferença neste processo. Porém, a revisão da literatura revelou que homem e mulher enfrentam sim diferenças porque para a constituição da identidade masculina é necessária a separação da mãe, o que contribui para a construção da masculinidade; talvez por isso a mãe que entrevistei relata que sentiu seu filho mais agressivo desde a adolescência: esta agressividade pode ter surgido como um mecanismo utilizado com o propósito de dar limites às interferências e influências maternas. No desenvolvimento das mulheres esta separação da mãe não é necessária para o desenvolvimento da feminilidade: as meninas identificam-se com as mães e tornam-se mulheres permanecendo vinculadas (Gilligan, 1993).

Acredito que a presente pesquisa forneceu dados relevantes sobre possibilidades de construção de uma relação saudável entre o filho jovem-adulto e seus pais, de modo que promova crescimento, contribuindo com informações que, embora digam respeito a uma mínima amostra da população, revelam possibilidades de enfrentamento e resolução positiva desta fase.

Um aspecto fundamental a ser ressaltado nestas considerações é o caráter particular da relação participante-entrevistadora: sou uma adulta jovem da mesma faixa etária de Laura, pertencente à mesma camada social e situada no mesmo momento histórico. Este fato pode ter ressoado como uma facilitação para a exposição da privacidade de meus participantes, o que aconteceu de forma espontânea. De minha parte, as orientações também visaram a discriminação de possíveis conteúdos similares entre entrevistados e entrevistadora.

Minha atitude como pesquisadora foi de interesse, envolvimento e respeito aos conteúdos expressos. A escuta foi empática, estabelecendo-se uma relação de intimidade, apesar dos limites espaciais, temporais e daqueles concernentes à tarefa.

Além de procurar facilitar os relatos com algumas questões ou comentários, me certifiquei de haver compreendido os conteúdos expressos. Percebi a importância de afirmar o valor do que era ouvido, dando continência e levando-os a se sentirem acompanhados no percurso de retomar sua história, como pais e como filha.

O cuidado foi importante em todos os momentos: ao contatar os participantes, no decorrer das entrevistas, ao seu término. A sensibilidade e a delicadeza estiveram presentes em ambas as partes, pesquisadora e participantes, já que conteúdos íntimos estavam sendo expostos e recebidos com ressonância afetiva e intelectual. Senti-me privilegiada por esses três participantes terem compartilhado comigo experiências próprias que me auxiliaram bastante a compreender esta fase do ciclo vital da família, deixando como exemplo de que esta pode ser encarada como um momento bom e de amplas possibilidades de crescimento pessoal, relacional e continuidade do ciclo vital da

família.

No decorrer do trabalho foram surgindo questões e reflexões, que poderão ser tema de novos estudos: quais são e como podem ser compreendidas as principais diferenças no processo de diferenciação da família de origem entre homem e mulher? Como os pais que viveram prioritariamente em função dos filhos conseguem experienciar um novo modo de se colocar na vida agora que estes filhos criaram asas e voaram? Depois de alguns anos já morando fora da casa dos pais, quais as principais diferenças/mudanças que este indivíduo vê na sua vida?

O fenômeno estudado é instigante, complexo e meu interesse por ele é cada vez maior. Vejo que não consegui dar conta de tudo e de ter falado de tudo como pretendia; entretanto, preciso finalizar este processo aceitando as limitações do tempo e acreditando que foi um bom trabalho até aqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. Sobre os próprios pés. *Revista Vida Simples*, São Paulo: Editora Abril, janeiro 2010.

AMAZONAS, M.C.L.A.; LIMA, A.O.; DIAS, C.M.S.B. (orgs). *Mulher e Família: Diversos Dizeres*. Recife: Editora Oficina do Livro, 2006.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1978.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BICUDO, S. P. L. *A primeira vez na contemporaneidade: intersecções entre subjetividade e cultura*. Trabalho de Conclusão de Curso, PUC. São Paulo, 2008.

BORGES, C. de C.; MAGALHÃES, A. *Transição para a vida adulta: autonomia e dependência familiar*. PUC - Rio de Janeiro: Psico, v.40, n.1, p. 42-49, jan/mar. 2009.

BOWLBY, J. *Trilogia apego e perda*. Volumes I e II. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARTER, E.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERVENY, C.M.O. (org). *Família e... Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos nos divórcios, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção sistêmica, Rede Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ERIKSON, E.H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FEIJÓ, MARIANNE RAMOS. *Família e rede social*. In Ceneide Maria de Oliveira Cerveny (org.), *Família e ...*(pp.233-255). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FÉRES-CARNEIRO, T. *Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual*. In Terezinha Féres-Carneiro (org.), *Casal e Família* (pp.96-117). Rio de Janeiro: Ed. Nau,1999.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

GILLIGAN, C. *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GUBA, E.G.; LINCOLN, Y.S. *Competing paradigms in qualitative research*. In: N.K DENZIN & Y.S.LINCOLN (Orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp.105-117). London: Sage Publications, 1994.

HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. A “Geração Canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Revista Psico*, v.35, 2, 2004, p.195-205, 2004.

HIME, F. A. *A biografia feminina e a história das relações amorosas: o vôo da fênix*. Tese de Doutorado, PUC. São Paulo, 2004.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.,1986.

MACEDO, R. M. S.; KUBLIKOVSKI, I. *Família e Meia Idade Femina*. In Ceneide Maria de Oliveira Cervenly (org.), *Família em Movimento*. (pp.173-203). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MANKOWITZ, A. *Menopausa tempo de renascimento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

MARDEGAN JR., E. *A idade do lobo*. São Paulo: Mercuryo,1994.

MEIRELLES, V. M. *Feminino superlativo: mulher, família e carreira*, Dissertação de Mestrado, PUC. São Paulo, 2001.

MOON,S.M. *Family therapy and quality research. Journal of marital and family therapy*, 16 (4), pp. 357-373, 1990.

PEREIRA, A.C.A. *O Adolescente em Desenvolvimento*. São Paulo: Harbra, 2005.

SIMÕES, J.F. *Antes do sim: rituais, celebrações e práticas de transição pré-nupciais*. Dissertação de Mestrado, PUC: São Paulo, 2007.

SILVEIRA, P.; WAGNER, A. *Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem*. Programa de pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

SLUZKI, C.E.A. *Rede Social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

## ANEXO I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado “A vida em movimento: como é para os pais e para os filhos?” desenvolvido pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fui informada, ainda, que a pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Flavia Arantes Hime, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 36708320.

Afirmo que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é entender como se desenvolve a etapa do ciclo de vida familiar que o filho jovem-adulto se prepara para lançar-se da casa dos pais. Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicada, poderei contatar o pesquisador responsável ou seu orientador, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP.

A pesquisadora principal do estudo me ofereceu uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Fui ainda informada de que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo .

São Paulo, \_\_\_\_\_

Assinatura da participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da aluna pesquisadora \_\_\_\_\_

Assinatura da orientadora \_\_\_\_\_

## ANEXO II

### Primeira Entrevista

#### **Identificação dos Participantes:**

**Nome:** Luísa

**Idade:** 53 anos

**Profissão:** Economista

**Ocupação:** Autônoma

**Nome:** João

**Idade:** 55 anos

**Profissão:** Engenheiro Civil

**Ocupação:** Assessor do Secretário do Planejamento do Estado de São Paulo

O presente casal tem dois filhos uma menina (L) de 24 anos e um menino (A) de 22 anos. Comecei a entrevista perguntando ao casal quais foram os principais eventos que aconteceram na vida dos seus filhos que já lhes “soaram” como pequenos movimentos de independência. Os dois começaram dizendo juntos que a filha “assumiu” a independência antes do filho, quando propuseram, a ambos, uma viagem de estudo para o exterior. Nesta época, 2001, só a filha quis ir e foi para os Estados Unidos (Califórnia) passar um mês estudando. Depois, no ano seguinte, em 2002, os dois filhos foram juntos para a Austrália, por um mês; lá se alojaram na universidade e fizeram curso de inglês. Apesar de terem ido juntos, lá cada um se virou sozinho. Os pais sentiram que estas viagens ampliaram o universo de seus filhos, “eles voltaram sabendo lidar com dinheiro e sabendo que existiam lugares mais bonitos e mais adequados” (sic. Pai).

Em julho de 2004 a filha viajou para Nova Zelândia com uma amiga, de desde a segunda série, para comemorar a formatura, que seria no final do ano; foram antes porque no final do ano tinham vestibular.

Em 2005 o filho foi para Austrália e morou lá por seis meses; neste período, morou em casa de família e estudou inglês.

Perguntei se Luísa e João tinham confiança em seus filhos, para deixá-los viajar sozinhos. E Luísa me respondeu: “Ensinamos o que é certo e o que é errado e políciamos, eles seguiram dentro dos parâmetros; nunca mentiram nada para nós, mesmo o A. que foi mais levado sempre assumiu as coisas “erradas” que fez”. Em seguida, João complementa: “Acho que eles foram aprendendo a lidar com as diferenças porque praticamente todos os finais de semana viajavamos com eles (filhos) para casa de pessoas que eles não conheciam e assim eles conversavam com todo tipo de gente. Isso, de estar cada hora em um lugar, lhes deu um certo desprendimento. Eles foram tendo que se adaptar para lidar com pessoas desconhecidas e acho que isso só os fez amadurecer e os ajudou a lidarem com outras experiências quando estavam longe da “saia dos pais”, principalmente da mãe que foi mais presente”.

Perguntei para o casal se sentiram diferença no processo de independência de filho homem e de filha mulher. João disse que a filha mulher, de uns 12 até uns 14 anos, foi mais “arteira” que o filho, mas depois, seguiram iguais. Perguntei como sentiam esses movimentos de independência dos filhos e disseram: “nesta fase, em que começaram ir para o exterior, sozinhos, sentimos que os nossos filhos estavam crescendo, mas, que ainda teriam que voltar para casa pela necessidade financeira. E esses “treinos” serviram para que fossem sempre adquirindo mais segurança na educação que deram, já que o tempo que passaram fora nunca deram trabalho, sempre deu tudo certo”.

Em seguida, Luísa comentou que atualmente a filha está morando no exterior (já é o segundo ano que ela está trabalhando fora, neste ano ela está trabalhando e estudando) e disse: “talvez ela não volte, mas, eu vejo que ela está feliz lá. Não é que eu não me incomodo, eu sinto falta, mas ela me passa segurança de que está feliz”. João complementa dizendo que para ele é mais fácil enfrentar esta distância física da filha

porque têm facilidade para irem para lá e por causa do desenvolvimento tecnológico, comenta sobre a webcam e e-mails: “chego no escritório, mando um e-mail para a minha filha, logo ela me responde, me conta o que vai fazer...a tecnologia aproxima muito mais” (sic.).

Perguntei o que eles achavam da “tendência atual” da chamada “geração canguru”, Luísa disse que acha isso comodismo e João complementou: “sempre forçamos nossos filhos a andarem sozinhos. Sempre falei que como o pai deles não tem empresa para eles trabalharem, eles tinham que conquistar o espaço deles com as próprias pernas”. E depois: “sempre fomos dando “dicas” aos nossos filhos, nunca impondo o nosso modo de pensar para que eles constituíssem seu próprio eu”. João relata, por exemplo, uma experiência: “uma vez um amigo meu me ligou oferecendo emprego para o A. e, a única coisa que fiz, foi passar o celular do A. para que ele entrasse em contato com ele e conversassem”. Em seguida João disse que sempre busca orientar o filho e conta também que quando este teve problemas no trabalho, por sentir que “não estava fazendo muita coisa” ele o orientou a ir falar isso para o chefe. O filho fez isso e o chefe o contratou, mesmo ainda não sendo formado, e pediu para que ele transferisse a faculdade para noite e trabalhasse tempo integral. Tudo isso os pais vêm como uma conquista do filho e sentem como uma grande experiência que favorece o amadurecimento do mesmo.

Perguntei como eles encaram o desenvolvimento dos filhos rumo à independência, nesta fase atual em que se encontram; Luísa disse: “Encaramos tudo como uma evolução. Confiamos na educação que demos e vemos como um movimento natural da vida. Tem horas que precisamos dar uma “empurrada”, mas, de modo geral, eles seguiram sozinhos”. E contam da mudança do filho de faculdade, ele quis mudar de faculdade e foi falar com os pais, o pai disse que o orientou a escolher o que fosse melhor para ele. E foi isso que o filho fez, sozinho, ele avaliou os dois currículos das faculdades, analisou os prós e contras e depois, só avisou aos pais da mudança. Luísa vê isso como uma experiência boa, em que o filho teve que decidir sozinho o que preferia fazer, assim, desenvolveu sua responsabilidade. João completa falando que sempre insistiu muito com os filhos que eles deveriam responder o que faziam a eles mesmos, por exemplo: na escola, as questões que eles tinham que avaliar eram: presença nas aulas, ir bem nas provas e passar de ano. Essas eram as responsabilidades deles, que

iriam fazer diferença para eles mesmos, por isso, eles que deviam se questionar sobre isso. E foi assim que eles lidaram com os filhos, dando-lhes responsabilidades. Desde pequenos já deviam arrumar a cama e conforme foram crescendo foram se responsabilizando pelas obrigações escolares. E os pais se colocavam na posição de “apoio”: sem falar ou dar ordens, procuravam sempre orientar falando o que não tava legal, mas sempre respeitando os filhos.

Segundo os pais, nesta fase em que os filhos estão este respeito aumentou porque eles já têm autonomia e não dá para interferir. Segundo a mãe: “Fico angustiada com algumas coisas, mas não me envolvo. Acho que é sentimento de mãe que não quer ver os filhos sofrerem”.

Perguntei para eles como se vêm agora que passaram de pais de filhos crianças, depois adolescentes e agora de adultos. Eles me disseram que foi uma evolução natural, tudo foi acontecendo e eles nem perceberam alguma mudança brusca. De acordo com a idade dos filhos, eles como pais, foram vivendo o que lhes cabia. Luísa comenta que o filho, na fase da adolescência, ficou mais agressivo, mas que ainda hoje tem esse jeito, então, entende que é uma característica dele mesmo. E continuaram dizendo que o desenvolvimento foi muito natural e o pai diz: “a nossa separação começou antes de ser física, fomos dando sempre autonomia para eles. E hoje não existe mais o “posso fazer?”, eles têm total liberdade e independência”. Dando um exemplo João conta como foi quando deu um carro para os filhos: “dei o primeiro carro, zero e eles escolheram qual queriam, agora, do segundo em diante, é por conta deles” e disse também que a escolha profissional foi deles e não influenciaram em nada. E Luísa completou: “sempre procuramos ajudar e não facilitar. A nossa geração de pais está fazendo muito pelos filhos e não está sendo bom. E a nova geração está pior, os pais de crianças pequenas hoje estão superprotegendo os filhos e dando tudo para eles, afinal, é mais fácil dar do que participar e se dedicar estando presente”.

Perguntei como é para os pais lidarem com a namorada do filho em casa e Luísa disse que os filhos sempre trouxeram as (os) namoradas (os) para casa; quanto a namorada do filho dormir em casa disse: “no começo é estranho porque fomos criadas de outra maneira. A casa dos pais era um lugar de muito respeito. Eu lembro uma vez que eu e o João tivemos que dormir na casa dos meus pais com as crianças, porque

meus pais iam viajar, e minha mãe me disse para dormirmos na cama dela e do meu pai porque era mais fácil, mas nos sentimos super mal, foi estranho. Porém, vejo que hoje em dia é diferente e percebo que a namorada do meu filho sente segurança e acolhimento aqui em casa e gosta de estar aqui, então, agora é mais natural”.

Como o filho tem essa liberdade de trazer a namorada para casa perguntei como ele lida com algumas “questões” por ainda morar na casa dos pais, como por exemplo, ter que dar satisfação com quem vai sair e/ou viajar. Luísa disse que o filho é resistente para avisá-la das coisas e que ela sempre pergunta por que se preocupa muito com a violência do mundo. Então, lhe perguntei se por acaso o filho não morasse mais com ela, se ela ainda ia querer esse tipo de satisfação. Ela disse que se o filho não morasse com ela seria menor essa “cobrança”, porque ela poderia controlar menos. E disse: “Hoje o controle se transferiu para uma confiança no crescimento deles”.

Perguntei como é para o casal lidar com o futuro de não ter mais nenhum filho morando em casa. Luísa disse que será tranquilo e que não sentirá um vazio porque ela e o marido vivem bem juntos e completou: “isso conta muito porque fazemos programas só nossos” e o pai disse que já nem perguntam mais para os filhos se eles querem ir ou não junto deles porque acha que não cabe mais perguntar isso, além disso, os filhos já sabem que se quiserem ir, serão bem vindos. Depois, João disse também que os filhos têm liberdade para conversar, marcar ou desmarcar algum compromisso, e deram um exemplo: o casal e o filho com a namorada estavam combinando de fazer uma viagem, mas, o filho acabou combinando com os amigos outro programa e cancelou com os pais. João vê isso como uma liberdade de desmarcar os compromissos sem culpa. E disse que hoje as relações não são pautadas no dinheiro, por exemplo: “vou jantar com meu pai porque não gasto nada” e sim no fato de realmente curtirem estar juntos.

Quando questionados se o exemplo dos pais na época em que eles estavam saindo de casa os auxilia a lidarem com a fase que estão passando agora, Luísa disse: “eu acho que sim porque tive essa liberdade que dou para os meus filhos. Na minha casa essa liberdade era normal, ao contrário da época. Por exemplo: tinha a chave de casa e não tinha hora para voltar, não fui muito controlada”. Perguntei se ela saiu de casa antes de casar ou para casar e ela disse que saiu para casar, mas, que antes disso já ganhava

seu próprio dinheiro e não dependia mais economicamente dos pais. Já João disse que saiu de casa para estudar e nunca mais voltou e também considera que na casa dele tinha liberdade e isso o ajudou a repetir o exemplo com os filhos.

Perguntei quais as principais diferenças que eles vêem que existem entre a realidade de hoje e de antigamente. Luísa: “Acho que hoje no trabalho eles enfrentam mais disputa, é mais desonesto, mais maquiavélico, pensam muito para “derrubar” o

outro e assumir o lugar dele, as pessoas são mais calculistas para atingir seus objetivos e pisam em cima do outro para conseguir”. João: “Eu acho que é igual- na medida daquela época - não vejo muita diferença em relação à competição, o que vejo é que o grau de especialização exigido hoje é maior, por exemplo, é fundamental ter uma segunda língua, uma especialização e dominar a informática. Hoje o jovem tem que confiar muito naquilo que faz para ser muito bom no que estudou, antigamente essa exigência era menor”.

Quanto ao movimento da casa, perguntei se ainda é o mesmo de quando os filhos eram pequenos, por exemplo, tem horário do almoço e do jantar mesmo que os filhos quase não comem em casa? Eles esperam o filho para comer ou não? Esperam o filho chegar para servi-lo? Luísa disse que não tem mais muito horário porque realmente cada um tem um horário e é difícil conseguirem comer todos juntos, e que ela estava deixando de se preocupar muito com isso, no sentido do filho chegar e deixá-lo se virar na cozinha para comer. Mas disse que o João “pega no pé” dela, dizendo: “você não vai lá ver alguma coisa para ele comer?” e daí ela vai e complementa: “como mãe sempre me preocupo, por exemplo, sempre que ele sai, por exemplo, pergunto se ele pegou um agasalho. Acho que é preocupação normal de mãe e nunca deixarei de ter preocupação com os meus filhos. Sinto que fiz a minha parte e que passou a minha fase, fiz e fiz tudo numa boa. Agora terminou natural. Eu e João. curtimos também nossa independência para sair só nós dois. Tudo que fizemos com os filhos não foi forçado, tudo que precisou ser feito foi no momento que tinha que acontecer; vejo que meus filhos tiveram liberdade, autonomia e confiança para serem independentes dos pais”.

Perguntei ao casal o que eles acham dos pais que são super-protetores dos filhos eles me disseram que são pais que buscam cercar o filho e impedem o mesmo de

crescer. E esquecem que quando o filho casar não vão junto e assim, os pais acabam perdendo sua vida para ficarem a disposição do outro, a mãe disse: “muitos pais não querem empurrar os filhos”.

Para encerrar a entrevista, perguntei como eles viam o caminho de independência dos filhos, pensando nas expectativas que tinham deste momento, no sentido de como queriam ver o filho nessa fase da vida, quais são as principais preocupações que têm ainda com os filhos e quais são os desejos que têm para o futuro. Juntos eles disseram que as expectativas eram ver os filhos, nesta fase, com autonomia de sua vida, bons princípios e vivendo a vida com honestidade. Luísa diz: “Não queria vê-los estagnados, sonhava em vê-los crescer”. E depois disse que, quanto à filha, sente que ela já está com meio caminho andado porque está vivendo a vida dela. E a preocupação que ainda sente é que ela tenha algum problema de saúde, já que estão morando longe, será difícil ajudá-la. Quanto ao filho, ela disse que sua maior preocupação é que ele termine a faculdade. Quanto aos desejos, que ambos preferiram denominar como realização, concordaram que é continuarem como vem acontecendo, ou seja, acompanhar este desenrolar da vida que começou desde querer ver o filho quando bebê começar a andar, depois falar, depois ir para escola, etc. e hoje querem vê-los casados e estabilizados na profissão. João completa: “quero vê-los amplamente felizes e satisfeitos como estão. E me surpreendo porque tem vezes que eles lembram de algumas coisas de quando pequenos que para mim era insignificante, mas que para eles, foi marcante”. Luísa disse que cada filho tem seu tempo de desenvolvimento e que sempre procurou respeitar essas diferenças e confessa que se angustiou com medo do filho estar acomodado (numa fase que não trabalhava na faculdade), ela disse: “tinha medo dele não tomar um rumo”, mas, hoje ela viu que tudo se resolveu e o valoriza de estar trabalhando o dia inteiro e estudando a noite.

Perguntei como estão como casal e João respondeu: “Estamos até melhor hoje, porque estamos nos curtindo mais”.

Depois, Luísa quis complementar a entrevista falando: “este processo de independência foi acontecendo desde muito cedo porque como escolhi não ter empregada todos os dias em casa, meus filhos aprenderam que tinham que arrumar a cama todos os dias, tinham que manter a casa em ordem e assim foram responsáveis

desde muito cedo. Criaram hábitos que passaram a ser rotina e hoje vejo que isso foi bom para o crescimento deles. Meu filho, por exemplo, cobra a namorada quando ela não arruma a cama, mas, quando está atrasado ele também tem a liberdade de não arrumar e eu também não arrumo, simplesmente fecho a porta”.

Perguntei o que mais ela acha que contribui para estarem enfrentando esta fase da vida com tanta naturalidade, com um caráter evolutivo normal do desenvolvimento humano. Juntos, disseram que foi o respeito que desenvolveram desde cedo com os

filhos. E, depois, Luísa completou: “Tem um sentimento de posse, mas também tem que fazê-los seguir a vida, você não tem o direito de prendê-los”.

Perguntei a ela, por não ter trabalhado e se dedicado integralmente aos cuidados dos filhos, se ela sentiu algum sentimento de “ingratidão” por parte deles e ela disse: “tem horas que sinto, mas acho que eles só vão dar valor quando tiverem os filhos deles, e é assim mesmo, não posso cobrá-los por isso porque a vida se encarrega”. E completou dizendo que nunca ficou mal ou se sentiu depressiva por ter sentido que sua função de mãe diminuiu, e para enfrentar isso, ela disse que procurou se ocupar com outras coisas.

Perguntei como João se sentia nesta fase e ele me disse: “hoje estou começando a concretizar o sonho de conseguir viver de renda porque pretendo parar de trabalhar daqui uns anos. Então, ainda estou me programando para conseguir viver com uma quantia que me ofereça estabilidade, conforto e qualidade de vida; e me preparar para a chegada dos netos”.

## ANEXO III

### Segunda Entrevista

#### **Dados de Identificação:**

Nome: Laura

Idade: 22 anos

Profissão: Estudante do último ano de Psicologia

Ocupação: Faz estágio na área de Psicologia Organizacional, em uma empresa.

Laura é a filha mais velha, tem uma irmã de 19 anos. Sua mãe tem 51 anos e seu pai 50 anos.

Iniciei a entrevista pedindo para Laura traçar uma linha do tempo, marcando nesta, os principais eventos de sua vida que lhe soaram como movimentos rumo à independência e quais foram às pessoas mais significativas que participaram deste processo. Ela me perguntou se poderia fazer essa linha “de cabeça” porque achava melhor do que escrever. Eu disse que não teria problema.

Então, Laura começou dizendo: “uma coisa que me senti muito grande foi quando eu fui monitora no colégio”. Perguntei como era isso, em que colégio era e que ano foi. Ela respondeu: “Foi no Rio Branco, estava no primeiro colegial e era monitora do pessoal da oitava série. Uma vez eles foram para uma viagem e eu os acompanhei como monitora responsável; tive que ficar num quarto e era responsável por aquelas alunas. Senti que era muito responsável e, pela primeira vez, me senti tendo que cuidar e não sendo cuidada”.

O segundo “evento” marcante para Laura foi quando foi para o Chile aos 14 anos. Essa foi a primeira vez que ela viajou sozinha. Passou 15 dias lá na casa de uma amiga da mãe dela. Nesta viagem, ela disse que não conhecia ninguém da família desta amiga da mãe e teve que “se virar” para se enturmar com as sobrinhas dela. Segundo Laura esse passo para independência foi visto como o primeiro a nível psicológico, já que financeiramente ela ainda dependia dos pais.

Laura caracteriza como terceiro acontecimento que a levou adquirir maior independência a viagem que fez para Disney a trabalho. Ela disse: “Esta foi a primeira vez que trabalhei, que tive chefe, ganhei dinheiro para gastar como eu queria, tive casa, me virava para comer. E quanto eu ganhava só dependia de mim porque eu trabalhava por hora. Foi uma grande experiência porque tive que me virar em todos os sentidos; o que é bem diferente aqui em São Paulo, já que moro na casa dos meus pais”.

O quarto da “lista” foi quando trabalhou, no período de férias da faculdade, na Kipling, num shopping de São Paulo. Sobre isso Laura diz: “eu quis fazer e fui atrás porque tinha um objetivo que era comprar um computador. Eu já tinha um computador, mas, queria um melhor. Meu pai disse que não ia me dar, então eu fui correr atrás. Não fui para fazer birra e sim porque realmente queria este computador”.

Por último, Laura lista como um grande passo para independência o seu primeiro trabalho na área de Psicologia Organizacional que foi numa multinacional. E, atualmente, seu trabalho em outra empresa, mas dentro da mesma área. Laura se sente neste momento mais independente porque tem o próprio dinheiro, diz: “hoje se eu quiser ir num lugar caro eu vou, não preciso mais ficar pedindo dinheiro para os meus pais. Nem peço para ir, eu simplesmente vou e compro e depois aviso eles que vou. Isso foi um grande passo porque como São Paulo é uma cidade que tudo é caro, antes não fazia algumas coisas porque achava caro e não queria pedir para os meus pais. Hoje estou mais livre porque como o dinheiro é meu. Depois, Laura completa que nesta fase ela sente que conseguiu unir a independência psicológica que veio conquistando aos poucos, com a independência financeira. E diz: “quando eu me formar talvez será melhor ainda porque meu pai não estará gastando mais nada comigo; só com moradia”.

Perguntei quais foram as pessoas mais significativas para ela durante este processo. Laura me respondeu que as mais presentes foram os pais e a irmã, “minha família”. Porque, segundo ela: “eles me deram apoio e me incentivaram a fazer tudo. Sempre me falavam: “vai lá”, “vai atrás”, etc. Se fosse ao contrário teria sido muito mais difícil porque além das dificuldades que já enfrentei ao fazer cada uma dessas coisas e enfrentar essas situações desconhecidas, se eu não tivesse tido o apoio dos meus pais seria ainda mais difícil e talvez, eu até não teria feito”. Assim, Laura concluiu

que se não tivesse tido o apoio dos pais seriam duas lutas (apoio e enfrentar as situações para crescer), mas, como os pais sempre a incentivaram e estiveram do lado dela, ela sente que só enfrentou as dificuldades das situações desconhecidas e, assim, foi mais fácil.

Depois, perguntei se tinha mais alguma (as) pessoa (as), ela pensou e me respondeu: “Talvez uma amiga, ela sempre foi engajada com essas coisas de emprego, tipo, onde procurar, como fazer, como montar um bom currículo, e tal. Isso me ajudou bastante também”. E depois, Laura completou dizendo que hoje em dia, uma pessoa muito significativa na vida dela é o namorado porque “ele já não mora mais na casa dos pais, porque a família dele não é de São Paulo. Então, ele já é mais independente e me ajuda a pensar em coisas que eu não pensava antes. Ele é mais planejado porque teve que pensar em certas coisas mais cedo, “por obrigação”, por ele já morar sem os pais”.

Pergunto: Como você se vê hoje em relação à autonomia e independência em sua vida? Ela me diz que hoje ainda não se sente completamente independente por ainda morar com os pais, eles lhe pagarem algumas coisas. Mas, disse que se sente caminhando para isso (ser independente) e complementa: “o que posso ir tirando dos meus pais pagarem eu vou tirando, por exemplo, ano passado já paguei uma parcela do IPVA do meu carro, este ano já paguei duas, ano que vem pretendo pagá-lo inteiro. O estacionamento da faculdade eu que pago, a gasolina que uso também. Sei que meus pais ainda fazem muito por mim, mas acho que o que estou fazendo é o caminho. Só não sei até quando vou morar na casa deles; isso é uma dúvida para mim, porque não sei se sairia de casa para continuar morando em São Paulo mesmo”. Quanto à autonomia, Laura disse que lida bem com suas responsabilidades, e diz: “eu que respondo às minhas responsabilidades, não vou atrás dos outros para resolverem por mim. Sinto que estou administrando as coisas, uma de cada vez, como to fazendo com o IPVA, senti o dinheiro saindo da minha conta e acho que isso é importante para o meu crescimento, dou mais valor para isso e me sinto mais responsável também” e depois completa: “Antes, por exemplo, se uma festa custava R\$100,00 me sentia mal de pedir para os meus pais porque é caro; hoje eu continuo achando este valor caro, mas vou e compro com o meu dinheiro, fruto do meu trabalho. Me sinto mais tranquila porque as conseqüências de gastar esse dinheiro são minhas, sei que é um dinheiro usado para sair, mas, na idade que estou acho certo aproveitar”.

Depois, perguntei a Laura como ela vê que os pais estão encarando esta etapa do desenvolvimento dela. Ela: “Vejo que minha família está passando por uma fase de crescimento. Está começando cada um cuidar da sua própria vida. Vejo isso principalmente na minha mãe que começou a cuidar mais dela”. Pedi um exemplo. E ela falou: “Agora ela começou a fazer pilates e, por isso, não pode fazer almoço todos os dias. Já não tem mais esse compromisso. O meu pai não mudou muito porque sempre foi mais na dele mesmo. Mas, tenho percebido que meus pais têm feito planos de viajar no final de semana sozinhos. Tenho visto que eles estão se “desvinculando” de mim e da minha irmã, e eu e ela sempre os incentivamos falando que eles podem ir e que ficaremos bem”. Perguntei como acontece quando os pais viajam, se eles só avisam que vão ou se ainda perguntam a elas se querem ir. Laura disse: “eles nos avisam e se queremos ir a gente se convida. Por exemplo, eles dizem: pensamos de ir para fazenda, o que vocês acham?”. Perguntei como é para a mãe dela, que não trabalhou e se dedicou mais aos cuidados das filhas, e que a própria Laura diz que ela é mais “apegada”, como ela lida com esse “distanciamento” entre os membros da família. Laura me disse: “Ela comenta que sente saudade e vejo que ela se esforça para estarmos juntos, mas sinto que ela se esforça para entender esta fase, não brigamos por isso”. Quanto a irmã, Laura disse que ela ainda está mais “presa” para fazer as coisas com os pais porque ainda depende deles financeiramente. Já ela, toma decisões sozinha, por exemplo, neste feriado da páscoa foi viajar com o namorado para a casa dos pais dele e os pais e a irmã foram para fazenda. Sobre isso ela disse: “é difícil meus pais proibirem, hoje não fazem isso mas nunca foram de fazer. Acho que isso bem da criação e da liberdade também, eles confiam na gente”.

Perguntei o que a família ainda faz junto. Ela disse que os horários não batem muito, mas, aos finais de semana, tentam tomar café da manhã ou almoçar juntos. Ela disse que nesses momentos ficam todos sentados à mesa e conversam bastante, sobre o que fizeram na semana, ela conta do estágio, a irmã da faculdade, comentam da vida dos outros, da novela, etc. Nesses momentos, o pai é o que menos fala, mas está sempre presente.

Perguntei o que ela acha da realidade do mundo de trabalho hoje? Se sente muita competição e/ou necessidade de ter muita competência no que faz e se acha que essa realidade, de alguma forma, faz o jovem querer ficar mais tempo na casa dos seus pais,

por sentir que lá é um ambiente seguro? Ela disse: “Eu acho que o ambiente de trabalho está cada vez mais competitivo e, cada vez mais, exigem mais do funcionário. Com certeza, isso influencia para ele não querer sair de casa, exatamente pelo conforto e pela segurança que esta provê; primeiro de não ter gastos com contas, já que os pais pagam tudo. Segundo, por coisas de casa mesmo, eles têm comida, roupa lavada, companhia...acho que é muito mais confortável morar na casa dos pais...Eu acho que morando com os pais eles acabam tendo mais tempo para se dedicar para coisas que gostam tipo esportes, cursos, etc., e não perdem tempo cuidando da casa e com as responsabilidades que uma casa traz”.

Lhe perguntei o qual sua opinião sobre pais super protetores e a tendência atual chamada "Geração Canguru", que são filhos que não saem da casa dos pais. Ela disse: “Eu acho que não tenho uma opinião formada quanto a geração canguru...eu acho que não é muito saudável morar com os pais durante tanto tempo...como eu disse, eu gostaria de sair de casa antes de casar porque acho importante a responsabilidade que isso me traz e o crescimento também. Eu acho que o conforto de morar na casa dos pais é muito bom e "seguro" é um lugar que você conhece e que não tem muitas responsabilidades....acho válido morar junto até um certo momento, quando consegue estabilidade financeira por exemplo, por que eu também não sairia de casa para os meus pais me bancarem em outro lugar...a hora que eu sair vai ser para ter uma vida realmente independente, e isso conta a parte financeira. Eu não conheço muito o que tem de estudo sobre a geração Canguru, mas, considerando que os filhos sairiam de casa muito velhos (mais de 30 anos) eu não concordo muito, não acho que isso seja saudável tanto para os filhos quanto para os pais. O filho fica com mais dificuldade em criar sua individualidade e independência e o pai também continua vivendo sua vida em função do filho, sem deixar ele se desenvolver para poder se virar sozinho. Eu tenho um exemplo dentro de casa que acho completamente errado em relação a isso...eu sei que é outra geração mais mesmo assim serve de exemplo para mim. Esse exemplo é a relação dos meus avós com meu pai e minha tia. Meus avós são extremamente controladores e super-protetores, querem sempre ter controle das coisas e muitas vezes querem fazer por nós, nos poupando do esforço. O que eu acho que eles não pensam é que o esforço é muitas vezes o fracasso, o sofrimento e o caminho das pedras é o que nos faz crescer, se recebemos tudo nas nossas mãos, depois provavelmente não vamos conseguir nos virar sozinhos. Até hoje (meu pai tem 50 anos e minha tia tem 51) eles "se metem" nas

coisas e querem resolver tudo, palpitar em tudo...eu entendo que a intenção deles é a melhor, é de que agente faça o que for melhor para nós, ou pelo menos o que eles julgam que seja melhor para nós. O ruim é que muitas vezes eles estão errados. Acho isso um pouco de egoísmo, de querer ter tudo para si e não conseguir deixar os filhos seguirem seu caminho. A relação da minha tia com a minha avó é absurda, elas se falam todos os dias, minha avó sabe de tudo da vida da minha tia e dos meus primos, sempre palpita muito e acaba contando para mim, por exemplo, coisas que eu nem precisava saber...(o que me faz pensar que ela também conta as minhas coisas para o resto da família, e isso me irrita). Enfim, queria dizer que acho que a relação entre pai e filho tem que ter um limite, uma distância que é necessária para um bom convívio, saudável e que cada um respeite o espaço do outro. Com a geração canguru acho que isso fica mais difícil....”

Perguntei como os pais vêm o movimento dela para ter mais “liberdade” como, por exemplo, de dormir fora de casa. Laura disse: “Com o namorado é mais difícil. Em relação ao trabalho e a faculdade foi mais fácil, sem problema nenhum. Quando fico na casa do meu namorado, fico mais ausente de casa. Vejo que meus pais tentam entender porque conversei bastante com eles explicando que é normal. Às vezes minha mãe fala: “você vai dormir lá de novo?”, mas é sem briga, tento sempre reforçar que hoje em dia isso é comum. E vejo que eles se esforçam para entender. Mostro que é normal e minha mãe já chegou a falar: “Mas eu fico pensando se um dia vocês terminarem e você ter outro namorado e ir dormir na casa dele também”, daí, eu digo para ela ver quantos namorei e explico que não sou deste tipo, que tenho responsabilidade”. Quanto esse assunto dela dormir na casa do namorado, Laura sente que o pai é mais tranquilo e que ele conversa bastante com a mãe dela sobre isso. Laura conta: “um dia meu pai falou para minha mãe que os filhos são que nem uma flecha, quando são criança podemos moldar da nossa forma, mas, quando crescem, atiramos essa flecha para o mundo, daí, precisamos confiar no que ensinamos”. E disse também que o pai fala para ela que o namorado dela vai pouco a casa deles. Daí ela respondeu para ele: “Pai ele não vem muito aqui porque ele não vai dormir em casa com todo mundo aqui. E durante a semana não nos vemos”. Depois, Laura conta que um dia o pai veio perguntar a ela como fariam se fossem todos para a fazenda (família + namorado dela) porque ficam em hotel: “ele me perguntou se ficaríamos todos num quarto e o C. em um separado ou

se eu ficaria no mesmo quarto que o C.. Daí, eu disse que ficaria no quarto com C., não teria por que ele ficar sozinho”. E o pai aceitou numa boa.

Depois, Laura disse que na casa do namorado é diferente: “Quando vou para casa dele os pais dele lidam conosco como um casal crescido. Sempre dormimos juntos lá sem problema.

Perguntei o que ela acha do namorado dela dormir em casa. Ela me respondeu que acha que tem um limite. Que na casa dela não conseguiria dormir com ele lá com todos da família lá também, porque o histórico da família dela é diferente, não é comum dormir com o namorado em casa. Mas, o namorado dela tem bastante espaço na casa dela, sempre que vai lá dialoga bastante com os pais dela e se dão bem, quanto a isso ela diz: “é ótimo”. E disse que acredita que nunca caiba na casa dela dormir com o namorado e completou: “talvez é uma visão machista. Mas homem não dorme na casa da namorada. A mulher respeita mais sua casa”. E depois completou dizendo: “nós que impomos as coisas, a partir de uma idade, os filhos que “ditam” como dançar a música em relação ao comportamento como casal”.

Perguntei a ela o que ela pensa sobre sair de casa. Laura me diz que a condição financeira é determinante para ela não sair. E diz: “não sairei de casa se não conseguir me sustentar sozinha. Mas esta questão é indefinida para mim por que tenho dois pontos de vista: o primeiro é que não sairia para morar sozinha, sem companhia de ninguém. Sairia de casa se fosse para eu morar com alguma amiga ou com meu futuro marido, ainda mais sendo na mesma cidade que meus pais morar. O segundo ponto de vista é que não gostaria de sair de casa só para casar, sairia antes para fazer um “*test drive*” com meu futuro marido ou com as minhas amigas porque acho que esta é uma mudança muito grande e se for feita em etapas é melhor. Sair direto casada é muita responsabilidade, acho melhor ir aprendendo aos poucos. Então, podendo, acho que não precisa dar um pulo muito grande, se fizer em etapas é melhor, a pessoa vai se adaptando aos poucos”. E depois disse que quanto a isso, vê que quem saiu da casa dos pais para estudar já é mais fácil, porque já está vivendo ter responsabilidades, cuidar de uma casa, conviver com pessoas diferentes, etc. Além disso, essas pessoas tiveram que sair de casa para estudar, ao contrário dela que tem que escolher sair ou não, e isso pode causar nos pais sentimentos do tipo: “você não está feliz aqui?”, “não está bom aqui?”.

E depois disse: “no meu caso, específico, acho que esse tipo de questão não vai acontecer porque meus pais vão entender, eles sabem que eu gosto de ter a minha independência e, desde pequena, sempre diz que queria ter a minha casa. Acho que eles lidariam bem com isso porque estamos vindo construindo uma relação assim, de diálogo e de respeito”. Perguntei se ela ficaria na casa dos pais por comodismo e ela disse: “não, isso é o que menos me preocupa. Eu quero ter que me virar com o que comer, em arrumar a casa, em lavar minha roupa”. Depois, Laura disse mais: “Tenho vontade de ter o meu espaço, de ter um lugar inteiro meu em que eu coordeno e faça tudo. Ou, pelo menos, que eu tenha o mesmo poder que a pessoa que mora comigo, porque, provavelmente teremos opiniões mais parecidas. Acho bom ter essa convivência mais “igualitária” que só é possível com outras pessoas que não seus pais, até porque os pais têm que ter hierarquia mesmo, acho bom que tenha. Mas, por exemplo, morando com meus pais não posso me incomodar com a bagunça na sala do meu pai. Mas, quero ter um espaço completamente meu para ficar do jeito que eu quero”.

Depois, Laura completa este assunto de sair da casa dos pais dizendo: “O momento disso não é agora. Estou conquistando as coisas aos poucos, em termo de gastos e responsabilidades, hoje eu quero primeiro trocar o meu carro que é uma coisa “menor”. Enquanto não tiver uma grande necessidade não vou pular nada, vou aos poucos”.

Perguntei como ela acha que os pais encararão a saída dela de casa. Ela me disse: “seria um sofrimento porque é uma mudança grande. Deve dar um vazio físico, mas sei que eles lidariam bem também. Provavelmente eles ocupariam meu quarto com outra coisa e eu iria ajudá-los a pensar no que transformá-lo. Terá sim um período de instabilidade, de adaptação, mas não uma crise, seria natural. E seria bom para mim também voltar na casa deles e ver que meu quarto mudou, que meu espaço mudou, isso é um crescimento”.

Para terminar, perguntei como ela vê sua independência financeira e autonomia de sua vida em relação às expectativas que tinha antes de conquistar isso, quais são as maiores preocupações que ela tem hoje e quais são seus desejos para o futuro. Ela me respondeu:

#### EXPECATATIVAS:

“Comecei mesmo a ter expectativa quando entrei na faculdade. Daí que comecei a pensar na minha carreira e no meu futuro profissional. Em relação a minha carreira, estou dentro do que esperava e na área que eu queria trabalhar mesmo. O estágio também é o que eu queria”.

#### PREOCUPAÇÕES:

“Minha maior preocupação é manter o que eu já consegui agora, tanto do psicológico quanto do material. Penso em melhorar de emprego e sei que para isso terei que me esforçar bastante, trabalhando bastante, fazendo pós, etc”

#### DESEJOS:

“Eu quero que dê certo conseguir equilibrar a vida profissional com a pessoal porque quero muito ter filhos. Esta será a maior realização da minha vida. Então, desejo crescer, tem uma boa bagagem no que eu faço para que as pessoas se interessem pelo meu trabalho. Por exemplo, seria legal dar uma palestra numa faculdade um dia e oferecer conhecimento através das minhas experiências pessoais. Por último, pretendo fazer trabalho voluntário. Estou fazendo estágio no hospital este semestre e estou adorando. Mas, isso é segundo plano porque precisa “bater” com meus horários. Então é isso, pretendo casar, ter filhos e equilibrar minha vida profissional e pessoal”.